



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



PATRICIA CHAME DIAS

**TRABALHO E LAZER NA METRÓPOLE:
LUGARES E FLUXOS
DAS DIFERENTES CLASSES SOCIAIS
NA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR**

Salvador - BA
Setembro – 2016

PATRICIA CHAME DIAS

**TRABALHO E LAZER NA METRÓPOLE:
LUGARES E FLUXOS
DAS DIFERENTES CLASSES SOCIAIS
NA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa

**Salvador - BA
Setembro – 2016**

Ficha Catalográfica elaborada pela
Biblioteca do Instituto de Geociências – UFBA

D541 Dias, Patricia Chame.

Trabalho e lazer na metrópole: lugares e fluxos das diferentes
classes sociais na Região Metropolitana de Salvador / Patricia Chame
Dias. - Salvador, 2016.

358 f. : il. + anexo

Orientador: Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de
Geociências, 2016.

1. Geografia humana – Salvador, Região Metropolitana de (BA). 2.
Trabalho. 3. Lazer. 4. Classes sociais. I. Serpa, Angelo Szaniecki Perret.
II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências. III. Título.

CDU: 911.3(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

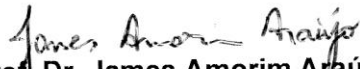
**TRABALHO E LAZER NA METRÓPOLE: LUGARES E FLUXOS DAS
DIFERENTES CLASSES SOCIAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DE
SALVADOR**

PATRICIA CHAME DIAS

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa
Doutor em Planejamento Paisagístico e Ambiental
Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFBA, Brasil.



Prof. Dr. James Amorim Araújo
Doutor em Geografia Humana
Departamento de Ciências Humanas, UNEB, Brasil.



Prof. Dr. Janio Laurentino de Jesus Santos
Doutor em Geografia
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial, UEFS, Brasil.



Prof. Dr. Wendel Henrique Baumgartner
Doutor em Geografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFBA, Brasil.



Profa. Dra. Maria Encarnação Beltrão Sposito
Doutor em Geografia Humana
Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, UNESP, Brasil

Aprovada em Sessão Pública de 22 de setembro de 2016

CADERNO DE CAMPO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. DIÁRIO DE CAMPO	5
DIÁRIO DE CAMPO - 12/04/2014	6
DIÁRIO DE CAMPO - 26/04/2014	9
DIÁRIO DE CAMPO - 30/04/2014	11
DIÁRIO DE CAMPO - 23/05/2014	14
DIÁRIO DE CAMPO - 31/05/2014	16
DIÁRIO DE CAMPO - 14/06/2014	18
DIÁRIO DE CAMPO - 05/07/2014	19
DIÁRIO DE CAMPO - 12/07/2014	21
DIÁRIO DE CAMPO - 17/07/2014	24
DIÁRIO DE CAMPO - 18/07/2014	25
DIÁRIO DE CAMPO - 20/09/2014	27
DIÁRIO DE CAMPO - 27/09/2014	29
DIÁRIO DE CAMPO - 03/10/2014	31
DIÁRIO DE CAMPO - 17/10/2014	33
DIÁRIO DE CAMPO - 03/11/2014	36
DIÁRIO DE CAMPO - 04/11/2014	41
DIÁRIO DE CAMPO - 05/11/2014	43
DIÁRIO DE CAMPO - 07/11/2014	44
DIÁRIO DE CAMPO - 10/11/2014	46
DIÁRIO DE CAMPO - 24/11/2014	48
DIÁRIO DE CAMPO - 25/11/2014	53
DIÁRIO DE CAMPO - 27/11/2014	56
DIÁRIO DE CAMPO - 29/11/2014	59
2. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	64
Entrevista 1	66
Entrevista 2	78
Entrevista 3	86
Entrevista 5	97
Entrevista 5	106

INTRODUÇÃO

Este volume da tese resulta do trabalho de campo. Ele é constituído de duas partes. Na primeira, encontra-se parte do diário de campo e, na segunda, a transcrição completa de todas as entrevistas e alguns comentários sobre seu conteúdo e a situação em que ocorreram.

Neste volume se expõem detalhes dos bairros em estudo. Igualmente se evidenciam, ainda que parcialmente, as falas de alguns daqueles que se constituíram nos sujeitos desta pesquisa. Com isso, objetiva-se trazer à luz um conteúdo que não se pôde apresentar ou detalhar na tese. Além disso, pelo que se observa aqui, é possível ter uma ideia mais apurada das características daqueles que possuem um ou outro modo de interpretar trabalho e lazer, bem como o lugar em que vivem.

Nota-se que se escreve na primeira pessoa, diferentemente do que aconteceu no restante deste texto. Julgou-se que, embora esse procedimento não seja algo comum, é compatível com o que se passou nessas situações. Mais do que em outras partes desta pesquisa, a subjetividade se fez presente e, de uma maneira ou de outra, trata-se da narrativa que fiz em campo, do experimentei no correr desse processo de trabalho.

1. DIÁRIO DE CAMPO

Registro aqui observações feitas a partir das conversas tidas com moradores da área de pesquisa e das andanças no Aracui e em Pitangueiras. Do mesmo modo, estão transcritos fragmentos do que se levantou em alguns dos questionários. Expõe-se o que se percebeu, aquilo que se viu e escutou e as impressões que se teve.

No que tange aos questionários, foram muitas as falas interessantes. No entanto, neste documento consta apenas uma parte do que se registrou. Buscou-se expor tanto colocações que foram recorrentes, como aquelas que revelam alguma particularidade.

DIÁRIO DE CAMPO - 12/04/2014

Os objetivos da minha ida a campo neste dia foram os de estabelecer contato inicial com a Associação dos Moradores do Aracuí (AMA), de modo que a mesma contribuísse para a realização do trabalho de campo.

Era um sábado e a manhã estava ensolarada. Por volta das 10h30min, encontrei-me com o presidente dessa associação, dois membros de sua diretoria e um colaborador. Isso aconteceu na sede da instituição, uma casa relativamente ampla, mas, com uma estrutura pouco conservada. Na varanda, iniciamos a conversa.

A reunião foi marcada apenas com o presidente – Antônio Roberto dos Santos – porém, ao chegar lá, Mileny, diretora de marketing, também estava presente. Pouco depois chegaram Márcio (conhecido no bairro como Bal) e Ronaldo, um dos diretores do Hospital Menandro de Farias¹. Ele contou que “ajuda” a comunidade, conseguindo atendimento naquele hospital.

Para essa reunião, não foi realizado um roteiro prévio, a ideia era estabelecer um *rapport* de modo que a associação aceitasse e divulgasse a pesquisa, permitindo que seu espaço fosse usado para estabelecer contato com alguns moradores.

Fui recebida com um sorriso e votos de “bem vinda” por Antônio, que assumiu a direção da associação em 2013. Expliquei o objetivo de meu contato e a intenção de realizar uma pesquisa sobre o cotidiano dos seus moradores. Informei também que, em 2005, já havia feito outra pesquisa no bairro. Como havia levado uma cópia da dissertação, mostrei-a a ele. Pediu-me para olhar o trabalho e folheou-o. Falei-lhe que, naquela ocasião, tive contato acesso a pessoas da diretoria. Perguntou-me com quem havia falado, e após obter minha resposta, disse que ela ainda morava em outra parte do bairro, na travessa Rodolfo Barros.

Após devolver-me a dissertação, Antônio falou que esse trabalho será importante, estando de acordo com os objetivos da associação: realizar uma aproximação dos moradores e conhecer suas demandas, “fazer um cadastro”.

Permanecemos na varanda. Ele estava sentado atrás de uma pequena mesa na qual estavam duas pastas repletas de documentos. Fiquei, como ele me indicou, sentada à sua frente. Os demais colocaram-se em cadeiras próximas.

Falando livremente, ressaltou que muitas pessoas pensam que ser presidente de associação é um meio de ganhar dinheiro, de “virar vereador”. “Posso até não conseguir melhorar a comunidade, mas, vou tentar”. Discorreu sobre os problemas deixados pela administração que o antecedeu, destacando as contas atrasadas e a falta de credibilidade da associação. “Eles [os integrantes da gestão anterior] só se preocupavam em fazer festas”. Mencionou que o imóvel, em que está a associação, estava sujo, com a pintura desgastada, e a área aberta cheia de mato. Aos poucos, como comentou e pude ver a partir de suas sinalizações, vem fazendo reformas e “arrumando a casa”.

Antônio fez questão de apresentar uma das características do grupo que preside: todos os diretores da associação são “jovens”, “filhos do bairro e sabem onde o sapato aperta”. Afirmou: “meu intuito era formar uma associação de jovens”. Ele mesmo, que trabalhava como agente portuário na Companhia de Docas da Bahia (Codeba), tinha 31 anos e Mileny, que faz parte de um grupo de teatro, 21. Acrescentou que a AMA não atendia só às pessoas do Aracuí, mas também àquelas residentes na Lagoa dos Patos (lá existe uma associação “só no papel”) e do Chafariz².

¹ O Hospital Estadual Menandro de Farias é situado na Estrada do Coco, próximo à entrada principal de Vilas do Atlântico. Na ocasião, era o único hospital mantido pelo governo estadual no município.

² Lagoa dos Patos e Chafariz são dois bairros próximos ao Aracuí, ambos formados a partir de intenso processo de invasão que se acentuou nos anos 1980 (conforme relato dos moradores). A respeito desses lugares, seja na mídia, seja no senso comum, pesa a pecha de violência e tráfico de

Com a aproximação dos senhores Ronaldo e Márcio, a reunião tomou outro rumo e criaram-se conversas paralelas. O primeiro falava dos novos serviços de angiologia e ortopedia implantados no hospital e da possibilidade de conseguir consultas e cirurgias para moradores do bairro. “É só dizer que é do Aracuí ou que foi você [Antônio Roberto] que indicou, que falo com o médico, que é gente boa... ele atende”. Comentou também sobre alguns casos aos quais deu encaminhamento e sobre resultado de tratamentos de pessoas indicadas pela associação.

Márcio falou sobre uma visita que fez ao bairro de Vida Nova, a convite de moradores de lá, e dos problemas que eles e os novos moradores das áreas Minha Casa Minha Vida estão enfrentando: “Como é que botam mais de cinco mil pessoas lá sem saneamento, sem escola sem posto de saúde, transporte?” Mencionou que a questão do transporte é um problema em Lauro de Freitas e que não vai se resolver porque “cada vereador tem suas topics” e que essas circulam de forma desordenada. Acrescentou que os vereadores só prestam atenção nos moradores na época da eleição. Depois, “pega (sic) os homens da minha classe e deixa aí, não serve pra nada”.

Reclama também da localização dos postos policiais e das rondas. “Por que na zona de conflito não tem policial?... Tem posto em Vilas, tem que ter mesmo. Mas, por que não tem na Lagoa dos Patos? A ronda só vem depois que as coisas acontecem”.

Para Márcio, a educação era outro problema do bairro. Disse que vinha tentando, junto à Secretaria de Educação, que colocassem ensino de inglês na 3ª e 4ª série. “Sou brasileiro, mas, se você não fala inglês não consegue nada. Qualquer emprego pede pra falar inglês”. Falou: “se na escola particular tem, por que na pública não se consegue?”

Antônio e Mileny falaram da preocupação em manter as “raízes” do bairro, “tem muito morador novo que não sabe nada do Aracuí”. Eles estão querendo “tomar depoimentos dos antigos moradores”, fazer uma espécie de documentário para o TVMemória. Mencionaram que estão chegando novos moradores que não sabem nada e não interagem com o bairro. Os jovens também não estão preocupados com o que está acontecendo: “A gente luta contra um sistema fila da mãe (sic). É Big Brother, é cada música!”, diz Ronaldo. Antônio completa: “a democracia veio atrapalhar muito, ninguém faz nada...”.

Antônio comentou que o programa Bolsa Família³, embora seja uma coisa necessária, “não tô dizendo que não é, mas, precisa de mais fiscalização. É uma troca sem troco [...]. Só porque bota o filho na escola?!?”. Acredita que o recebimento do benefício deveria ser condicionado à pessoa fazer um curso. “tem uma mulher aqui... tem três filhos, arranjei uma faxina pra ela, mas, não quis. ‘Chega no fim do mês passo meu cartão e pronto. Eu! Ficar limpando a casa dos outros!’” Segundo Antônio, essa pessoa, assim como outras que conhece, pegam o dinheiro dado pelo Governo para “tomar cachaça”. Além disso, entende que o “bolsa família sustenta o tráfico”. Para ele, alguns jovens constroem as mães a dar-lhes o dinheiro. “O que é R\$100,00, vira R\$1.000, rapidinho... Aí o cara vê o dinheiro fácil, não vai querer trabalhar”.

De acordo com Antônio Roberto, a favela não se articula com os demais espaços da região. Quem mora na Lagoa dos Patos (favela) não anda no Chafariz ou Aracuí. Comenta ainda que “O recurso tá na favela”. “O comércio lá funciona direitinho, não tem assalto”. “Cê (sic) num ouve falar de roubo a mercadinho, de loja... Ninguém fala, mas todo mundo paga pra não ser roubado”. Há, segundo diz, na Lagoa dos Patos, a “compra” da segurança; os consumidores locais sustentam esse comércio, fazem de lá seu principal local de consumo. Noutras partes da região (Chafariz e Aracuí), de acordo com sua avaliação, não há tal pagamento. “Lá tem comércio maiorzinho, mas, não pagam”.

drogas, algo que se afirma a partir de fatos policiais que, recorrentemente, acontecem nessas áreas da cidade ou envolvendo seus moradores.

³ Programa implementado pelo Governo Federal que realiza transferência direta de renda às famílias consideradas em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. Iniciado em janeiro de 2004, seu propósito é impulsionar a superação da situação de vulnerabilidade social e pobreza.

Avaliou que “o trabalho social é muito perigoso. Nasci no Aracuí, moro no Chafariz e desenvolvo meu trabalho na Lagoa dos Patos [...] Tenho que tá com o lado da moeda em pé”. Não pode tomar partido, ser contra ou a favor. Chamou, então, a atenção para a questão da violência e do tráfico de drogas. Márcio e Milene concordam com ele; a violência aumentou muito em toda Lauro de Freitas e no Aracuí também.

Falaram que a AMA sedia um curso de enfermagem, com direito ao Coren, mas, que poucos do bairro participam, “custa só R\$130,00 para sócio, mas, as pessoas não confiam, não vêm. Aí eu digo, procure Bal, ele já tirou o Coren dele”. Márcio confirmou – “é..., posso trabalhar em qualquer hospital”- e informa que haverá curso de garçom numa igreja evangélica próxima, ligada à vereadora Mirella. Então, Antônio e Márcio discutiram se deveriam ou não divulgar o evento já que há uma vereadora envolvida. Márcio contou que falou com o pastor e que, segundo esse último, ela frequenta a igreja, faz palestra lá porque é médica, mas, que na eleição é outra coisa. “Ela é uma pessoa boa, mas, ainda não sabe bem lidar com as cobras de lá [os vereadores]”. Decidiram fazer a divulgação.

Para Márcio e Antônio, é muito difícil conseguir alguma coisa para a associação na prefeitura, por conta da briga política interna: a coligação de vários partidos faz com que dentro de uma mesma secretaria haja diferenças que interferem nas decisões. De acordo com Márcio, “eles fazem a política suja, tudo depende do vereador que você apoiou”. Ele e Mileny exemplificam com a seguinte situação: conseguiram, com um dos diretores da Secretaria Municipal de Saúde, que o trailer que faz a atenção à saúde fosse levado ao Aracuí. O acerto foi que o mesmo ficaria dentro da associação de modo que as pessoas pudessem esperar na sombra, na varanda. Porém, o responsável pela liberação do trailer “não se dá com ele” (aquele diretor) e o mesmo ficou do lado de fora, obrigando as pessoas ficarem no sol enquanto aguardavam atendimento. “Eles tão (sic) pouco se lixando pra a comunidade”.

Outro exemplo. Os próprios membros da diretoria limpam e espalham brita no terreno ao redor da associação – embora a Secretaria de Serviços Públicos (SESP), da Prefeitura de Lauro de Freitas tivesse dito que executaria o serviço. “Quando o cara [o Secretário] não era nada, vivia aqui. Agora parece que não é da comunidade”. Enquanto conversávamos, Antônio informou que estava na AMA, desde as 8h., aguardando o caminhão da SESP que viria tirar o entulho, conforme havia sido acertado.

Comentaram que há muita desorganização na prefeitura, que “cada um quer tirar o seu”. Exemplificam: havia 40 gerentes de trânsito para 13 agentes.

Mileny contou que, ao mesmo tempo, o teto do quiosque da praça – que foi realizada por iniciativa de Márcio, que saiu de porta em porta passando um abaixo assinado – estava caindo. “Eu vi a cena, uma telha caindo. Caindo! Tinha uma criança embaixo. Se pega nela? Se ela morre? Aí iam fazer alguma coisa...”. Ela afirmou que tinha pedido, algumas vezes, a manutenção da praça, “eles só sabem dizer o que fizeram”.

Ao longo do tempo que permaneci na associação, Antônio faz questão de mostrar as pastas, com as contas de luz pagas – quando assumiu a AMA havia um débito de mais de R\$2.000,00 -, de dizer que está negociando as contas do IPTU e regularizando a associação que conta com 23 sócios pagantes (a mensalidade custa R\$10,00). A estratégia de arrecadação de dinheiro tem sido a realização de eventos, o que, para ele, no fim, em termos de melhorias da comunidade, não leva a nada. Quer realizar outras atividades, implantar uma biblioteca, arrumar o espaço para que haja aulas de dança e de capoeira para crianças.

Como a gestão é de três anos, acreditam que ainda dá para fazer muito pela comunidade, mas, é preciso que haja mais envolvimento das pessoas. Tanto Márcio como Antônio disseram que já tentaram se afastar da política, mas, não foi possível. “Quando a gente tem muita informação, é só se aborrecer”. Márcio acrescentou que dizem que ele é chato, reconhece que o é porque gosta das coisas certas, bem feitas.

Após pegar os contatos das pessoas presentes, agendamos para o dia 30 de abril uma reunião, na sede da associação, da qual deverão participar, além dos dirigentes, alguns moradores do bairro. A entrevista foi encerrada às 12h15min e o caminhão da SESP não havia chegado...

Comentário:

É interessante como o presidente da AMA repete, em seu discurso, uma ideia comum a setores da mídia e da classe média: a concepção de que o bolsa família favorece a preguiça e a falta de compromisso com o trabalho.

DIÁRIO DE CAMPO - 26/04/2014

Solicitei a Antônio, por telefone, um novo contato pessoal para acertarmos detalhes da reunião com a AMA. Ele indicou que procurasse Márcio pois não teria como atender-me. Minha intenção com esse encontro era de confirmar a reunião do dia 30 e verificar a previsão de participantes que eles tinham. Do mesmo modo, achei oportuno, até para facilitar sua divulgação, esclarecer os objetivos e procedimentos da referida reunião.

Marquei o encontro com Márcio num sábado, às 9h30min, na AMA. Antônio disse que se pudesse, compareceria. Porém, ambos chegaram mais tarde. Esse último teve um imprevisto: precisou ir à delegacia porque um conhecido havia tido um desentendimento com a esposa e acabou batendo nela. Ela deu queixa e ele foi preso. Esperaram pela delegada para ver se conseguiam “aliviar” a prisão, porém a mesma estava num engarrafamento e demoraria de chegar. “Antes podia tirar a queixa, mas, agora não pode. Ela [a esposa] queria tirar, mas não pode mais”. Márcio demorou-se por causa da chuva, achou que eu não iria porque estava chovendo.

Começamos a reunião, por volta das 10h15min, com Antônio prosseguindo a conversa que tivemos no contato anterior – parecia, inclusive, que não havia sido interrompida! – relatou os problemas que vêm tendo em manter a associação, para pagar contas em dia e os débitos de IPTU. Peço para ver o interior da sede. Ele me apresenta: uma sala grande, com cadeiras onde ocorrem os cursos de enfermagem e capoeira, uma ampla cozinha improvisada como sala de vídeo; uma sala de administração onde havia uma mesa e alguns pequenos armários, recepção, um espaço onde se pretende fazer uma biblioteca e dois banheiros. Além disso, a varanda coberta e o pátio com brita na qual havia uma tenda com cerca de 2,5 m² que ficava ao lado do portão de entrada da AMA. Essa área tinha uma parte coberta por mato e algum entulho, e frisou que, aos poucos, vinha sendo limpa pelos próprios diretores da instituição. Contou como, dias antes, eles tiraram um material velho que estava lá, capinaram e espalharam brita.

Relatou que quando assumiu a presidência, havia sérios problemas com o telhado. A água escorria pelas paredes. A laje tinha tanta água que chegaram a tomar banho nela: parecia uma piscina que “perigava”, pelo peso, desabar. Mostrou-me os buracos que tiveram que fazer na parede para que a água fosse liberada. Também disse que já tinham pintado as paredes, aberto uma nova porta e trocado várias telhas, resolvendo o problema das infiltrações e acúmulo de água.

Confirmando a reunião do dia 30, a informação já estava no facebook da AMA, Antônio avisou-me que deveriam comparecer cerca de 20 pessoas, entre a diretoria da associação e moradores convidados. Aproveitei para perguntar-lhe sua avaliação a respeito do número de sócios pagantes. Para ele, eram poucos, a maioria dos quais moradores antigos do Aracuí, que o conheciam “desde menino”, assim como à sua mãe.

Para ele, essa pequena quantidade se devia a duas razões. Uma se relaciona ao perfil dos novos moradores que “são de uma classe mais alta” e que não têm interesse pela

associação. “Eles acham que porque conhecem um vereador, um secretário, que é só ligar que resolvem seus problemas”. Para Antônio, as coisas não são assim, o vereador não vai fazer nada só porque um ou outro pediu. Havia também pessoas que participavam de alguma igreja evangélica e diziam que não precisavam da associação, pois, lá encontram a paz e que sua casa está em paz. Mas, tem a rua, “isso a igreja não controla”.

Outro problema relatado por ele é que na administração passada a sede da associação era usada para coisas “não muito sérias”. “Tinha gente que vinha de outros lugares... faziam aquelas festas com umas músicas...- nem sei se aquilo é música! - depois o pessoal dormia aqui. Faziam a associação [...] albergue... Isso incomodava os vizinhos. Era muita bagunça”.

Para realizar qualquer evento na AMA, na sua gestão, era preciso seguir as normas, tanto da associação, quanto da prefeitura. Márcio e Antônio afirmaram que isso acabou gerando algumas inimizades no bairro. As pessoas queriam, porque são associados ou conhecidos, fazer qualquer tipo de evento, sem seguir as normas. “Eu não quero precisar dar R\$10 ou R\$20 ou R\$50 a um fiscal para não ter problema. Eu quero fazer tudo certinho para poder cobrar também [...] A gente hoje desaprendeu a cumprir normas”, falou Antônio.

Márcio disse que não só em relação a isso, mas, na própria comunidade, “todo mundo só quer direito, deveres nada!”. Para eles, os vereadores só reconhecem “os filhos do Aracuí” na época da eleição. Depois somem. Antônio afirmou que “é obrigação do poder público conhecer a cidade”, o que, esclareceu, significava conhecer as pessoas e o que elas precisavam. Durante algum tempo argumentou que aqueles que são eleitos mudam, esquecem quem os ajudou e sua origem. Ambos fizeram muitas críticas aos vereadores e secretários do município. Os primeiros só dão atenção a Itinga, maior colégio eleitoral de Lauro de Freitas. “Eu digo a eles, vocês não são vereadores de Itinga, são vereadores da cidade de Lauro de Freitas”, falou Antônio.

Os segundos, assim como seus assessores, ocupam pastas para as quais não estão qualificados. Márcio pontuou que a secretaria de educação era ocupada por uma médica, a esposa do prefeito, “nem da área ela é”.

Antônio mencionou que viu no site do Senado que ele fornece determinados livros que devem ser solicitados via internet a algum senador. Ele fez o mesmo pedido aos três senadores baianos e a uma senadora do Rio Grande do Sul. Apenas essa última respondeu e mandou o material, indagando-lhe o porquê de não ter não ter feito o pedido aos colegas baianos. Diante de sua resposta (a de que havia feito o pedido, mas não foi respondido), ela falou que elaborou um projeto para que nas escolas fossem realizadas aulas sobre a Constituição, com o propósito de que as pessoas conhecessem seus direitos. Ela obteve apenas um voto favorável, o seu própria. “Nem a bancada dela votou no projeto dela! (sic)”.

Para Márcio, ninguém sabe dos seus direitos e aqueles que deveriam zelar pelos mesmos não se preocupam: “os secretários não querem sair das suas secretarias para explicar as coisas e a comunidade não quer sair de casa para procurar saber”. Além disso, pontuou as dificuldades de fazer algo diferente na comunidade, “ninguém acredita”.

Decidiram, no começo do ano, realizar uma festa para as crianças e foram em algumas casas perguntando o que elas queriam ouvir nessa festa. Pediram funk, Anita, Valesca Poposuda, “só deu esse tipo de música”. Ficaram impressionados com o tipo de dança que as crianças praticavam. Antônio falou que elas não se interessam por outra coisa, nem um arrocha, uma musica mais calma, romântica. Lembra que teve uma professora, “uma pessoa maravilhosa que ajuda os outros sem pedir nada em troca”, que se propôs a dar aula de balé de graça para as crianças. Ninguém quis saber. “O pessoal da nossa classe, do nosso poder social, mais humilde, ninguém quer saber de balé, só de funk”, disse Márcio.

Para ele, as escolas deveriam ensinar outras coisas, não deixando que as crianças conheçam apenas o que está na TV.

Antônio contou que na semana anterior houve uma reunião com o secretário de esportes na associação que veio colher sugestões a serem levadas pelo prefeito, na manhã seguinte, a

Brasília. Nesse evento, também houve poucos participantes. Porém, foi uma reunião boa, pois se pôde falar das demandas da comunidade e da necessidade de o secretário e seus assessores saírem do gabinete, irem andar nas ruas da cidade e conhecer os bairros.

Mencionou a ideia de sua mãe de chamar pastores para virem à associação e explicar seu trabalho. “Se o pastor mandar, eles vêm. Quando ele manda, ninguém nem pensa”. Essa falta de interesse da comunidade às vezes o desamina. Tanto Antônio quanto outros membros da diretoria ouviam de seus parentes que não vale à pena o esforço, as horas e noites que se dedicavam à associação.

Falando das dificuldades, lembra que é tensa a relação dos bairros com os quais lida (Aracuí, Chafariz e Lagoa dos Patos). Por isso, não pode se indispor com ninguém e tem que estar atento ao que acontece. “Às vezes tem tiroteio e ligo pra minha mulher: - Onde você tá? Vai logo pra casa!... Tem que ter cuidado.”

Um tema que apareceu com intensidade, mais uma vez, foi a questão da dificuldade de pagar o IPTU do terreno, atrasado há vários anos. Nesse contexto, informaram que a sede da Associação foi conseguida por um acordo realizado pela prefeita Moema Gramacho e a Master Glass. Na época, ela prometeu que daria anistia aos impostos anteriores. Mas, “foi uma coisa de boca, não escreveu em nenhum lugar”, ninguém, na época, “correu atrás” e o atual prefeito não pode fazer nada. As contas têm que ser pagas para que a AMA consiga o título de utilidade pública, se livre de alguns impostos e possa fazer convênios.

Outro assunto tratado foi a disposição da prefeitura em tornar o que hoje é chamado de Aracuí e Pitangueiras em um único bairro, com o nome de Pitangueiras. Eles não entenderam a causa dessa decisão, já que ocupação inicial dessa área se deu no Aracuí. Também não foram consultados ou informados oficialmente dessa mudança.

Confirmamos a reunião, que deverá ocorrer no salão maior da associação, dia 30/04 às 19:30h, na qual serão feitas algumas explicações sobre os propósitos e procedimentos da pesquisa, bem como se fará a primeira abordagem do tema com os presentes. Finalizamos nossa conversa, por intervenção minha, às 11:45h.

Comentário

Esses dois encontros foram marcados por um turbilhão de informações distintas. Em tom simpático e amistoso, embora perceba que a confiança venha se estabelecendo aos poucos, a conversa fluiu muito tranquilamente. Fiz poucas intervenções, normalmente tentando mudar o foco de atenção, quando as ideias começavam a se repetir, ou ampliando-o. Mas, ficou clara a intenção de demonstrar o esforço em “melhorar” a atuação, a estrutura física e o número de associados da AMA. Também se deixou claro o trânsito de alguns membros da sua diretoria nos órgãos municipais, em instituições de saúde e de ensino.

Márcio e Antônio são pessoas que denotam a tentativa de conhecer e fazer uso de seus direitos. Têm preocupação de “fortalecer” a comunidade, conhecendo suas demandas e fazendo pleitos junto a secretários e vereadores.

Interessante, e lastimável, observar que o presidente da associação achava normal que o amigo tivesse “perdido a cabeça” e batido na mulher e lamentado não ter conseguido ajudá-lo a ser liberado da prisão.

DIÁRIO DE CAMPO - 30/04/2014

Quando cheguei na AMA para preparar a sala para a reunião, às 19 horas, estavam lá apenas as alunas e o instrutor do curso de enfermagem. Pouco depois, Mileny chegou. Disse que podia entrar na sala e fazer as modificações que achasse necessárias. Colocou-se à disposição para ajudar-me a arrumar as cadeiras em círculos e dispor o lanche que eu havia levado.

A reunião com moradores do bairro do Aracuí e adjacências e com representantes da AMA, marcada para as 19h30min, foi iniciada às 19h50min, tendo em vista, conforme dito por Mileny, a dificuldade das pessoas em regressar do trabalho e que algumas, que já estavam perto, aguardavam a chegada de outras. No momento de início da reunião, estavam presentes 12 pessoas, aos poucos outros foram chegando, o que totalizou 21 participantes.

Parti do seguinte roteiro:

1. Agradecimento à recepção dada pela AMA e por ceder o espaço;
2. Agradecimento da presença de todos;
3. Apresentação pessoal;
4. Apresentação dos propósitos da reunião e dos objetivos e alguns procedimentos da pesquisa;
5. Solicitar apresentação dos moradores;
6. Realização de tempestade de ideias: o que marca o cotidiano do bairro;
7. Discussão do que foi levantado, destacando as principais ideias;
8. Encerramento da reunião e lanche.

Após cumprir os itens 1 a 4, solicitei a que cada um dos presentes falasse seu nome e o que, em sua opinião, seria uma característica, uma marca do bairro. No entanto, as pessoas começaram a falar sem seguir esse roteiro: as ideias foram surgindo e se completando e, quanto aos nomes, poucos os disseram. Em relação à resposta à questão proposta, seguem as principais ideias:

- “O que penso quando lembro do bairro são os velhos”, disse Jaciara que é moradora de Pitangueiras. “Os moradores antigos, o passado, as histórias de pescador, de mula sem cabeça, de assombração”. Os antigos moradores se ajudavam e seus filhos estavam sempre juntos. “Mãe dizia, vai na casa de D. Arcanja dá (sic) tal recado, vai na casa de Dinha, de seu Avelino”.
- Antigamente, “a gente tinha liberdade de ir para lá e para cá”. Ela e outros moradores falaram das festas de São João, tudo era enfeitado e a comemoração ocorria no barracão onde se colocavam palhas de coqueiro, havia comida e bebida à vontade e boa. “Não tinha briga, confusão”. Antônio e outros falaram das gincanas, das quais participavam pessoas de vários lugares: Aracuí, Pitangueiras, Lagoa dos Patos, do Centro e de Itinga. Eram três dias animados, alegres, havia muita confraternização entre os bairros. Jaciara lembra: “não é por nada não, mas, quem ganhava sempre era Pitangueiras... a gente tinha uma arma secreta, Tonho de Portão, ele trazia uma sacola que tinha de tudo!”.
- Lembraram dos jogos de futebol, também, às vezes, com disputa entre os bairros. Depois do jogo iam para casa de um morador que “cuidava do campo”, onde conversavam: “era aquela bagunça saudável. Não tinha negócio de droga... tinha, mas, tava longe. Hoje tá na porta de casa”. Ainda em relação ao assunto, comentaram: “O pessoal saía para jogar dominó... os velhos, e a gente ia junto”. A diversão dos adultos era passar a noite no dominó e as crianças e jovens que os acompanhavam ficavam “fazendo brincadeiras”. “A gente tinha uma vida ocupada” Outra lembrança do passado foi a dos velórios. Quando morria alguém conhecido, todo mundo ia velar o morto. “Mas, era por causa do café, do bolo (risos)”.
- Falaram das frutas, dos quintais e da brincadeira de roubar frutas na casa dos vizinhos. “A melhor coisa que tinha era roubar a roça de seu Avelino!”, comenta Antônio (seu Avelino, que estava presente, achou graça). “A gente chegava em casa com uma coco, mãe logo procurava saber quem deu, se a gente pediu, ia falar com a vizinha...”, contou Jaciara.
- “Quem mora no Aracuí, Pitangueiras é a mesma coisa”. Décio falou, no que ninguém foi contrário, que é besteira a separação dos bairros porque a vida dos moradores, principalmente dos mais antigos, de quem passou a infância no bairro, como ele – “tenho 36 anos no Aracuí” - é “de lá pra cá”.

Dessa atividade, passei à tempestade de ideias; prendi um papel na parede e escrevi cotidiano. Coloquei a questão: o que marca o cotidiano do bairro no presente ou das pessoas que nele vivem. Registre as respostas no papel, sob o olhar de todos, e apresento-as a seguir.

A primeira resposta, que foi imediata, foi trabalho. A essa se seguiram: trabalho-casa-baba; associação; falta do passado; trabalho o dia todo; dominó; mercado; praia; festa na associação; academia; saudade da avó; nada; barzinho; idosos; futebol; capoeira; e cachaça.

O que se comentou como sendo algo que descreve a vida do bairro foi a falta do passado; violência; drogas; festa na associação; violência; conflito; GBarbosa (“é o shopping daqui, onde todo mundo se encontra, principalmente quando tem promoção”); impunidade; empata-festa; medo; violência; igreja católica; igreja evangélica.

Ao perguntar o que, dentre o levantado, era mais significativo para marcar o dia a dia de suas vidas, apontou-se o medo, o trabalho e a falta do passado.

Seguem alguns comentários realizados durante a aplicação da técnica:

- “Esse passado que agregava, faz falta. O medo atrapalha”.
- “O que faz falta é as pessoas não se preocuparem com a religião [...] O que é a paróquia de São João Batista hoje? Sinto falta dos grupos de jovens, de oração [...]”
- “Os passeios que a gente fazia não dá pra fazer por causa da droga [...] Fica uma coisa alimentando a outra... qualquer coisa a pessoa quer se vingar [...] Se alguém pisa no nosso pé, é a gente que tem que pedir desculpas [...]”

Como a situação permitia, coloquei outra questão: que lugares são importantes para a vida do bairro? Houve mais dificuldade (o tempo para iniciar as falas foi mais longo) e, por ordem, apareceram as seguintes palavras: associação; capoeira; escola Itamar Oliveira (“é onde fizemos nossa formação e a gente esquece a importância dela”); creche (“mas a creche saiu daqui, agora tá em Vilas”... “Mas, as pessoas precisam ver, tá bem melhor! A daqui não tinha condições”); futebol (“a gente joga no campo... Ele fica entre o Aracuí e Pitangueiras”); casa de Edvaldo (morador que tem residência perto do campo); Ponto da Nena; Abafadinho; bar do Dário; e Acarajé da Wilma (“ela é herdeira, a mãe dela D. Dinha é que era a dona do ponto”).

Mileny, que mora há oito anos no Aracuí e tem 21, falou que, embora não tenha vivido o passado tal como relatado por outras pessoas, também sente falta dele. Disse que, pelo que comentam, pelo que ouve dos mais velhos, foi algo muito bom. Ednei, também jovem e que mora há dois anos nesse bairro, fala que não vê nada de ruim no bairro, o que tem de negativo é o mesmo de outros lugares (antes ele morava no Centro).

Foi aberto espaço para perguntas e sugestões. As perguntas foram sobre quando iria iniciar o trabalho e se haveria outra reunião. Seguiram-se sugestões de quem eu deveria entrevistar, falaram de pessoas mais velhas, que moram há muito tempo no bairro.

Durante o encerramento, foi servido um lanche. Uma pessoa falou que “Se soubessem que tinha lanche, vinha mais gente, mas, só vieram os interessados”. A reunião terminou 20h45min.

Comentário:

A impressão que tive foi que, no começo, as pessoas estavam um pouco desconfiadas. Embora a sala estivesse arrumada em círculo, se sentaram nos cantos e tiveram uma postura defensiva. Essa desconfiança pode também ser indicada pelo fato de que dispus um lanche na entrada da sala, informei que estava disponível antes da reunião, porém, todos disseram que não queriam nada.

Como pretendia aplicar a técnica tempestade de ideias, pedi que se aproximassem e ficassem no círculo. Procurei apenas solicitar e não exigir. Alguns se aproximaram, outros

não. Na medida em que comecei a expor o trabalho que havia feito e o que pretendia realizar, de modo geral, a postura mudou – os modos de sentar e as fisionomias. Nos momentos finais da reunião, algumas moradoras, por conta própria, começaram a distribuir o lanche e outros foram se servir.

A reunião seguiu num bom ritmo e, como programado, durou, aproximadamente, 1h. Houve a participação da maioria dos presentes. Ainda que nem todos tenham falado, percebi que estavam atentos ao que era dito, fosse pelos acenos de cabeça ou olhar, fosse pelos breves comentários com quem estava ao seu lado.

Havia pessoas de várias idades, ambos os sexos, antigos e novos moradores e duas pessoas residiam em Pitangueiras, uma das quais, Jaciara, se disse “representante” do bairro, embora a associação esteja desativada. Foi interessante que havia um senhor, Avelino, que foi designado como um dos “fundadores do bairro” que, embora atento, não se pronunciou.

Notei também que nem todos assinaram a lista de frequência.

Um aspecto que parece importante é que o passado apareceu como algo bastante significativo. E o lazer se evidenciou como uma de suas marcas: as brincadeiras, as festas, as “contações” de histórias. No presente o lazer também aparece, são os babas, a associação, a capoeira e os bares. Mas, o termo mais repetido foi trabalho. Foi o primeiro a aparecer, enfatizado várias vezes, e contou com concordância geral no que se refere à vida dos moradores do Aracuí.

DIÁRIO DE CAMPO - 23/05/2014

Embora seja parte de minha rotina transitar pelo bairro do Aracuí, normalmente o faço, a caminho do trabalho ou dele retornando, de carro. Assim, se por um lado acompanhei as mudanças pelas quais aquele lugar vem passando nos últimos 15 anos, por outro, não tinha como captar seus interstícios. Então, a proposta para esta ensolarada manhã de sábado foi caminhar pelo bairro procurando identificar tanto suas estruturas, como sua dinâmica

O bairro de Aracuí, tradicionalmente, é composto por uma rua, a Brigadeiro Alberto Costa e uma travessa, a Rodolfo B. Barros, conforme levantei em 2005 e confirmei com algumas das pessoas com quem conversei na AMA. Porém, há diferenças nas percepções que os moradores tinham de seu bairro. Para algumas pessoas, uma determinada praça, aquela à qual Mileny se referiu no encontro que tivemos na AMA, que fica próxima ao acesso à referida travessa, pertence ao Aracuí, para outros, ao Jardim Jóquei.

De todo modo, a chamada “pracinha” e o largo de Arcanja são pontos importantes para referenciar o bairro e suas localizações. Caminhei da Avenida Luís Tarquínio em direção ao largo de Arcanja, pela rua Brigadeiro Alberto da Costa Matos. Logo na esquina de entrada dessa rua, estão, à direita, um posto de combustível (inaugurado há poucos meses, onde antes existia uma casa com um terreno arborizado), à esquerda, um pequeno prédio onde na parte térrea funciona um restaurante popular, que vende principalmente pratos feitos, popular PF, com preços variando de R\$8,00 a R\$11,99 (na data deste levantamento).

Logo após, em poucos metros, tinha-se uma oficina de fabricação e instalação de toldos, uma indústria de pequeno porte de produção de cosméticos, uma empresa de locação de andaimes e afins, um prédio comercial com três andares, uma empresa de impressão em plástico e a AMA. Entre essas, algumas poucas casas de diferentes portes e um terreiro de candomblé.

Prosseguindo encontravam-se residências populares, sendo que em alguns terrenos as caixas com contador de energia elétrica indicavam a existência de vários domicílios, entre quatro e oito, num mesmo lote. Nesses casos, havia um único acesso, um portão de

pedestres, que permitia que se chegasse aos vários domicílios. Esses, por suas características externas, denotavam certa precariedade (tijolos aparentes, telhados incompletos ou cobertos com pedaços de telhas de fibrocimento ou de plástico). Junto a tais terrenos, encontram-se algumas casas que parecem pertencer a pessoas com maior renda e também poucas chácaras ou casas maiores, essas também relativamente antigas.

Ainda nessa rua existia uma grande propriedade em que se realizam eventos, dois lava-jatos, três salões de beleza, oito restaurantes populares e bares populares. Esses restaurantes e bares fazem as vezes de lanchonete e bomboniere. Encontram-se, além disso, uma loja de reformas e de confecção de roupas e outra, situada num pequeno centro comercial, que vende roupas femininas, lingerie e sapatos.

Na Brigadeiro Alberto Costa Matos estava instalada uma escola municipal que oferece o ensino fundamental I e II (a mencionada Escola Municipal Itamar de Oliveira Rodrigues), duas escolas particulares: uma que atende educação infantil e outra que atende ao infantil e ao fundamental I. No espaço compreendido entre essas últimas, além de domicílios, encontravam-se uma fábrica de polpa de frutas, lava-jatos, um bar e ponto de acarajé (o também citado acarajé de D. Nena), uma loja de material para construção, uma academia, uma loja de confecção e venda de placas.

Nessa rua se localizavam ainda a capela de São João Batista, e, mais próximo ao Largo de Arcanja, uma igreja evangélica, Sal da Terra.

Nessa última localização, no entorno do referido largo, existia um maior adensamento de estabelecimentos comerciais: dois salões de beleza, uma estofadora, duas marcenarias, dois bares, uma padaria, uma papelaria, um ponto de recarga de celular, dois pet shops, uma farmácia, uma pizzaria, uma revenda de água mineral e um horto. Ao mesmo tempo, poucos domicílios, a maioria deles sobre alguns desses estabelecimentos. Esse era o ponto do bairro pelo qual passavam linhas de transporte coletivo, ônibus e micro-ônibus. Esses vêm e vão de Stela Mares, Itapuã e Centro de Lauro de Freitas, principalmente, e circulam, em direção entre o Largo de Arcanja e a pracinha do Aracui.

No entorno e nas proximidades dessa praça, havia poucas casas e estabelecimentos comerciais de pequeno porte. Esses conformavam um conjunto de lojas erguidos em parte da calçada e que tinham por fundos um dos muros da fábrica de polpas de frutas. Nelas se encontravam pontos de venda e instalação de vidros; de comercialização de queijo, manteiga e afins; frutas e legumes; uma imobiliária; loja de venda e instalação de portões, janelas de alumínio etc. De frente para a outra parte da praça estavam uma empresa de segurança, uma revenda de água mineral e uma loja de fábrica de uma confecção. Entre as duas entradas da travessa acima citada estão uma igreja batista e uma adventista, além de alguns domicílios.

No período em que estive no bairro, entre 9:00h e 11:30h, vi poucas pessoas na rua, algumas de bicicleta. Mas, um volume significativo de carros circulava. Movimento maior de pedestres, apenas perto ao Largo de Arcanja, até porque no dia em questão um ex-morador estava realizando, no seu carro, a venda de tênis “de marca”. Ele telefonava para seus conhecidos e os convidava para irem até lá.

No pet-shop e no horto, localizados nesse mesmo largo (que tem um mesmo proprietário), também observei pessoas entrando e saindo. A maioria dos que lá chegavam vinha de carro e estacionava na frente desses estabelecimentos causando problemas no trânsito.

Um ponto a adicionar é que, como realizei trabalho de campo nesse mesmo local em 2005, no passar dos anos ocorreu o aprofundamento de alguns processos, como a substituição de antigos domicílios por estabelecimentos comerciais e o aumento do número de moradias unidomiciliares convertidas em pluridomiciliares.

DIÁRIO DE CAMPO - 31/05/2014

Neste dia propus-me a observar parte do bairro de Pitangueiras. Esse envolve um conjunto de ruas que ficavam, conforme a tradicional divisão da cidade, entre o Aracuí e o loteamento de Vilas do Atlântico. A Rua Noêmia Paranhos, uma das mais antigas em termos de ocupação e adensamento, acompanha toda a lateral do bairro Vilas do Atlântico, tanto que voltados para ela estão os fundos de estabelecimentos cujo endereço é o daquele bairro, como a academia Vilas Fitness, o colégio Perfil e de um colégio desativado. Ela se finda num quarteirão que faz divisa com o condomínio Eco Vilas, cujo acesso é igualmente por Vilas do Atlântico.

Comecei a caminhar nessa rua, numa manhã meio chuvosa, por volta das 10:30h, partindo da Avenida Luís Tarquínio, local cujas características se aproximam às de um bairro popular. Na esquina, de um lado, um pet shop, de outro, uma loja de confecções ao que se segue uma loja de fabricação e venda de cortinas e persianas e um salão de beleza. No andar superior desses estabelecimentos, residências. Após a eles, estavam um bar, um escritório de tatuagens, uma empresa de dedetização e uma de estampas de camisetas. Entre eles, algumas casas.

Seguindo-se ao pet shop, encontravam-se uma série de casas tipicamente populares e um bar. Algumas dessas casas possuem telhas de amianto, também há aquelas de tijolo aparente ou com aspecto de inacabadas. Em alguns domicílios, apenas a parede frontal era pintada. Adiante estava um lava jato, em frente à entrada da Rua Antônio José de Souza.

Após esse conjunto de imóveis, à direita, conforme a direção que escolhi seguir, encontra-se o acesso à Rua Antônio José de Souza, que articula a Rua Noêmia Paranhos à José H. Requião, outra das principais do bairro.

Até esse ponto, a cerca de 100 metros da Avenida Luís Tarquínio, notei um movimento de pedestres algo significativo, o que foi, conforme seguia em frente, gradativamente se reduzindo.

Passada a entrada da Rua Antônio José de Souza, os equipamentos comerciais também foram se escasseando. Daí até o fim da rua – cerca de 550 metros -, excetuando-se uma bomboniere e lanchonete, um salão de beleza e um estúdio fotográfico, instalados praticamente em sequência, predominavam domicílios. Nos primeiros metros, a partir do referido local, prevaleciam imóveis com perfil similar ao do começo da rua. Porém, gradativamente notavam-se algumas moradias de melhor padrão construtivo. Nessas, além de haver pintura em todas as paredes, usavam-se materiais construtivos considerados mais sofisticados como janelas de blindex e portões de alumínio.

Outra observação é que, desse ponto em diante, os terrenos eram maiores. Mesmo as remanescentes casas mais simples têm quintal com árvores ou mesmo mato. Além disso, de forma geral, aparentam maior conforto em termos de espaço interno do que as do começo da rua.

Passando-se da entrada da Rua José Bonifácio – que não é asfaltada e estava, por conta da chuva dos dias anteriores, intransitável a pé -, que também articula a Noêmia Paranhos à José H. Requião, observei pequenos *villages* (com seis domicílios), a maioria com o nome de “residencial”, como Residencial Blue Ville, Residencial Green Ville e Residencial Solar das Mangueiras. Também existiam algumas casas maiores e chácaras.

Porém, a partir da entrada da Rua Antônio Paranhos, o padrão dos imóveis assume um perfil totalmente distinto daquele presente no início da rua. Havia algumas casas que parecem relativamente antigas, entretanto, quando os muros altos permitiam, pude ver paredes pintadas, janelas de blidex ou largos janelões de madeira. O endereço que aí apareceu inscrito nos muros foi Loteamento Morada do Sol.

Daí até o fim da Noêmia Paranhos, o movimento de pessoas e veículos na rua foi escasseando: três pessoas caminhando e dois ciclistas desde a José Bonifácio. O único barulho que ouvi nesse percurso foi o do vento agitando as árvores e as folhas do chão. Como o sol apareceu ameno, o caminhar tornou-se agradável.

Seguiram-se condomínios com o número de unidades residenciais variando entre quatro e 20, algumas casas situadas em terrenos bem grandes, a capela da Sagrada Família e um centro de ação social a ela ligado. Além disso, nessa rua estavam os fundos da academia e dos colégios antes mencionados. E, logo após a entrada da Rua Nilson P. Santana, há, contíguo aos colégios citados, um terreno vazio que, embora cheio de mato, permite o trânsito de pessoas a pé, de motocicleta ou bicicleta entre Pitangueiras e Vilas do Atlântico. Tal terreno, como verifiquei no correr dos anos, algumas vezes foi murado pelos moradores de Vilas de modo a inviabilizar essa circulação, o que não durava muito tempo. As pessoas que necessitavam passar por ali rompiam parte desse muro e voltavam a ir de lá para cá.

Nessas imediações a esse terreno, encontram-se ainda condomínios do tipo *village*, uma grande casa em construção, um pequeno edifício e uma área destinada a estacionamento de um espaço para eventos que fica no final da rua, na esquina com a Rua Rosalvo Barbosa onde “termina” o bairro. Nesta, que estabelece limite com o condomínio Eco Vilas, persistiam quatro sítios (assim nomeados pelas placas no portão) e duas casas.

Numa área onde, em 2005, acompanhei a derrubada de uma casa, encontrava-se um condomínio com quatro domicílios. Outros dois com estrutura similar também estão instalados nessa rua. Três desses possuem nomes similares (Águia Dourada, Águia Livre e Vôo das Águias) denotando terem sido realizados pelo mesmo empreendedor⁴. Caminhando até o fim dessa rua, encontrei duas casas em reforma e um grande lote pertencente a uma empresa de construção, que a usava como depósito de materiais. Praticamente em frente a ela estava um terreno com algumas casas precárias e junto a elas animais como galinhas e cavalos⁵.

Retornei à Avenida Luís Tarquínio pela Rua José H. Requião, que é igualmente parte do Loteamento Morada do Sol. No ponto em que estava pude ver chácaras, casas com terrenos bem amplos, um campo de futebol para aluguel (Maria Madalena Beer Bar) e três condomínios com entre oito e dezesseis casas. A eles se seguiam mais duas chácaras.

Após o acesso à Rua Antônio F. da Costa, existia um prédio. No térreo, funcionava o Mercadinho do Galego, acima dele dois andares com apartamentos. Adiante, alguns terrenos que abrigavam mais de um domicílio, aparentemente com construção algo precária, coisa que apareceu outras vezes nessa rua. Notei, além disso, casas mais simples, com características que as tipificavam como populares. Entretanto, igualmente havia domicílios com padrão construtivo mais apurado, moradias em reforma e em ampliação, e um edifício, relativamente novo, com oito apartamentos, sendo poucos ocupados.

Em termos de comércio e serviços, existia um bufê que fornece salgados e doces para eventos, a Sal Doce; uma empresa que presta serviços de eletricitas; um mercadinho (menor que o do Galego); e uma loja de artigos de cama, mesa e banho. Em frente a essa última, a Travessa Progresso. Seguindo-se a ela, duas casas populares, uma das quais com cerca de arame, e a Escola Municipal José dos Santos Paranhos.

Entre as esquinas com as ruas Antônio Paranhos e José Bonifácio – que permanecem sem pavimentação – avistei casas de diferentes portes e características, mas, de forma geral, não eram sofisticadas. Do mesmo modo, duas chácaras.

⁴ Confirmei essa ideia já que, coincidentemente, o construtor desses condomínios foi uma das pessoas que respondeu ao questionário de pesquisa.

⁵ Também por coincidência, uma pessoa que integra a família dos proprietários desse terreno respondeu a esse questionário. A área é mantida como ponto de engorda de cavalos que, trazidos do interior, são vendidos nas imediações. Essa família é remanescente de um grupo de ciganos e reside numa chácara em outro ponto de Pitangueiras.

Seguiam-se, deste ponto até a Avenida Luís Tarquínio, uma pequena aglomeração de estabelecimentos comerciais e de serviços: dois salões de beleza, um bar, uma empresa de consertos de eletrodomésticos, uma de segurança, uma oficina e, por fim, já na esquina com aquela avenida, a Caixa Econômica Federal e uma empresa de comunicação visual. Nesse último percurso, também havia uma grande casa abandonada e um lava-jato.

DIÁRIO DE CAMPO - 14/06/2014

Era sábado, 10:10h., a Luís Tarquínio estava bastante movimentada: ônibus, carros e pessoas de lá para cá. Carros parando de modo inadequado, em qualquer ponto da rua, ocasionavam engarrafamentos, ultrapassagens arriscadas e o frequente uso de buzinas. Com o objetivo de continuar o levantamento das estruturas existentes no bairro de Pitangueiras e realizar observações sobre o bairro, iniciei a caminhada pela Rua (e antigo loteamento) Jardim Ipanema, muito utilizada por aqueles que vêm ou vão de outros bairros à Avenida Luís Tarquínio e adjacências. Parti desta avenida e segui em direção à Rua Juracy Magalhães, também em Pitangueiras.

Começando o trajeto, à minha esquerda, uma loja de materiais de construção de pequeno porte e, à direita, onde até o final de 2010, aproximadamente, existia um grande sítio, uma loja da rede do supermercado G. Barbosa. Em frente a ela há um antigo *village*, uma casa que há pouco tempo estava em reforma e, ao seu lado, dentro de um mesmo terreno, algumas moradias populares. Fazendo parte do muro que as circunscreve, um salão de beleza. Seguem-se duas casas com aspecto mais antigo e de abrigar pessoas de menor renda.

Ainda em frente à lateral do G. Barbosa, um grande terreno que, há muito, possui um muro com cerca de 3m. de altura, protegido por planas altas e espinhosas. Aparentemente, ali existe apenas um domicílio. Segue-se uma casa de construção recente que, igualmente, está em um terreno amplo.

Após o supermercado, existe uma sequência de casas relativamente simples, porém, bem cuidadas em termos de manutenção.

Em ambos os lados da rua, a aproximadamente 200m. do ponto do qual parti, encontrei residências com padrões construtivos distintos e próximos – ora uma diante da outra, ora lado a lado. Algumas delas eram bem simples, outras com características de moradia popular e ainda, formando um terceiro grupo, com aspecto mais sofisticado. Entre estas, algumas estavam, como a fachada sugeria, em mais de um lote.

Havia duas edificações que sediavam empresas: uma de manutenção de escadas rolantes; a outra não consegui confirmar a atividade que desenvolvida.

Diferindo do que observei anteriormente, na Rua Jardim Ipanema havia um movimento significativo de veículos e pedestres – sobretudo de veículos. Chamou-me a atenção a quantidade daqueles tidos como mais sofisticados (sedans importados e pick-up tipo Ranger, por exemplo).

Em relação ao padrão construtivo dos domicílios, avançando na rua, continuei a ver casas simples, provavelmente mais antigas. Elas tinham portas e janelas de madeira, muro não tão alto (possibilitava que visse o domicílio) e telhas mais antigas, de cerâmica. Algumas aparentavam que tinham sido edificadas como uni domiciliares, mas, posteriormente, se tornaram polidomiciliares. Explica-se. Havia casas com um padrão e, no segundo pavimento, outra construída com materiais bem distintos e entrada independente. Uma situação diferente, mas, que acenava com a hipótese de que as moradias, num mesmo terreno, foram erguidas em tempos distintos era decorrente da própria disposição das casas no terreno. Uma maior, na parte da frente, próxima à rua, e outras iam ao redor dela, com a entrada voltada para uma lateral, por exemplo.

Prosseguia-se um mosaico de domicílios com diferenças arquitetônicas e construtivas, alguns em grandes terrenos, com jardins, outros em espaços pequenos. Havia casas com acabamentos mais sofisticados, muros relativamente altos e porteiro eletrônico e algumas mais simples. No meio desse conjunto, um prédio cujo aspecto indicava uma construção interrompida, já que não contava com acabamentos ou mesmo janelas (só o local para colocá-las), todavia estava sendo utilizado como local de moradia e lá já funcionou um bar, que se encontrava desativado.

Em relação à calçada, existia em toda rua, não fosse sempre regular ou limpa.

A Rua Jardim Ipanema é articulada à José H. Requião pela Rua Antônio F. Costa, que tem 190 metros. Enquanto andava por ela fui abordada por um senhor que, de dentro de um Eco Sport, indagou o que tanto anotava e porque estava tirando fotos da casa dele. Após explicar-lhe que se tratava de uma pesquisa realizada por conta de um doutorado na UFBA, perguntou sobre o curso que fazia, meus objetivos e hipóteses.

Ainda na Antônio F. Costa, notei alguns domicílios com diferentes tamanhos e características (porém, não identifiquei casas populares). Havia, igualmente, uma loja de venda de água e coco, ao lado de outra venda de roupa de praia e ginástica. Também um grande terreno vazio e uma grande e degradada moradia, bem como a entrada da Rua Luisa Ferreira de Souza. Essas ruas pertencem ao loteamento Morada do Sol.

Retornando à Jardim Ipanema, a partir desse ponto, nos últimos 500m., além de domicílios com diferentes perfis tal como antes identificados, estava uma empresa de segurança e alguns *villages* e pequenos condomínios. Neles, o número de moradias varia entre seis e 16. Identifiquei ainda um pequeno prédio com dez apartamentos. Próximas a esses, casas mais simples, uma delas com uma placa indicando que se alugava um quarto, outras bem grandes, conservadas ou reformadas (com fachadas marcadas por muros altos e equipamentos de segurança; em algumas pude ver pequenos jardins), e uma chácara.

Após uma escola particular evangélica (que atende alunos do grupo 2 ao 5º ano), a aproximadamente 100 m. do fim da rua, notei uma mudança no perfil dos domicílios – à exceção de um imóvel recém construído ainda à venda. São terrenos que parecem resultar da fragmentação de um único lote, no qual se encontravam vários contadores de energia no muro, geralmente com acabamento em reboco, o que indicava a presença de várias casas. E, na frente de um deles, uma pequena banca de venda de frutas.

Após uma curva, próximo ao fim da Jardim Ipanema, estão os fundos de um horto e residência de seus proprietários, além de duas grandes casas, que, embora sem indicação alguma, tratavam-se de empresas, como apurei perguntando por interfone.

DIÁRIO DE CAMPO - 05/07/2014

A ideia inicial era que realizasse uma entrevista com uma antiga moradora de Pitangueiras, a quem conheci na reunião ocorrida na AMA, e que se identificou como representante do bairro. Na ocasião, tivemos uma rápida conversa, oportunidade em que me informou que a associação estava desativada e que, quando havia alguma demanda daqueles que lá residiam, ela procurava encaminhar. Foi muito solícita e colocou-se à disposição para falar sobre seu bairro, bem como para caminhar comigo por suas ruas apresentando-me a alguns de seus moradores.

No entanto, essa era a terceira tentativa que realizei de entrevistá-la. Nas duas anteriormente marcadas, ambas tendo como ponto de encontro a agência da Caixa Econômica, ela não compareceu. Na primeira vez, solicitou que nos encontrássemos numa sexta-feira, às 17h30min. Esperei-a por cerca de 20min e entrei em contato por telefone. Pediu desculpas e disse que havia esquecido o compromisso, que estava longe e não poderia ir até o local combinado. Na segunda, num sábado, às 9h., aguardava-a no mesmo

ponto. Por volta de 9h20min, via-a chegar com uma jovem, sua filha. Novamente esquecer de ter marcado comigo e não poderia atender-me, pois, iria resolver um problema na faculdade em que a moça estudava, a Unime⁶. Por conta dessas experiências, na tarde do dia quatro, telefonei para a pessoa em questão confirmando nosso encontro.

Cheguei cerca de uma hora antes do que havíamos combinado e aproveitei para iniciar a aplicação dos primeiros questionários num local próximo ao do encontro previsto. Então, por volta das 9 horas de um sábado chuvoso, comecei a ter uma aproximação do perfil dos moradores da área que será objeto da pesquisa. Após aplicar dois questionários, encaminhei-me para a sede da Caixa Econômica, aguardei meia hora e, como ela não compareceu ou entrou em contato, optei por continuar ocupar-me com os questionários.

Escolhi iniciar o trabalho pela Rua Jardim Ipanema. Nesse dia, diferentemente do que observara em outras ocasiões, o volume de veículos e, sobretudo, de pessoas era bem reduzido. Permaneci nela até cerca de 12h30min. Devido às várias pancadas de chuva que caíram naquela manhã, tive que parar minha caminhada algumas vezes, o que contribuiu para tornar a produtividade do dia muito pequena – foram apenas quatro questionários. Entretanto, não foi só a chuva que ocasionou tal resultado. Em três domicílios houve recusa em prestar-me informações, em três as pessoas pediram que retornasse outro dia e, em quatro, ninguém atendeu à porta. Todavia, esse momento serviu para avaliar o questionário.

Sem a intenção de fazer um resumo do que foi levantado por esse instrumento, seguem-se algumas anotações sobre peculiaridades notadas durante sua aplicação.

Neste dia, chamou-me a atenção em particular os comentários de uma mulher de nível médio completo e que tinha dois filhos adolescentes e um adulto. Quando atendeu a meu pedido de responder ao questionário, residia num *village* composto por quatro casas independentes entre si. Quer dizer, embora na entrada desses domicílios haja um muro em que se ostenta o título *village*, seus moradores não compartilham qualquer decisão ou custo a não ser o referente ao dito muro.

Ela contou que antes, por 14 anos, morara num condomínio com mais de 200 casas, com piscina e quadra poliesportiva, situado próximo à entrada de Vilas do Atlântico, porém, achava que lá havia muita confusão. Falou que todo fim de semana “[...] era aquela negrada que vinha [...] não que seja preconceituosa... mas pessoas de fora, com outros hábitos [...] Era muito barulho”. Essas pessoas ensinavam coisas “erradas” aos seus filhos mais novos. Vendeu sua casa e está construindo uma em Busca Vida. Enquanto aguardava o final da obra, alugou a casa em que reside há dois anos.

Mesmo com seus filhos estudando em colégio particular (pago pelo ex-marido) e tendo uma renda em torno de R\$ 2.500,00 por mês, mais a ajuda de um filho mais velho que não mora com ela, essa senhora, ou melhor, seus dois filhos, eram beneficiários do programa Bolsa Família.

Falou que ficou curiosa sobre o programa e resolveu se informar num local de cadastramento. Lá, uma assistente social disse que ela tinha direito àquele benefício, pois, não tinha carteira assinada e era separada. Essa mesma funcionária, teria considerado que ela se “encaixava no perfil” dos beneficiários: tinha dois filhos menores, não tinha renda fixa (era vendedora autônoma de cosméticos e roupas) e morava em casa alugada.

Ainda que muita gente achando errado que ela receba esse benefício, ela não abre mão do mesmo, pois, ainda baseada nas informações da referida assistente social, isso poderia ser bom “para os meninos” no futuro, pois, se eles quisessem estudar fora do país, seria mais fácil conseguir uma “bolsa do governo”.

Assim, no pequeno tempo em que conversávamos, comentou que não via problemas em receber um benefício destinado a pessoas de baixa renda, mesmo ela não pertencendo a

⁶ A União Metropolitana de Educação e Cultura (Unime) é uma instituição particular de ensino superior situada na avenida Luis Tarquínio. Suas atividades foram iniciadas em 2000.

esse grupo social (ela tinha consciência disso!), algo evidente na medida em que erguia uma casa num dos condomínios em que o preço do metro quadrado era um dos mais altos da redondeza. Mas, ao mesmo tempo, ressalta que os outros, como disse, “as pessoas de fora”, eram responsáveis por ensinar coisas erradas aos seus filhos.

DIÁRIO DE CAMPO - 12/07/2014

Num sábado ensolarado retomo a tentativa de aplicar de questionários na Rua Jardim Ipanema. Iniciei as atividades às 9h10min e as concluí às 12h45min. Primeiramente fui aos domicílios nos quais as moradoras solicitaram, anteriormente, que retornasse noutro dia. Num deles, ninguém atendeu e nos outros dois houve nova recusa em responder, com indicação de que voltasse outra hora. Noutro, a moradora explicou que tinha uma pessoa doente em casa, tratada em *home care*, e que seu tempo era muito reduzido, por isso não poderia participar da pesquisa.

Em seguida, reiniciei as abordagens no ponto em que havia encerrado o trabalho na data anterior, onde, por coincidência, se verifica uma diversificação no padrão construtivo dos domicílios, melhor dizendo, das características externas (do muro, portão e acabamentos), o que me dava a impressão de serem residências de pessoas com níveis de renda distintos.

Havia bastante movimento: carros indo e vindo e, como se trata de uma rua de mão e contramão, sem acostamento, a circulação por vezes ficava retida em função de algum carro indevidamente estacionado. Poucas pessoas caminhavam a pé, algumas e passavam de bicicleta. Também dois cavalos, com seus respectivos cavaleiros portando sacolas, transitaram pela rua enquanto lá permaneci.

Estive num total de 27 domicílios, além dos três já citados. Em dois deles pediu-se que voltasse outro dia ou mais tarde, pois, havia visitas em casa. Em nove, as pessoas se negaram a responder ao questionário, sendo comum ouvir algo como: não tem ninguém em casa que possa responder. Em outros, ninguém atendeu. Consegui aplicar nove questionários, além de ter uma “conversa” com uma antiga moradora do bairro.

Pareceu-me que dois foram meus adversários nesse dia: o medo da violência – termos que apareceram nas falas de todos aqueles que responderam ao questionário nessa data; e, talvez consequência dele, o interfone e as câmeras de segurança. Do total de domicílios em que tive que usá-lo, apenas em um fui atendida. Em uma situação inusitada, uma pessoa dispôs-se a atender-me desde que fosse pelo interfone.

Uma mulher de 39 anos, disse que estava ocupada e não teria condições de responder ao questionário, porém, perguntou se isso seria possível pelo interfone (interessante: ela não tinha tempo, mas, se fosse por interfone poderia me atender...). Embora acreditando que ela responderia rapidamente e sem atenção, porém, curiosa para verificar como essa situação se desenvolveria, aceitei sua proposta.

Para minha surpresa, ela foi bastante atenciosa, informando tudo o que foi solicitado e procurando saber dos propósitos da pesquisa. Contudo, ouvir suas colocações foi prejudicado pelo barulho decorrente dos veículos que passavam na rua. Provavelmente, a forma como me atendeu foi motivada pelo medo, hipótese que me pareceu mais próxima da realidade quando, alguns minutos após o encerramento do questionário, um homem saiu ao portão de sua casa e me observar enquanto era atendida por outro morador da Rua Jardim Ipanema.

Essa experiência, bem como a do dia 05/07 e aquela tida em 2005 (quando realizei o trabalho de campo para o mestrado) fizeram-me optar por, nesse momento, não tentar entrevistas nos vários condomínios que se aglomeram, predominantemente, no ponto da rua em que estava. Isso porque, em nenhum deles, no dia em questão, tinha porteiro que pudesse me informar como entrar em contato com o síndico, de modo a viabilizar minha

entrada nos mesmos. Havia tão somente um interfone para cada casa ou apartamento. Então, preferi tentar, numa oportunidade particular, agendar entrevistas com seus moradores a partir do contato prévio com algum deles ou com o administrador do condomínio.

Cabe ressaltar que, por outro lado, fui convidada a entrar em casas de pessoas com diferentes perfis socioeconômicos, normalmente conduzida à sala ou à varanda. Estive na residência de um motorista aposentado, de uma cozinheira, do dono de uma mercearia, na de uma secretária executiva e na de um cineasta. Também me deparei com pessoas que residem há muito no bairro, tanto aquelas que sendo jovens foram para lá crianças, levadas por seus pais ou avós, quanto idosos que relataram como, quando e porque compraram o lote e construíram sua casa e, por vezes, posteriormente as dos seus filhos e netos no mesmo terreno. Esses puderam ainda mencionar como foi sua vida familiar e produtiva no tempo em que a infraestrutura local era precária.

Esses respondentes ofereceram um conjunto de informações, avaliações e relatos de experiências sobre os primeiros anos como moradores de Lauro de Freitas, assim como dos anos mais recentes.

Além disso, algumas coisas me chamaram a atenção neste dia. Exemplo disso é o fato de que no discurso de todos os que me atenderam havia a impressão da violência como algo próximo e a sensação de medo. Pessoas com distintos perfis socioeducacionais mencionaram esses temas. No entanto, embora não fosse solicitado, a maioria delas mesmas pessoas abriu as portas de sua casa para receber-me.

Estive em casas sofisticadas, com piscina e jardins bem cuidados, e em outras, cuja entrada era de terra batida, telha vã e onde sequer havia porta entre os cômodos, separados por cortinas. Nessa situação estava a casa de uma senhora que mora no mesmo local desde 1986. Me recebeu com um sorriso, mas disse: “não sei responder essas coisas”. Chamou sua neta, que residia noutro domicílio situado no mesmo lote, para atender-me. Entre o portão e a porta de sua casa, um caminho de terra e um pequeno jardim com poucas plantas e um pé de murta cheio de flores. A sala tinha piso de cerâmica vermelha, telha vã e poucos móveis. Os sofás estavam cobertos com lençol e numa pequena mesa estava um vaso com flores. Acima do sofá, chamando a atenção daqueles que entravam no ambiente, uma grande foto, na verdade um banner, de uma das netas no dia da formatura.

Ela, embora não tenha aceito responder ao questionário, após observar as perguntas que fiz à sua neta, se dispôs a conversar comigo. Seu relato traz muito sobre o passado do bairro e da cidade. Contou que, no início dos anos 1970, morava em Brotas, na Cruz da Redenção, e um dia passou um corretor por lá anunciando a venda de lotes. Disse que, na época, era comum essas pessoas irem ao bairro anunciando empreendimentos. Sua irmã comprou o lote primeiro, depois foi ela. “Era barato... barato não, mas em condições da pessoa pagar”. Mas, só resolveu construir sua casa porque morava num imóvel que pertencia ao irmão mais velho e ele o quis de volta. Como tinha feito uma promessa a si mesma de que “nunca morava de aluguel”, junto com o companheiro, quando “me apareceu a oportunidade, eu vim”.

Quando começou a construir sua casa havia muito mato, “[...] nem rua tinha, era uns (sic) caminho”. Nas suas palavras, “quando minha irmã comprou aqui era o caminhão que deixava tudo [material de construção] onde é o G.Barbosa. [...] Tinha gente salteado, mas, era tranquilo. Eu só pegava o ônibus lá em cima [na Estrada do Coco]. Mas, vinha tranquila”.

Na ocasião, ela trabalhava vendendo mingau. Em Brotas, isso era fácil, pois contava com transporte para todo lugar e podia trabalhar perto de casa. Em Pitangueiras, a situação era diferente, pois, tinha que sair andando de rua em rua. Caminhava de sua casa até onde hoje é o hospital Menandro de Farias e “subia pra lá pra Itinga”. Falou das dificuldades, que era preciso andar muito para encontrar seus clientes. “Foi (sic) 13 bocas pra dar alimento [...]. É por Deus que consegui. Quem quer luta, vai buscar, quem não qué (sic) junta os braços e espera”. Agradece a Deus por hoje estar aposentada, porque, na medida em que o bairro

passou a contar com maior infraestrutura e número de moradores, “[...] a bandidagem vai crescendo” e não era bom ficar muito tempo na rua. Se ainda precisasse vender mingau, seria difícil. Para ela, esse era o maior problema de Pitangueiras. “A gente precisa mudar em tudo pra acabar com essa violência, mas tem que mudar os governantes”.

Outro aspecto a observar é que numa mesma rua, algumas vezes lado a lado, outras vezes um frente ao outro, encontram-se vizinhos com evidentes distinções socioeconômicas. Por exemplo, em frente à casa de um cineasta (ex-professor da UFBA) havia a de um casal, ele motorista aposentado e ela faxineira, ambos com pouca escolaridade. Em ambos fui conduzida à sala para que aplicasse o questionário. É interessante que, em relação ao passado, suas percepções foram similares.

O ex-professor universitário, disse que, quando comprou o lote, não havia água ou luz na rua. No final dos anos 1980, o Jardim Ipanema era um loteamento popular, sem asfalto e com pequena infraestrutura. “Mas tinha muita paz, não tinha violência, barulho de carro”. Disse que vinha para o local nos fins de semana, passando a estabelecer residência em 1991.

Por sua vez, o casal, que morava no lugar desde a década dos 1970, relatou que “Aqui era tudo fazenda, não tinha água, luz, transporte, mas, a gente dormia tranquilo”. Lembram que “A gente saía andando dentro d’água, era cobra no meio do caminho”. Para comprar alguma coisa, o mais comum era irem a Portão com carrinho de mão para trazerem as mercadorias. Não havia água ou luz. Somente quando o loteamento Vilas do Atlântico estava recebendo as primeiras casas foi que “a luz veio”. A água encanada, demorou um pouco mais. Quando as primeiras moradias desse loteamento começaram a ser erguidas, havia um carro pipa “que vinha da cidade” e as abastecia.

Pouco depois, a água foi ligada à rede geral. Porém, inicialmente, apenas para Vilas. Posteriormente, levou-se a rede de água para Pitangueiras, mas, apenas a uma casa, pertencente a um coronel. Então, conforme o senhor F. S., “[...] a gente furamos (sic) o cano e botamos água pra todo mundo”. Pouco depois, conforme sua história: a empresa responsável consertou o furo. Os moradores, então, tornaram a repetir sua ação. Depois disso, foi realizada a canalização para todos as casas do bairro. Isso aconteceu entre meados e final dos anos 1980.

Sobre os dias atuais, o cineasta mencionou a “[...] chegada, por um lado do conforto, por outro, dos engarrafamentos [...]. Ela [a rua] engarrafa, é um problema sério”. E, apesar de todo esse movimento e da expansão imobiliária, o local ainda permanece sem esgoto, “[...] Esse é o maior problema da rua”. Quando seus moradores vão realizar qualquer reivindicação na prefeitura, “[...] consta [a instalação da rede de esgoto] como executada [...] A gente vai reclamar, dizem que não podem fazer nada”. Falou ainda da “[...] sujeira, poluição dos rios muito dessas redes de esgoto são pluviais e terminam poluindo os poucos rios que sobrevivem”. Acrescentou problemas de “[...] assalto, violência que aumentou enormemente. Hoje todo mundo bota cerca elétrica, sensor [...]”. Tratando desse tema, contou sobre um homicídio ocorrido na porta de sua casa semanas antes, isso aconteceu apesar das batidas que a polícia fazia eventualmente no local.

O casal em questão reforça a ideia dos problemas associados com a falta de infraestrutura, mas, diverge entre si quanto à questão da violência. Ela disse que “[...] tem violência, a gente não pode sair, tem medo”, havia muitos assaltos na rua e era perigoso chegar tarde. Seu marido negou essa situação: “[...] aqui é ótimo, não tem violência [...] de vez em quando tem assalto”. Conta que só uma vez que teve um assalto – duas pessoas, um pai e um filho, que haviam feito um saque no banco do Brasil foram seguidos por duas motos, abordados com armas – fora isso, não havia nada demais. Porém, concordavam que esses problemas decorriam do fato de estarem perto da Lagoa dos Patos.

Um terceiro aspecto. Dentre todos que me atenderam por interfone, apenas uma pessoa assentiu em responder ao questionário. Tratava-se de uma mulher que, com pós-graduação e residindo há 25 anos em Lauro de Freitas, se ressentia de que a cidade tivesse mudado

tanto. Quando sua família veio para o município, “[...] parecia uma cidade do interior, tinha muito mato, [...] era tranquilo e seguro” e completou “[...] aquele tempo é que era vida [...]”. Continuou “Hoje é medo de subir a rua 19horas. [...] É o mal da civilização... carros, engarrafamento”. Falando sobre as mudanças que notava, comentou que as pessoas não conversam mais, cada um se fecha na sua casa. Perguntou-me se estava sendo fácil que as pessoas me atendessem. Quando respondi que não, ela falou “Tá vendo!”. Em seguida, argumentou que “Gostava muito da coisa do interior que Lauro de Freitas tinha [...] as pessoas se conheciam!”.

DIÁRIO DE CAMPO - 17/07/2014

Num fim de tarde ensolarado, numa 5ª feira, comecei a caminhar na Rua Brigadeiro Alberto Costa Matos a fim de aplicar questionários e, igualmente, observar o a dinâmica num dia útil. Parti do Largo de Arcanja e lá permaneci entre 16horas e 18h30min. No total, estive em nove domicílios. Nos três primeiros, não havia ninguém; uma casa era sede de uma empresa (o que não estava indicado na fachada da casa) e no outro a pessoa disse não poder responder no momento. Tive a oportunidade de aplicar cinco questionários.

A rua estava mais movimentada do que nas vezes anteriores em que por lá caminhei, além de carros e bicicletas, que passavam de lá para cá, ou paravam em frente às escolas particulares, havia crianças e jovens circulando, parte deles indo ou vindo da escola municipal Itamar Oliveira Rodrigues. Outro grupo, composto majoritariamente por jovens, seguia em direção à AMA. Eram pessoas ligadas a uma igreja evangélica que iriam fazer um passeio e lá era o ponto de encontro, o local de saída.

Também pude observar a circulação de homens adultos, assim como aqueles que estavam sentados na rua conversando em pequenos grupos e na porta de bares. Além disso, algumas pessoas dirigiam-se à academia. E mulheres, de forma geral, passavam a sós ou com crianças, sendo que sua presença se fez mais evidente mais perto das 18horas.

Já no início da noite, vi pessoas saindo do trabalho - pequenas empresas e estabelecimentos comerciais na mesma rua. Ainda, jovens que entravam na associação para participar do curso de enfermagem.

A partir do contato que tive com os moradores do Aracuí neste dia, posso afirmar que, mais uma vez, a tônica das avaliações do bairro passou pela relação do passado com a tranquilidade e do presente à insegurança. Essa é associada aos “vagabundos”, aos “descarados” que chegaram mais recentemente e às drogas.

Entretanto, para aqueles moradores que estão a menos tempo no Aracui, o bairro apresenta certa tranquilidade. Melhor dizendo, o que se passava em sua rua não guardava distinção do que acontecia no restante da cidade.

A experiência de ser tratada com grande desconfiança, nada agradável, foi por mim vivida neste dia. Um senhor ouviu minha solicitação com atenção, olhando-me fixamente e fez menção de não responder às questões. Olhou-me de lado, virou-se de costas, porém, acabou por chamar-me para entrar e sentar na sala em que assistia a TV. A primeira coisa que disse foi “Para que é essa pesquisa mesmo?”. Após as primeiras perguntas que visavam caracterizá-lo, saiu-se com um “acho que tá perguntando demais...”. No entanto, gradativamente, na medida em que esclarecia todos seus questionamentos e o deixava à vontade para não informar algo caso não desejasse ou para interromper nosso contato, a fluidez de suas respostas foi ampliando-se.

Ao final, aquele homem, que se mostrara arredio, apresentou-me aos seus netos, perguntou se queria ver todos os cômodos da casa e disse que se quisesse poderia voltar.

O constrangimento foi outra sensação que tive nesse dia. Essa experimentada quando bati no portão de uma casa simples que sabia ser antiga na rua. Com uma vassoura na mão e falando “Sai! Sai!” para dois cachorros que o rodeavam, um gari de 56 anos, atendeu-me e perguntou o que queria. Sua fala foi ríspida e, ainda com a vassoura na mão, impedindo que os animais fossem para a rua, falou que não podia responder. Estava muito ocupado e que “daqui a pouco” sairia para o trabalho. Ao perguntar-lhe se poderia retornar outro dia, ele me olhou, riu, disse que ia responder-me porque “Você é uma pessoa muito educada, fina... se não fosse, te mandaria embora (risos)”. Atendeu-me no portão, sempre com a vassoura na mão e espantando os animais.

Embora tenha respondido a todas as questões, seu tom de voz ríspido e mesmo o vocabulário me faziam sentir certo desconforto. Explico. Enquanto falava, eventualmente, apontava para um grupo de adolescentes de ambos os sexos que estava sentado na calçada e dizia coisas como: “Só tem discarção (sic) [...] só vivem na putaria”. Ao enunciar suas respostas, por vezes dizia “essa desgraça”; “aquela porra”, entre outros termos do gênero para se referir tanto ao que gostava quanto para fazer alguma reclamação. No entanto, ao descrever o Aracuí, disse que era “uma benção” na sua vida.

No mesmo dia, porém, encontrei pessoas que agradáveis e que se dispuseram tranquilamente a atender-me. Destaco, entre esses, um senhor sorridente que estava sentado num banquinho improvisado (um pedaço de madeira escorado em duas pedras, que se dispôs a dividir comigo) à frente de um muro que abrigava quatro casas populares, todas de pessoas de sua família. Falou que tinha 68 anos, que era analfabeto, e que se mudou para aquele local há 45 anos.

Esse homem, sem maiores estímulos de minha parte, falou muito sobre sua família, suas dificuldades e sua luta para sustenta a si e aos seus filhos. Acabou por revelar, naqueles poucos minutos em que conversamos, uma estrutura familiar frágil, mantida, talvez, pela necessidade. Pude fazer essa inferência porque, segundo relatou, em sua casa de cinco cômodos residiam oito pessoas – além dele, filhos e netos. Para dar essa informação, teve que fazer as contas, não lembrava bem quantas pessoas eram. Também não soube falar suas idades e escolaridades. Precisou chamar a neta, de 13 anos, para informá-las. Excluindo-a, todos eram homens com baixa escolaridade ou analfabetos, alguns deles quais alcoólatras, apenas um tinha emprego fixo.

Ao falar de si, relatou o que fez – e ainda fazia - ao longo de sua vida. Fez “de tudo um pouco”: capinava, “cuidava de bicho”, arrancava e vendia coco na porta de casa⁷. Desempenhava “tudo quanto é trabalho”. Falou que já tinha “trabalhado de empregado”, mas “não gostava dessa vida”, pois, nessa condição “[...] nunca tive nada [...] Então disse: - Que nada! Vou trabalhar pra mim”.

DIÁRIO DE CAMPO - 18/07/2014

Além de buscar observar a dinâmica da Rua Brigadeiro Alberto Costa Matos, neste dia continuei a aplicar questionários entre seus moradores.

Era uma manhã de sexta-feira que se iniciou chuvosa e terminou ensolarada. Comecei minha caminhada por volta de 9 horas e prossegui até cerca de 12h30min. Comecei as abordagens a partir do meio da referida rua e segui em direção ao Largo de Arcanja que, como de costume, estava bastante movimentado, com pessoas e veículos indo e vindo. De lá, retornei ao ponto de partida.

⁷ Passando pela frente da casa desse senhor em algumas noites de sábado (entre 18h30min e 20h30min, aproximadamente, entre julho e novembro de 2014) notei que era comum que tivesse colocado um isopor com bebidas e uma pequena churrasqueira, além de mesinhas. Fazia daquele ponto um “bar”.

As andanças dos últimos dias me levaram a perceber que, diferentemente do que ocorre nas ruas principais de Pitangueiras, na Brigadeiro Alberto Costa Matos inexistia uma distribuição mais evidente de domicílios pertencentes a indivíduos de diferentes segmentos sociais. Eles estavam entremeados, apresentavam-se vizinhos ou um de frente ao outro. Mas, aparentemente, predominavam aqueles onde residiam pessoas de menor renda, sendo comum perceber muros (geralmente com aspecto mais precário), relativos a um único terreno, que guardavam mais de um domicílio. Isso se denotava pelo número de contadores de luz e também pelas respostas de boa parte dos que me atenderam.

Além disso, nessa rua não há condomínios fechados como os de Pitangueiras. Há um pequeno *village*, sendo esse bem simples, sem nenhuma infraestrutura, como piscina ou outra área lazer.

No total, nessa manhã, estive em 15 residências e consegui resposta em sete. Neles viviam indivíduos que há muito moravam no bairro, alguns estavam lá desde a infância, embora se distinguissem no que tange ao nível de escolaridade e ocupação. Do mesmo modo, os diferia as opiniões em relação ao Aracui e a Lauro de Freitas e suas alterações nas últimas décadas.

A partir do contato com essas pessoas é possível tecer algumas ponderações a respeito do quão mobilizador pode ser um instrumento de coleta de dados. Em particular, duas situações, ambas acontecidas com integrantes da classe popular, ocorridas neste dia, me chamaram a atenção para esse fato.

A primeira ocorreu com um homem de 36 anos que nasceu no mesmo local em que residia até aquela data. Morava num terreno herdado de seus pais junto a outras pessoas da família, ao todo eram sete no mesmo domicílio. No mesmo lote estavam mais casas, todas ocupadas por parentes. Em princípio, foi reticente. Pareceu manifestar alguma inibição quando falou que sabia ler “mais ou menos” e que era pedreiro “avulso”, bem como apresentou alguma dificuldade quando precisou dar informações sobre as demais pessoas com as quais morava.

No entanto, quando indaguei sobre suas lembranças do bairro e ele falou de sua infância, modificou o tom e a qualidade das respostas. Recordou das brincadeiras, das árvores, os amigos. Sorria e virava-se para lá e para cá indicando quem morava aqui ou ali. Quando pedi que avaliasse o lugar em que residia no presente, nova alteração. Hesitou um pouco. Demorou alguns segundos para enunciar alguma palavra, até que disse: “Muito violento, Lauro de Freitas tá transformado [...] tá muito violento, faz até medo sair de casa...”.

Se nessa primeira situação ocorreram altos e baixos, com um senhor analfabeto de 54 anos, a aplicação do questionário foi caminhando para um crescente desconforto. Sua moradia era visivelmente precária, inclusive tinha cerca de arame farpado, à frente da qual expunha objetos usados para serem vendidos. Ele atendeu à solicitação de responder algumas perguntas e, a princípio, foi simpático.

Aos poucos, porém, sua disposição se esvaia: olhava para o chão, falava com monossílabos e virava-se de lado. Essa postura começou a se manifestar quando perguntava sobre os bens existentes no domicílio, talvez por conta de não possuir a maioria dos bens listados. Da listagem que elaborei, informa ter em casa apenas fogão, geladeira e um rádio portátil. Sobre telefone celular, comentou “[...] todo aparelho que consigo, comprado ou doado, é pra trocar por dinheiro”.

Embora tenha respondido a todas as questões, ficou evidente seu mal estar também quando descrevia o imóvel em que mora e mesmo sua atividade profissional. Após terminar à última questão, disse: “Dá licença, tenho que ir”. Entrou em casa e saiu em seguida, assim que me dirigi ao outro lado da rua.

Nessas duas situações, em poucos minutos, perguntas feitas por uma estranha aparentemente tiveram a capacidade de despertar reações/emoções imprevistas por mim. As expressões faciais e os gestuais revelaram alterações nesse breve percurso de tempo.

Posso supor que o segundo homem citado teve constrangimento ao expor sua condição de vida, até porque noutras circunstâncias em que passei por ele na rua, enquanto realizava a pesquisa, ele sempre esquivou o olhar.

Segunda observação. Reforça-se a ideia exposta nos dias anteriores. O passado é apresentado como precário, tranquilo e feliz. Pessoas de diferentes perfis e idades repetiram essa ideia. O presente é relacionado à violência e ao mal-estar: barulho, engarrafamentos, perda de espaço de lazer e de vida coletiva. Como disse uma mulher de 24 anos e que desde criança reside no Aracuí, “Era muito bom, maravilhoso [...] tinha rios, dunas... [...] Não dá nem pra acreditar, né?”. Segundo relatou, “As ruas era (sic) de barro, mas a gente vivia mais a natureza, [...] não tinha essa evolução, mas era muito melhor. [...] A água era cristalina, tinha peixe [...] era uma maravilha!” Enquanto descrevia aquele tempo sorriu e gesticulou bastante, como se reproduzisse, com os braços, o movimento da água ou o desenho das dunas. Disse ainda: “Eu me arrependo de não ter curtido mais tudo o que tinha”. Com o “crescimento da população” e “[...] há constantes assaltos e engarrafamento o tempo todo”. [...] “Hoje tem poluição e engarrafamento [...] qualidade aqui não tem”. A vida de todos ali mudara muito, “A gente só tem trabalho-casa com medo de tudo”, teme-se ficar na rua⁸.

DIÁRIO DE CAMPO - 20/09/2014

Neste dia resolvi percorrer uma parte do que era oficialmente denominado Pitangueiras, o que envolve o antigo loteamento Condomínio Nossa Senhora de Lourdes, cujo TAC é de 1975. Lá, em anos passados, havia algumas chácaras e casas de veraneio, bem como terrenos sem qualquer tipo de edificação.

A partir de, aproximadamente, 2010, em processo que se aprofundou mais recentemente, o perfil desse conjunto de ruas experimentou uma alteração significativa nas formas e nas funções. Gradativamente, as antigas casas foram reformadas ou demolidas dando lugar a estabelecimentos comerciais, empresariais e residenciais.

Além disso, uma de suas ruas, a Leonardo R. da Silva, que antes servia fundamentalmente para a circulação de seus moradores e de uns poucos que se dirigiam à Luis Tarquínio e adjacências, nos últimos anos vem observando intenso tráfego e mesmo engarrafamentos durante os dias úteis, entre as 8 horas e 8h30min e entre 17h30min e 18h30min, aproximadamente. Tal movimento decorre do fato de essa rua ter se tornado um “atalho” para acesso aos estabelecimentos da Avenida Luis Tarquínio, a Vilas do Atlântico, à Avenida Priscila Dutra e ao bairro Miragem.

Comecei a percorrer essa localidade pela Rua São Paulo, que tem 650 metros. Era uma manhã de sábado e parti da Estrada do Coco em direção à Luis Tarquínio. Olhando ao longe, vi um homem na rua que, aparentemente, conversava com alguém que estava numa chácara. Após o ponto em que ele se encontrava, igualmente na rua, havia trabalhadores da construção civil. Eventualmente algum carro passava e dirigia-se a um dos prédios que, aos poucos, vêm dominando esse local.

No sentido em que caminhava, na margem esquerda da rua, com a fachada na BA-099, uma loja de material de construção; em frente a ela, na direita, um terreno vazio. A visão que se tem nesse local não é agradável: lateral de um galpão onde funciona uma sofisticada

⁸ Embora tenha ressaltado esse medo da violência e que não se deve ficar na rua, quando cheguei ao meu domicílio meu esposo estava na rua conversando com um rapaz e lá permanecia até quando saí de sua casa. Além disso, como sua moradia ficava num local onde circulo (de carro) com frequência, era comum vê-la, no final da tarde ou à noite, sentada numa cadeira à porta de casa, com o bebê no colo e o outro filho. Normalmente, com ela havia outra mulher.

loja de móveis e artigos para decoração, a Quartier. Em frente a esse, após um terreno vazio (que sequer era cercado), uma chácara.

Circundada por aramado, no portão via-se uma placa: “Vivenda lazer dos afilhados”. Todavia, não há como saber se ela ainda cumpre essa função. A casa tinha portas e janelas fechadas e, onde seria um campo de futebol, acumulavam-se materiais como tijolos e madeira. Aliás, como ocasionalmente passo por essa rua, faz algum tempo que não a vejo aberta.

Após o galpão, os fundos de uma chácara. Como essa se situava num terreno que ficava bem acima do nível da rua, se via uma parte do jardim de uma grande casa. Na sequência, dois terrenos com construções de edifícios em distintos estágios: uma já bem avançada e outra em fase inicial. Entre eles, os fundos de uma casa que, no início desse ano, pegou fogo e se encontrava, aparentemente, abandonada. Isso porque, mesmo antes do incêndio, o mato alto estava dominando o jardim. No entanto, exatamente nessa semana, houve a limpeza do terreno.

Após as obras mencionadas, um galpão recém-construído.

Ao lado da “Vivenda lazer dos afilhados”, mais um muro alto oculta uma casa que, parecia ser bem ampla e possuía árvores em seu entorno. Depois, três novos condomínios com edifícios (dois já com moradores e um em fase de vendas), um terreno onde consta uma placa indicando que está disponível para alugar e outro vazio. Ambos eram cercados. No fim da rua, onde está o acesso à Leonardo R. da Silva, uma casa.

Durante o período em que lá estive, só vi duas pessoas circulando a pé. Notei que minha chegada, andando na rua, fazendo anotações e tirando fotografias chamou a atenção. Tanto os dois homens que conversavam, quanto os operários, observavam o que fazia. Não estranhei a atenção que despertei. De fato, tinha uma atitude incomum.

Dirigi-me, então, à Rua Leonardo R. da Silva – pela qual passo constantemente no retorno do trabalho – onde as mudanças nos últimos anos têm sido frequentes e rápidas. Mesmo assim, conforme já dito, o intenso tráfego relacionado não pode ser considerado expressão do que nela ocorre, mas ao seu entorno. Afinal, lá não existem estabelecimentos comerciais, empresariais ou residenciais que atraíssem maior volume de pessoas.

Em relação à moradias, persistem apenas um pequeno condomínio, com quatro casas, e uma chácara.

É possível notar que alguns imóveis e terrenos foram reconfigurados. Das chácaras que lá se encontravam, certamente uma permanece como tal. Duas estão sendo transformadas: uma num centro empresarial, outra numa edificação que servirá como centro comercial. Outras três estão sendo demolidas ou já o foram para dar lugar a outras funções⁹.

Todas as estruturas mencionadas estão entre a Rua São Paulo e a Estrada do Coco. Desse ponto em direção à Luís Tarquínio, estão, além do referido condomínio, uma empresa, um escritório de arquitetura, um prédio recém inaugurado no qual funcionam alguns escritórios e um terreno baldio. Do lado direito da rua, um terreno sem edificações, cujo muro que o cerca está caindo¹⁰; uma oficina mecânica de porte considerável e a lateral de uma loja de ferragens.

Enquanto permaneci nessa rua, cerca de 45 minutos, vi apenas um carro parando e dois entrando no condomínio. Perto das obras que estão em andamento, havia alguns automóveis estacionados. A circulação de veículos, nos dois sentidos, foi algo intensa. A única pedestre a transitar nessa rua, enquanto lá estive, fui eu.

⁹ Em 2016, dois três comerciais e empresariais foram construídos nessa rua, um inaugurado no segundo semestre desse ano, bem como um edifício com apartamentos de dois e três quartos.

¹⁰ No segundo semestre de 2016, nesse local havia um conjunto de lojas em fase de venda.

DIÁRIO DE CAMPO - 27/09/2014

O objetivo da atividade nesta data foi observar a área do Loteamento Bosque dos Quiosques, que compõe o bairro de Pitangueiras. Nela há as ruas Juraci Magalhães, Maria Teixeira de Carvalho, Tomé de Souza, José Jorge de Oliveira, Carlos José Sá, e Martins Oliveira. Ele se situa entre o Aracui e o Loteamento Jardim Ipanema.

Embora relativamente antigo – era anterior a Vilas do Atlântico, por exemplo -, apenas na Juraci Magalhães havia pavimentação antes dos 2000, ou melhor, no final da década de 1990. Nessa ocasião, nela já se notavam, entre as poucas antigas chácaras, alguns *villages* e condomínios. Nos anos que se seguiram, novos empreendimentos desse tipo surgiram nessa localização.

As demais ruas foram asfaltadas entre junho e agosto de 2014, com exceção da Carlos José de Sá cuja pavimentação ainda não foi concluída. Parte dela é de terra, tinha inúmeros e profundos buracos.

Alguns moradores do entorno, em conversas informais, falaram que essas ruas só foram asfaltadas para diminuir os engarrafamentos que vem acontecendo, cotidianamente, na Rua Brigadeiro Alberto Costa Matos e na Jardim Ipanema, principalmente, pela manhã e no final da tarde. Ainda que não haja como confirmar a veracidade dessa avaliação, o fato é a Rua Martins de Oliveira, que permite a ligação entre a Luís Tarquínio e o Largo de Arcanja, repentinamente, verificou intensificação do fluxo de automóveis, até porque entre as principais ruas do entorno, é a única que não tem quebra-molas (algumas delas tem mais de cinco desses obstáculos).

Era um sábado, 8h20min., quando comecei a caminhar na Rua Martins Oliveira a partir da Rua Juraci Magalhães. O dia estava claro, ensolarado, e soprava um vento agradável. Ao entrar na referida rua vi uma única pessoa: um gari. Numa das esquinas, um condomínio relativamente novo e, próximo a ele, uma cadeira onde, normalmente, fica um vigilante. Na outra, um grande muro, a lateral de uma chácara, cuja frente está na Rua Juraci Magalhães. Seguindo esse muro, um terreno não cercado, onde há árvores antigas, mato e lixo.

A rua estava em silêncio. Apenas o barulho do vento que derrubava e “varria” as folhas fazendo um som agradável, logo interrompido por um carro que passou velozmente. Pouco depois, dois casais ligados à Igreja Testemunha de Jeová (um deles acompanhado por uma criança pequena) entraram na rua e começaram sua tentativa de pregar o evangelho.

Do lado direito, após esse primeiro condomínio, o Garcia d’Ávila, seguia-se o Bosque Ville, o Flores do Bosque e o Vila do Bosque – todos com entre seis e oito casas. Eles apresentam o mesmo padrão: cercas elétricas, portões e portarias eletrônicas. Nenhum deles tinha porteiro.

No primeiro deles a ser construído, o Garcia d’Ávila, toquei em três das sete campanhas disponíveis (as demais estavam isoladas), perguntando se alguém poderia responder ao questionário. Nos dois em que se atendeu, não havia pessoas que pudessem receber-me – as pessoas estavam ocupadas. Quando me afastava, um carro parou no portão. Literalmente, aproveitei a oportunidade para abordar seus ocupantes e solicitar a participação na pesquisa. No entanto, não eram moradores do condomínio, residiam em Feira de Santana e, eventualmente, passavam os fins de semana na casa que a família ali possuía. Porém, contaram que compraram o imóvel na planta e que ele foi entregue em 2005.

Após esses condomínios, estava o Verde Espaço, uma casa que foi transformada em área para eventos. Nesse ponto da rua estava o senhor Djalma, o gari, ele disse que ali há pouco movimento pela manhã. Normalmente, ele só via moradores entrando ou saindo de seus domicílios e de carro.

Em frente ao terreno desocupado, estava o condomínio Residencial Vila do Porto e um terreno grande cercado por um muro baixo, onde havia uma placa com “Vende-se geladinho”, duas casas e uma chácara que, aparentemente, ocupava dois lotes do Bosque dos Quiosques.

A partir desse ponto, outro grande muro aparecia no lado esquerdo e, em frente a ele, vê-se vários muros, com seus interfonos, protegendo casas aparentemente grandes.

Entre o silêncio que predominava, ouvi canto de pássaros, cacarejar de galinhas e grasnidos de patos.

Os evangélicos, até onde observei, conseguiram conversar com algumas pessoas apenas pelo interfone. Não percebi ninguém falando com eles pessoalmente.

Nessa caminhada, poucas pessoas, além das já mencionadas passaram na rua, apenas quatro homens e duas crianças. Próximo à bifurcação entre as ruas Martins Oliveira e Carlos José de Sá, estava um senhor agachado. Parecia estar tranquilo. Após algum tempo, apareceu o vigilante da localidade. Ele apitava e caminhava sem pressa. Abordei-o perguntando como era o dia a dia ali. Disse-me que ali é “muito calmo” e que a “vigilância serve para prevenir”. Depois seguiu seu caminho e sentou-se na calçada para conversar com o homem que estava agachado.

Na entrada da Rua Carlos José de Sá, estava um boneco de cimento, um gnomo, aparentemente fixado no chão. Colaram no seu “peito” o símbolo do Vitória. Acima dele inscrições alusivas à rivalidade entre os times do Bahia e do Vitória. Nessa rua, predominam condomínios novos – alguns ainda sem moradores - entre poucas casas remanescentes dos anos 1990, como me falou um senhor que, na porta de sua casa, lavava o carro. Segundo disse, sua casa era de 1994 e, a primeira da rua, de 1993. Contou ainda que antes todos os proprietários de lotes ali veraneavam. Hoje, nas casas remanescentes, há residentes.

Seguindo o mesmo padrão já encontrado, os condomínios¹¹ dessa rua têm relativamente poucas casas, entre cinco e dez. Além disso, nos que pude observar, em comum tinham uma piscina ou área para festas.

Ainda na José Carlos de Sá está uma academia, a Corpo Ativo, que funciona no local há mais de 10 anos.

Algumas pessoas passaram pela rua. Dois homens saíram de uma casa e uma jovem foi de um condomínio a outro. O vigilante caminhava apitando.

Sigo em direção à avenida Luis Tarquínio. A partir daí a configuração da rua muda. Do lado esquerdo, está o conhecido campo das Pitangueiras, na verdade, dois campos. Eles estavam em um grande largo para o qual convergem as ruas Tomé de Souza, Maria Teixeira de Carvalho e José Jorge de Oliveira, esta última cujo acesso ao campo ainda não foi concluído. À sua frente, na Martins de Oliveira, algumas casas: uma mais simples e outras três com muros altos e portão eletrônico; uma chácara e um prédio em construção (cujo alvará data de 2012).

No campo, onde a grama era pouco presente em relação às poças d’água e a mistura de areia e barro, ocorria um jogo treino entre dois grupos de crianças e jovens, meninos e meninas de diferentes faixas etárias. Havia adultos também, pais de alguns deles que faziam as vezes de técnicos. O juiz da partida era o responsável pela organização dos jogos, senhor Nilson. Sentei um pouco na arquibancada e observei o jogo, bem como o que ocorria no entorno.

Na Martins de Oliveira, numa sombra feita por árvores na calçada, além de motoristas de dois carros, alguns pedestres e ciclistas pararam para ver o jogo. O mesmo acontecia com

¹¹ Os condomínios existentes na época eram: Castelo da Torre, Oceano, Bosque das Mangueiras, Bosque das Orquídeas e Eldorado.

os casais de pregadores que andavam pela rua. Os meninos jogando futebol atraíam os olhares também daqueles que passam a pé ou de bicicleta.

Após o campo, outras funções são encontradas na rua. Nos oito galpões presentes do lado direito, estava uma oficina mecânica, uma loja de locação de equipamentos de construção e uma empresa de comunicação visual. Para os demais, não consegui identificar a finalidade. Na saída da rua, um bar e restaurante, o Meu Caranguejo. À esquerda a loja, fábrica e estacionamento da Master Glass e um estacionamento da Unibahia, faculdade que ficava próxima, instalada no colégio Acadêmico, já na Luís Tarquínio.

A configuração da Rua Tomé de Souza, que tem aproximadamente 350 metros, não difere muita da observada na Rua José Carlos de Sá. Partindo do campo em direção a ela, tem-se os fundos da Master Glass. Adiante, à esquerda, um terreno murado e à direita tinha-se outro, sem nenhuma edificação, cercado com arame farpado. Ao seu lado, um edifício de três andares, cuja comercialização começou em 2005.

A partir desse ponto, mais condomínios: o Village Saint Marteen, com oito casas e, em frente a ele, o Alto do Bosque, com seis casas, todos com o mesmo padrão dos já assinalados. Em ambos os lados da rua, permanecem moradias. Algumas reformadas e outras mantidas no formato antigo.

Enquanto estive na nessa rua, nenhuma pessoa, além de mim passou por ela. Quanto a veículos, apenas um moto taxista.

A Rua Maria Teixeira de Carvalho apresenta um perfil distinto das demais. Avançando nela a partir do campo, no seu lado direito observam-se os fundos do colégio Impacto e de um condomínio de galpões cuja fachada está na Avenida Luís Tarquínio, a entrada de outro condomínio desse gênero, uma casa, um galpão e duas edificações em fase de construção. Uma delas aparenta ser um prédio com apartamentos, a outra, mais um galpão.

Em frente a esse conjunto de formas, também partindo do campo, na convergência com a Rua Tomé de Souza, após o terreno com cerca de arame, um condomínio com cinco moradias: o Villa dos Sonhos. Seguiam-se dois terrenos sem edificações, os fundos do Village Saint Marteen. Após a ele, um muro, em parte caído, que cercava um terreno arborizado onde estava uma pequena casa.

Enquanto estive na Rua Maria Teixeira de Carvalho, alguns carros passaram por ela sem parar. Havia um estacionado na porta de uma das obras, em frente a ele dois homens conversavam sobre a mesma. Uma pessoa também passou pela rua a pé.

Terminei minha incursão às 11:20h.

DIÁRIO DE CAMPO - 03/10/2014

Foi comum ouvir, quando da aplicação dos questionários e nos contatos realizados com a AMA, que em determinadas ruas do bairro em estudo havia engarrafamentos. Embora transite com frequência no local e perceba tal situação, o faço como alguém que por lá passa de carro. Resolvi, então, circular a pé por algumas das ruas indicadas próximo às 18horas.

Cheguei ao Largo de Arcanja por volta das 16horas. A ideia era, partindo desse local, chegar à Rua José H. Requião e voltar ao ponto inicial. Ao entrar na Rua Jardim Ipanema, logo me deparei com uma banca de frutas e legumes. Na pequena calçada, com menos de um metro de largura, uma jovem vendia aipim, banana, batata doce, abacaxi, feijão verde e quiabo. Disse morar numa casa em frente e que os vegetais são trazidos da Ceasa¹².

¹² Quando realizei o mestrado, fiz uma entrevista com uma das moradoras das casas no mesmo terreno. Informou-me que a área em questão fora adquirida por seu sogro, aproximadamente 40 anos

Já nesse horário, o movimento de carros na Jardim Ipanema era significativo, ou seja, em todos os momentos viam-se os veículos passar entre a bifurcação dessa rua com a Juraci Magalhães, inclusive ocasionando retenções. Também havia pessoas. Porém, no pequeno trecho que nela percorri, não vi ninguém entrando ou saindo de domicílios.

Na Rua Antônio F. da Costa, também circulavam veículos com frequência, bem como pessoas entravam em domicílios. Além disso, na frente de um depósito de bebidas que lá existe estava havendo uma reunião: junto a uma pequena churrasqueira portátil e duas mesas, encontravam-se cerca de seis adultos conversando, comendo e bebendo cerveja. Essas pessoas conversavam entre si, bem como, eventualmente dirigiam-se a alguém que passava na rua, aparentemente, pelo tipo de cumprimento realizado, conhecidos.

Do ponto onde estava, na Rua José H. Requião, o Mercadinho do Galego chamava a atenção. Clientes entravam e saíam com pão ou alguma outra mercadoria. Em frente a tal estabelecimento, olhando para um lado ou para o outro, a impressão foi de movimento. Embora sem grande intensidade, notei uma constância na circulação.

Mais do que veículos, havia a gente indo e vindo. Segui em direção à Rosalvo Barbosa, em cujo trajeto havia alguns condomínios. Nela, a movimentação de pedestres e veículos era menor do que nas anteriores. Em frente a uma casa, dois homens carregavam objetos e colocavam-no num utilitário; uma senhora, perto de um condomínio, que conversava com um homem dentro do carro, olhava-me com desconfiança, meio de soslaio, talvez porque visse que fazia anotações. Não prossegui muito a partir daí, pois, caiu uma chuva fina e abriguei-me na fachada de um *village*.

Pouco depois, retornei ao mercadinho já mencionado e, nas suas imediações, efetivei alguns questionários. Nesse dia não houve recusas ou domicílios vazios.

Retorno para meu ponto de partida pelo mesmo caminho. Soprava um o vento frio e já estava escurecendo, o que talvez tenha contribuído para o fim da reunião que se realizava na Rua Antônio F. da Costa. No entanto, a movimentação de veículos se intensificava. Vi algumas crianças chegando da escola a pé, em carro particular ou em transporte escolar. Mas, o principal era o tráfego de veículos no sentido da José H. Requião – Jardim Ipanema que aumentara consideravelmente, a ponto de formar uma pequena fila de veículos. A maioria deles seguia para o Largo de Aranja, em detrimento da Luís Tarquínio.

Então, nesse largo, por volta das 18h30min, a movimentação era intensa. O trânsito estava engarrafado em todos os acessos que nele desembocam e em ambos os sentidos (todas as ruas possuem mão dupla).

Encerrei minhas andanças por volta das 19horas.

Nesse dia, na aplicação dos questionários. Encontrei antigas moradoras do bairro, que ressaltam as dificuldades do lugar quando chegaram, mas, sobretudo, de sua vida em geral.

Entre elas uma senhora de 57 anos, que mora há mais de 40 anos em Pitangueiras, foi trazida para o bairro pelo pai, que era carpinteiro. A família migrou do interior de Sergipe, mas, ela não sabe bem por quê. Ela é merendeira de uma escola pública e ganha dois salários mínimos. Mora com um filho que foi adotado e reclama que ele acha que não tem obrigação nenhuma com ela, não a ajudava em nada. Conta de sua luta para cuidar dele e como ele lhe é ingrato. Com eles, residem também dois netos que estudam em escola particular.

Como outras pessoas com quem conversei, tem uma pequena casa, com quatro cômodos, e as paredes externas são de tijolo aparente. Ela está num terreno em que se encontram outras residências – algumas com dois pavimentos e melhor padrão construtivo -, todas

antes e que, além de sua moradia, no mesmo terreno existiam mais seis casas. De acordo com ela, antigamente, ele cultivava uma horta nas proximidades e vendia sua produção no bairro e arredores. Até aquela data (14/06/2005), seu sogro trabalhava como verdureiro em Vilas.

pertencentes a parentes: irmãos, filhos, sobrinhos. O acesso a elas e a uma área que havia entre as mesmas era de terra. O terreno era cercado por arame farpado.

Sobre sua percepção sobre o bairro, falou que quando se mudou para ele “era um deserto [...] não tinha energia, transporte”, mas “era bom até demais”. Era frequentado só pelos moradores, que eram poucos. Mas, também, era difícil ter emprego e se deslocar para Salvador, onde tinha tudo. Como foi crescendo, foi ficando “cheio de violência”, havia muito roubos no local.

Outra senhora, que residia há cerca de 20 anos no bairro, atendeu-me com certo receio. De dentro da casa, sem abrir o portão, perguntou o que era que eu queria. Após minha resposta, abriu-o um pouco escondendo, parcialmente, o corpo. Estava com uma roupa simples, lenço na cabeça, e sorrindo falou baixinho “não sei responder”, o que repetiu quando eu disse que queria, principalmente, saber sobre a vida dela e do bairro. Um pouco sem jeito, achando que não ia “acertar”, foi respondendo às perguntas sem pressa e mantendo baixo o tom de voz.

Vinda de Cícero Dantas, ela relata uma vida de dificuldades e a luta para construir a casa e criar seus oito filhos. Conta: “Quando aqui tá ruim, a gente procura melhorá (sic)”. Ela tinha 75 anos, era analfabeta – “[...] quando vim pra aqui não tinha tempo pra estuda (sic)”. Teve oito filhos, todos criados. Sua vida foi muito difícil, viveu “na mão de Deus”. Seu marido tinha idade igual à sua, também estava aposentado com um salário mínimo.

Ela e o marido, que lê e escreve e quando trabalhava “fazia de tudo”, viveram pela “força do Pai”. Só assim conseguiram superar as dificuldades, mas, mesmo com todo esforço, viviam “arrastando a barriga no chão”.

Lembra que quando chegou àquele lugar, “só era mais mato, não tinha água, não tinha nada”. Vivia “arrastando a barriga no chão [...] naquele tempo ninguém ganhava salário. [...] Hoje tá bom [...] o povo reclama muito. [...] O povo quer tudo na mão [...] Não respeita nada, só quer espatifar tudo”. E segue falando: “[...] o governo não pode fazer nada, pode mudar de governo [...] fazer isso, aquilo... Que nada! Governo só o do Pai!”. Hoje está “tudo bom, bonzinho, pra mim é bom. Todo mundo me respeita e eu respeito todo mundo.”

Diferente foi o caso de uma professora que chegara há menos de um ano em Pitangueiras e trabalhava distante desse bairro. Em sua casa, moravam o marido, o filho e a sogra. Nos fundos do terreno, havia dois kitnets para serem alugados, um estava ocupado.

Com 32 anos, trabalhava em duas escolas: uma estadual, na Ribeira, e uma particular, em Cajazeiras. “Passo mais ou menos seis horas dentro do ônibus”. Além disso, vendia produtos cosméticos. Ela destaca seus problemas referentes ao excesso de trabalho, em casa e fora dela, e da falta de tempo para dar conta de suas responsabilidades. Quanto ao lazer, a família se restringia a ir à praia de Vilas porque “é perto” e sem carro, após uma semana de trabalho, não tinha estímulo para sair.

Se as duas mulheres anteriores realçam a dificuldade das condições de vida e a labuta sustentar a família, essa última pontua que o tempo, ou melhor, a falta dele é seu maior problema.

DIÁRIO DE CAMPO - 17/10/2014

Sexta-feira, quase 9h. da manhã. Num dia céu claro e azulado parti de Vilas do Atlântico em direção ao Largo de Arcaja para verificar, no Aracuí e em Pitangueiras, a intensidade de pessoas e de veículos, bem como seus direcionamentos. Esse é o ponto nodal do Aracuí, ao qual seus moradores frequentemente se referiram como área de engarrafamentos. Após realizar a observação do local num fim de tarde, achei pertinente fazê-lo também pela manhã de um dia útil.

Além de realizar uma observação mais detida no local, caminhei, também, por toda a Rua Brigadeiro Alberto Costa Matos, retornando, após chegar à associação, ao ponto inicial. Do mesmo modo, a partir do referido largo, fiz um trajeto que englobou as ruas Jardim Ipanema e Antônio F. da Costa. Não tive pressa, apenas o calor e alguns olhares mais incisivos me incomodavam. Parei algumas vezes para tentar melhor perceber e descrever o que via. Tirei algumas fotos.

No Largo de Arcanja, o movimento de veículos não era tão intenso como nas primeiras horas da manhã: entre 7h30min e 8h30min se faziam comuns engarrafamentos. Isso não significa a inexistência de um fluxo constante de veículos, apenas não verifiquei retensões. Se fez visível que a maioria dos carros ia ou vinha seguia da Rua José Ribeiro - que, entre outros, dá acesso a Vilas do Atlântico, Ipitanga e Praias do Flamengo – em direção à Juraci Magalhães.

Notei também alguns ônibus, que faziam a linha regular entre Lauro de Freitas e Praia do Flamengo e Itapuã. Ainda no largo, embora sem ponto demarcado, cinco moto taxistas aguardavam passageiros, algo que não vi em outros horários que estive pelo bairro.

Adentrando na Brigadeiro Alberto Costa Matos, o número de passantes na rua não era significativo. Algumas pequenas aglomerações, em particular na porta da escola Vila da Alegria. Nos bares, todos abertos, uma ou outra pessoa entrando ou saindo. Em todas as lojas pelas quais passei não vi clientes. Entrei em duas. Numa não havia ninguém para atender-me. Entrei, chamei e ninguém apareceu. Fui embora. Noutra, a vendedora disse que “o movimento é pouco” durante a semana, no sábado é que “aparece mais gente”.

A circulação de veículos, carros e caminhões (vários deles), se deu mais no sentido Arcanja – Luís Tarquínio. Havia carros parados e movimento de trabalhadores em pontos da rua onde existem pequenas lojas ou empresas e onde se faziam obras.

Ao prosseguir na caminhada, vi alguns meninos na rua preparando rabiola e outros soltando pipas, pessoas entrando e saindo de casa ou conversando na porta – de forma geral, isso ocorria em moradias aparentemente popular. Da mesma maneira, em domicílios com esse perfil, no portão de acesso vi plaquinhas, normalmente improvisadas, com mensagens tais como: “vende-se geladinho”; “corta-se e alisa-se cabelo”; e “PF”. Em uma ou outra casa encontrei criação de galinhas.

Por volta de 10h30min, estava novamente em Arcanja. Na loja de produtos agrícolas e veterinários, que é também um pet shop e horto, alguns carros na porta, clientes em compras. O fluxo de veículo me pareceu mais intenso do que quando cheguei. No período em que fiquei ali parada, foi constante a entrada e saída de ônibus e carros das quatro ruas que se encontram nesse largo.

Segui em direção à Rua Jardim Ipanema. Lá estava um rapaz de 17 anos que estava ocupado tomando conta de uma banca de venda de fruta. Segundo relatou, ele ficava ali entre 8h e 12h; à tarde, sua prima ou a irmã ficam lá. Às vezes, conforme a necessidade, outra pessoa assumia o posto. Essa banca estava localizada à frente do terreno onde se localizava sua casa; nela havia também uma pequena loja onde se vendiam alimentos do mesmo gênero dos da banca, bebidas e guloseimas. O mesmo rapaz contou-me também que a família vende tais produtos há muito tempo e que foi seu avô quem chegou ali primeiro e construiu a casa. Depois alguns de seus filhos foram ficando ali.

Parti, depois dessa conversa, em direção à Rua Antônio F. Costa com a ideia de entrar na Rua Luiza Ferreira de Souza, pela qual nunca passara a pé.

Nesse trajeto, mais veículos do que pessoas. Revi e cumprimentei um senhor que respondera o questionário dias anteriores.

Ao entrar naquela rua, vi alguns grupos de testemunhas de Jeová, com suas sombrinhas e bíblias, batendo nas portas. Além deles, poucas pessoas e alguns carros. No fim da rua, o Mercadinho do Galego e na frente dele um carro do qual se tiravam mercadorias.

Continuei em direção da Rua Luiza Ferreira de Souza. Na esquina que a ela dá acesso, de um lado uma casa grande e pouco conservada¹³. De outro, um terreno vazio e murado. Nessa, como em outras porções do bairro, domicílios com diferentes características: casas sofisticadas com seus muros e câmeras, terrenos com mais de um domicílio (cuja altura do muro impediu-me de ver suas características), chácaras, e casas mais simples, embora contando com largo terreno. Uma casa estava em reforma, se construía um segundo pavimento. Como na porta havia um caminhão fazendo entrega de material, pude ver, nesse terreno, uma piscina e um pequeno campo de futebol. Num padrão totalmente distinto, no final dessa rua – esquina com a Rosalvo Barbosa – um muro de tijolo aparente não tão alto permite ver, num mesmo terreno, moradias populares à frente dos quais havia muito mato.

No período em que lá estive, apenas três carros passaram. Nenhum pedestre. O barulho do vento, o canto dos pássaros e as áreas de calçada sombreada por árvores fizeram com que meu caminhar fosse tranquilo, apesar do calor.

Dessa rua vê-se o condomínio Eco Vilas ao fundo.

Ainda andei um pouco nessa área. Caminhei pela Rosalvo Barbosa, onde passaram poucos carros e duas pessoas, e segui em direção à Rua Noêmia Paranhos. Mesmo já sendo próximo às 12h, não havia pessoas caminhando, apenas um ou outro veículo. Segui ainda um pouco por essa rua, passando pela frente de alguns condomínios e casas de maior porte, mas, nenhuma diferença mais significativa no que se refere ao movimento na rua. Retornei pela Rua Antônio Paranhos. Esta contava com alguns terrenos sem edificações e casas de grande porte, mas, não era pavimentada.

Já de volta ao Largo de Arcanja, o movimento estava mais intenso tanto de veículos, como de pessoas vindas das ruas José H. Requião e Jardim Ipanema. Na primeira delas, devido ao horário, também havia alunos saindo da escola José dos Santos Paranhos, assim como outras pessoas indo e vindo. Encerrei as atividades às 12h40min.

Nesse dia, embora não o tivesse como intuito principal, tive a possibilidade de aplicar alguns questionários. Um deles foi feito com um senhor que conheci na reunião realizada na AMA. Estava em casa, a porta aberta, sem camisa. Quando me viu, apressou-se em vestir-se e me atender enquanto fechava os botões.

Aos 77 anos e com alguma dificuldade de dicção, contou-se que morava em Lauro de Freitas desde agosto de 1963, e logo após chegar comprou o terreno onde vivia. Antes residia na cidade de Mercês e trabalhava com um “colega” na feira. Mas, as coisas não estavam dando muito certo e ele foi convidado para trabalhar como caseiro de um sítio em Santo Amaro de Ipitanga. “Um colega me chamou”.

Como outros o fizeram, chama a atenção para as mudanças que viu acontecer no bairro. Lembra que a cidade não se chamava Lauro de Freitas, era Santo Amaro de Ipitanga, e que no Aracui não tinha nada: “Isso aqui não tinha nada. Aqui não tinha luz... água só no começo dos anos 80. [...] Não tinha rua nem caminho... dava só pra pessoa passar andando.” Naquela época, ali só se encontravam umas “casinhas de palha”. Perguntei se a dele também era assim. Ele riu e disse: “morei embaixo de lona... Era tudo aberto [...] Antigamente era só o centro de Santo Amaro e rua São Miguel [...] Lauro de Freitas só tinha barro e terra e umas casinhas poucas”.

Acrescentou que antes ali “era só barraco”, “os oitis da praça [da igreja] era (sic) tudo pequeno”. Quando perguntei como avaliava a vida naquele tempo, disse “Rapaz, eu achava aquele tempo muito bom, não via briga, confusão, ninguém matava ninguém. Você dormia com as portas abertas e ninguém roubava”. Hoje é diferente, “todo lugar é confusão, roubo”.

Essa sensação de insegurança aparece também na fala de uma mulher que, enquanto andava e fazia anotações, me observava. Ela estava parada à frente do portão de uma casa que, avalei, era onde morava. Apresentei-me, expliquei o que fazia e perguntei se podia

¹³ No final de novembro de 2014, essa casa foi demolida. Nesse local foi construído um condomínio.

entrevistá-la. Sua filha, uma adolescente, logo se aproximou, acompanhou o que a mãe dizia e, por vezes, a corrigia.

Vinda do bairro do Doron, ela, que tinha 53 anos e ensino médio completo, estava no mesmo endereço há 10 anos. Veio porque “[...] gosto daqui, eu já gostava” e porque recebeu a casa de herança. Na verdade, era uma casa pequena e simples, derrubou-a, “Vim e construí”. Considera que antes o Aracui “[...] era ótimo! Tranquilo, não tinha violência, assalto”. Hoje está perigoso. Quando a filha demora para chegar do trabalho, “[...] quase tenho um filho pela boca!”. Há muitos assaltos; se “botasse segurança era maravilha”. Contradiz-se e fala que não gosta muito do bairro porque é “parado”. “Gosto de agito, mas o bairro é bom”.

DIÁRIO DE CAMPO - 03/11/2014

Nessa 2ª feira, caminhei no entorno e pelo Loteamento Moradas do Sol, que integra Pitangueiras, com o intuito de aplicar questionários. A atividade foi realizada em duas etapas: entre 9h e 12h e entre 16h e 18horas. Comecei por ruas situadas mais próximo à Luís Tarquínio e terminei nas ruas que estão no “fim” do bairro.

Ao todo, foram respondidos 13 questionários, a maioria deles em antigos residentes da área. Entre eles, uma senhora que morava no mesmo endereço fazia 50 anos. Teve receio em me atender – sua postura demonstrou -, quando me mandou entrar disse: “se souber responder... Acho que não sei...”. Assim como outros, veio do interior do estado, de Araçás, para cuidar do pai que estava doente – “lá até hoje não tem nada, imagine naquele tempo”. Sua casa é simples (varanda pequena e com piso de cimento, na sala telha vã) e fica num pequeno terreno que é dividido com o irmão.

Aos 76 anos, essa mulher que é analfabeta, conta que dos 12 filhos que teve, três faleceram ainda na infância. Sempre trabalhou ou na roça ou como dona de casa, o que faz atualmente. “Trabalho desde cinco anos”. Vive com sua filha, que “lê um pouco” e trabalha como diarista em casas de Vilas do Atlântico, e dois netos. Um deles é adulto, possui um carro e, tendo estudado até a 8ª série, trabalha como motorista de uma firma que fica em Lauro de Freitas. A neta, com 20 anos, é caixa num restaurante situado nas proximidades. Deixou de estudar porque precisava trabalhar para ajudar a família.

Lazer, para ela e sua família, “é só em casa [...] é só dormir”. É algo bom, “se divertir” e trabalho “[...] é bom, é melhor que certas... tem moderno que não qué trabalhá, qué dinheiro fácil”.

Falou também que do bairro. Quando chegou nele era “mato puro, mato mesmo [...] Era mangue, a gente chegada a se perder no mangue [...] a gente ia pegar caranguejo. [...] Era difícil falar de ladrão”. Para ela, atualmente Pitangueiras “tá uma cidade [...] Nesse Vilas [do Atlântico] era um mangue. Hoje é uma coisa linda! [...] Agora só não é bom porque tem muito marginal”.

Outro morador antigo recebeu-me em sua casa. Ele estava short e sem camisa, olhando quem passava e cumprimentando a todos. Sua casa é simples e ficamos numa espécie de rol que dava acesso à ela e a de dois de seus filhos que moram nos andares de cima. Cada um deles construiu sua casa, conforme constituiu família.

Falou que mora nesse mesmo endereço há 55 anos. Antes residia na Barra, no Jardim Ipiranga. Mudou-se para Lauro de Freitas, em “consequência de que morava junto com a família e encontrei uma pessoa para conviver e não dava para ficar lá”. Sua família era grande e não daria para ficar lá com a esposa. “Procurei um lugar onde pudesse comprar um pedacinho de chão”. Porém, o terreno ali não é próprio, já que é rendeiro.

Ele nunca estudou e não sabe ler ou escrever. É viúvo, tem 86 anos e está aposentado. Fala do valor do trabalho e que já fez de tudo para sustentar a família, quando pequeno ajudou a mãe a cuidar dos irmãos, depois, “lutou” para criar os oito filhos. Já foi lavrador e pescador, entre outras atividades. “Eu vivi numa situação que quando tava ruim eu ia pro Nina Rodriguês, pro Taboão, carregar caixão, cama, tudo que aparecia [...] O homem tem que trabalhar, ser honesto, ter palavra”. Contou que quando arranjava uma namorada, falava que não tinha nada, mas, tinha coragem para trabalhar. O homem, para ele, “não deve dever a ninguém”. Trabalho para ele é “muita coisa [...] O homem que não se dedica ao trabalho, não tem moral, não vale nada [...] não tenho medo de trabalhar”. Hoje não trabalha porque não precisa mais.

Gosta de pescar, o que hoje é raro, mas, seu lazer é “canto muito, brinco muito, não conheço novo nem velho”, todos são iguais e conversa com todo mundo. “Não tenho raiva de ninguém... Minha vida é assim, falo com todo mundo, faço amizade [...]”. Acrescentou que nunca alguém lhe fez mal ou roubou sua casa, e isso acontece porque “atendo todo mundo [que chega em sua porta], se é bom, se é ruim. Vagabundo... na minha casa atendo todo mundo [...] ninguém sai sem comer”.

Ao falar sobre o lugar em que mora, diz que “é o melhor bairro para mim, nunca me faltou nada [...] ninguém me aborrece [...] todo mundo gosta de mim. Só que a gente paga o IPTU e nada”. Acrescentou “aqui não tem vagabundo. Agora depois da Lagoa dos Patos que veio vagabundo”.

Acha que antes a vida ali era melhor: “A gente criava galinha, porco, pato... Agora com os barões, mudou um pouco, mas, tá tudo bem. [...] A gente vivia a vontade, não corria risco [...] dormia de janela aberta [...]”. Naquele tempo, “Aqui era um caminho, daqui até Portão. [...] Era uma boca da mata, tinha muito mato, muita cobra, surucucu, jiboia, sucuri. [...] Para ir na praia, um sacrifício [...] tinha muita caça, muito morro de areia [...] muita fruta, caju, coco”. Porém, “Hoje tem que se apegar a Nosso Senhor Jesus Cristo [...] A segurança é Deus”.

Com menos tempo em Pitangueiras, está uma senhora que mora em um sítio há 20 anos. Sua casa era muito agradável. Como me recebeu em sua varanda, pude ver que todo o entorno era arborizado: coqueiros, pés de acerola e manga, cajueiro. Sua rua, porém, além de não ser pavimentada, ao menos neste dia, cheirava mal. Acho que por isso seu esposo, ao ver-me entrar, perguntou logo: “Ela é da prefeitura? Se for já vou reclamar dessa rua!”. Ele consertava um carro, no entanto, vez por outra completava a resposta dela.

Nesse domicílio, residiam o casal, sua filha e o neto. A respondente, de 64 anos, é aposentada; seu esposo tinha uma empresa de eletrônica que era sediada no domicílio. Fazia consertos em domicílios e em empresas. A filha, disseram com certo orgulho, tem pós-graduação em administração. Atualmente, com 32 anos, ela tem sua própria empresa cuja sede está em Salvador. Porém, não souberam precisar o bairro, pois, a mudança foi recente. “Ela faz *transfer* de turistas”.

Quando perguntei sobre o significado de trabalho, sua resposta foi “coisa muito importante em nossa vida... se parar morre”.

Ela e o esposo disseram que quando chegaram ao loteamento “parecia uma fazenda”. Viam bois, cavalos “tudo na minha porta”. Mencionaram também que havia muita lama e que “os animais passavam, derrubavam o lixo”. Sobre as condições atuais do local onde está sua moradia, para o senhor M., “Ah! Minha concepção é de que não melhorou muito... Aumentou o número de moradias, mas o fator melhoria em prol de quem mora aqui é quase nenhum”. Ela contou que ainda tem gente que cria cavalo, quem deixe o animal solto na rua.

Reclamaram muito da prefeitura, que não faz nada pela rua. “Asfaltaram aqui do lado, mas aqui nada”. E acrescentaram: “vários lugares de Lauro melhoram, menos essa rua”.

Nesse dia, também em Pitangueiras, conversei com a moradora de um condomínio com seis casas iguais e nenhuma área de lazer. Ela tem 35 anos e mora com seus dois filhos, uma jovem de 17 anos e um menino de 11. Mudou-se de Dias d'Ávila para lá há dois anos.

Um tanto lacônica, conta que tem nível superior e trabalha como representante comercial de uma empresa cuja sede é em São Paulo e que sua área de atuação inclui Lauro de Freitas e Salvador. Sua filha concluiu o 2º grau e trabalha como autônoma, era manicure, e exercia sua atividade nas redondezas. Ambas circulam de ônibus ou moto quando estão a trabalho. Seu filho estudava numa escola pública municipal localizada no Centro. Até o começo do ano, recebia bolsa família pelo filho, o que cancelou quando conseguiu o atual emprego.

Para ela, trabalho significa “dignidade”. Lazer, por sua vez, “paz”.

Perto desse condomínio, está a casa de uma senhora que reside no bairro faziam cerca de 30 anos. Quando conversamos, ela cuidava dos netos que brincavam na calçada. Conta que foi casada com um dos filhos do proprietário da Fazenda Pitangueiras, que originou alguns dos maiores loteamentos da região.

Seu marido, porém, assim como seus irmãos, era analfabeto – foram criados por uma madrasta que não ligava para eles e achava bobagem estudar. Quando o pai morreu, um e outro tomaram posse de parte da antiga fazenda: “As pessoas enganaram [a eles] e davam um dinheirinho” aos herdeiros. Segundo ela, iam tomando posse, vendendo e eles não tinham noção do valor da terra. Ela conheceu seu ex-marido quando era jovem e morava em Itapuã, quando se casou ficou com uma das poucas partes da fazenda que restava.

Na época, aquela região “era... uma fazenda... era caminhos... tava começando Vilas. Não tinha estrada, tinha caminho. [...] A gente vinha andando do Menandro pra cá”. Quando conheceu o lugar, a fazenda já não era mais cuidada. Seu marido ainda tentou criar gado, mas, não deu certo.

Após os filhos nascerem, ele saiu de casa. Foi morar com uma “mulher dessas que sai atrás de homem, uma repariga”. Ela criou seus oito filhos sozinha, foi cozinheira de grandes restaurantes e hotéis de Salvador. Atualmente, mora com um filho numa pequena casa. No mesmo terreno, atrás de sua residência, estavam mais quatro casas, cada uma delas ocupada por um de seus filhos. Os demais moravam por perto.

Ela tem 59 anos e não tem aposentadoria; os filhos é que pagam suas despesas. “Trabalhei muito para criar os filhos”. Por isso, para ela trabalho é conquista. “Meu trabalho foi só pra criar os filhos. Se fosse pra conquistar coisas tinha muito. Mas tenho meus filhos”. Disse que trabalhou muito para que eles pudessem estudar e ter as coisas, agora eles têm que ajudá-la.

Seu lazer é caminhar e sair com os netos para andar de bicicleta ali mesmo, na sua rua ou em outra menos movimentada do bairro. Outra atividade de lazer que refere é ir à Igreja. Para ela lazer “são meus netos... é distração”. Contou que suas filhas brincaram na rua, hoje os netos brincam também. “É o nosso lazer”.

Diz que “pra mim não existe lugar melhor em Lauro de Freitas do que essa morada aqui [...] pra gente que está habituado, apesar da violência que está aí, aqui é tranquilidade”. Um de seus filhos, que chegou quando estava encerrando a aplicação do questionário, disse – divergindo da mãe – que o bairro está muito violento. “Toda semana tem assalto”, roubam carro, celular, etc.

Numa casa ampla, cercada por um muro alto e protegida por câmeras, uma senhora de 41 anos recebeu-se e se dispôs a responder ao questionário. Sentamos na varanda da casa, à frente da qual, um belo jardim. Logo que entrei na casa, vi que havia vários carros e motos cobertos em vários pontos do terreno, todos com capa.

Contou-me que estava nessa casa já fazia 14 anos. Antes, ela e a família residiam num apartamento no Cabula. Resolveram comprar um terreno e construir ali, pois, o preço estava dentro de suas condições e queriam morar em casa, tanto por conta dos filhos, que eram

pequenos, como por causa do hobby do marido que é realizar a mecânica de carros e motos antigos.

Ela tinha superior incompleto e trabalhava com design de interiores numa empresa situada em Salvador, mas, fazendo as contas do quanto ganhava e gastava com transporte e empregada doméstica, resolveu deixar o emprego e ficar em casa. Isso tem “alguns anos”. Seu marido possuía 50 anos e trabalhava na Petrobrás, em Macaé. Ele fica 21 dias lá e 15 em casa.

Um de seus filhos, de 16 anos, estuda num colégio particular situado em Vilas do Atlântico. Fazia o segundo ano do ensino médio e ia para escola andando ou de bicicleta. A mais velha, com 22 anos, estuda na UFBA, em São Lázaro, e fazia estágio na Secretaria de Planejamento do Estado, no Centro Administrativo. Ela vai de carro ao estágio e recebe um salário mínimo.

Seus dois filhos surfam, então, a praia se constitui num lazer comum da família. Costumam ir à Ipitanga. Também é comum receber ou ir à casa de amigos e viajar para diferentes cidades do país, inclusive da Bahia. “Amo meu país”. Frequentam restaurantes em Salvador e fazem aulas de kitesurf.

Sobre o significado de trabalho, disse: “Então... trabalho pra mim sempre foi referência de vida... Sempre fui muito feliz com minha escolha de vida”. Quando falou disso, comentou o quanto foi difícil deixar sua atividade para ficar em casa, mas que, apesar disso, foi a escolha mais acertada na ocasião.

A respeito do lazer, para ela, é “uma válvula de escape [...] felicidade [...] bem estar. [...] É harmonia na família, paz, tranquilidade”.

Falando sobre o bairro, acha que quando foi para lá morar, há 14 anos, “era muito pacato”. Salvador já era muito agitado. Então eles compraram aquele terreno, que tem 1.000 metros – os de Vilas eram menores – para poder construir a casa e o marido poder ter seus carros e motos. “Na época, não tinha estrutura nenhuma. Para você ter uma ideia, os postes da rua formos nós que pagamos para colocar”. E continuou, “O local não era tão valorizado [...] hoje é muito valorizado [...] Eu tô privilegiada porque estou sozinha nesse espaço e por causa da valorização do bairro”. Considerou que, atualmente, a infraestrutura é “maravilhosa”, existem escolas, restaurantes e academias.

Enquanto ela trabalhava, morar em Lauro de Freitas era ruim. Hoje, “para a família, para os filhos, marido é muito bom [...] A gente gosta bastante [...] Como em todos os lugares, há drogas, roubos”, mas pouco comparativamente a Salvador. Observa que na parte da frente da rua “estão pessoas com renda mais baixa, antigos moradores que conhecem seu marido, e que entre eles existe união”.

Em outro condomínio, com possui nove casas, separadas entre si por cercas de madeira, e que tem uma piscina e um pequeno quiosque na área comum, uma mulher vinda de São Paulo a cerca de cinco anos me recebeu na portaria. Ela tem 42 anos e fez o magistério, porém, atualmente não trabalhava fora de casa, nem estuda.

Conta que o marido foi transferido para a Bahia pela empresa em que trabalhava. Exercia a função de supervisor de qualidade no SENAI/CIMATEC, no Polo, em Camaçari. Já a filha mais velha do casal, com 20 anos, cursa engenharia da produção numa faculdade que fica em Vilas do Atlântico. Trabalha no mesmo bairro como gerente num bar. “Começou agora, ... é pouquinho, cerca de R\$ 1.000,00”. O filho tinha 15 anos e cursava o ensino médio num colégio também localizado em Vilas do Atlântico.

Considerava o trabalho como “essencial na vida” e que “sem o trabalho a gente não é nada”. Ele faz parte da sobrevivência. E que lazer é “tudo de bom”.

Com relação ao bairro, desde que chegou viu mudanças relacionadas apenas à construção de condomínios. Disse que é muito bom morar ali, “tudo perto”, comércio, clínicas, etc. No entanto, às vezes, há violência, assaltos.

No mesmo condomínio, um jovem de 29 anos me conta que mora ali há seis anos. Antes sua família tinha um apartamento na Pituba, porém, como o imóvel tinha problemas estruturais e a mãe queria morar numa casa, ao aparecer a oportunidade, compraram o imóvel que ainda está sendo pago.

Ele acabara de concluir o nível superior – a formatura ainda iria ocorrer. Fez o curso numa faculdade que fica na Avenida Luís Tarquínio. Estava procurando emprego. Talvez faça um curso no exterior. Sua mãe é psicóloga e tem 62 anos. Ela trabalha em dois consultórios, um em Lauro de Freitas e outro em Salvador. Um primo reside com eles também é psicólogo e trabalha em clínicas em Salvador, não sabe em que bairros.

Para ele, trabalho é “realizar ações que representem um serviço para a sociedade [...] não no sentido de produto, mas, de servir, ter serventia”. Já lazer “é usar o tempo que não é de trabalho para fazer alguma coisa que traga prazer”.

Quanto ao bairro, achava-o tranquilo quando veio para ele, bem “diferente de onde morava”. De lá para cá houve “algumas mudanças, mas pouco significativas [...] Não é exatamente como esperava”, pois, estavam ocorrendo muitas obras, o que gerava barulho. Mas, gosta de morar no local: “no geral, é bom de morar”.

Uma casa grande, perto desse condomínio, há muito me chama a atenção pela falta de cuidado que revela e pelo tamanho (o terreno tem cerca de 1.500m²). Ela tem uma arquitetura que me fazia pensar nos anos 1980 e dava-me a ideia de que foi ficando vazia. Essa impressão se confirmou quando conversei com uma jovem que é dela moradora.

Quem me recebeu no portão foi seu pai que me conduziu, após explicar o porquê de estar ali, à varanda. No terreno, vi o mato crescendo aqui e ali e, num canto, algum material de construção, sobretudo madeira, acumulava-se. A casa fica acima do nível da rua, para se ter acesso a ela, quatro ou cinco degraus cobertos com pedras, o que se repete na varanda toda. Simpático, pediu-me para sentar e ofereceu-me um suco. Entrou e pouco depois sua filha, que tinha 22 anos, chegou.

Contou-me que nasceu e mora no mesmo lugar. Todavia, após os pais se separarem, passou um tempo com a mãe, em Camaçari. Voltou há mais ou menos dois anos, por conta de estar cursando direito numa na Estrada do Coco. Seu pai diz que comprou o terreno e construiu a casa porque queria “paz e tranquilidade”. Residia em Salvador e não aguentava aquela confusão.

Além de cursar faculdade, a jovem trabalhava como vendedora autônoma. Vendia roupas de banho e de academia, principalmente, para amigas da rua, na faculdade e em Camaçari, onde morou tinha muitas amizades. Seu pai, com 64 anos, formou-se em engenharia, “construí várias casas em Vilas”, mas está aposentado.

Para ela, trabalho, “além da coisa do compromisso, é ter uma atividade além da casa [...] Obrigação [...] sustento. [...] Ter os afazeres ligados a outro espaço [...]. Fora de casa”. E lazer é “sentir prazer. [...] Qualquer coisa que me faça não pensar no cotidiano. [...] Confraternizar com amigos”.

Conta que em sua infância Pitangueiras era muito calmo e que o contato com as pessoas era menor. “Você só via quem você conhecia. Só conhecia quem queria conhecer”. Seus amigos eram os filhos dos amigos de seus pais, não existia outra possibilidade. Para sair, “tinha que ir ou vir da casa de alguém”. Foi criada de uma forma tão fechada que tinha dificuldade para conhecer pessoas. Quando foi para Camaçari, foi diferente. “Lá tinha a rua [...] Camaçari é uma cidade de praças”. Assim, pode-se conhecer qualquer pessoa.

Lembra que quando o condomínio da frente de sua casa foi instalado, foi uma festa. Lá dentro ela e o irmão eram livres para brincar. Foi nessa época que fez as primeiras amizades sem a interferência dos pais.

Considerou que atualmente o bairro “é seguro em relação a outros lugares”, como Camaçari e o Stiep. Quando aparece alguém diferente, como na época em que uns caras estavam

assaltando jovens que saiam com os cachorros para passear, os mais antigos davam um “chega” nele, “meu pai sempre no meio”. Acha que Pitangueiras é “um bairro familiar, de pessoas mais idosas, mais antigas, que estão aqui há muitos anos”. Embora estejam sendo construídas casas novas, não acha que ocorram renovações.

Comentários:

É interessante que mulheres que dizem não trabalhar supostamente por opção ressaltam a importância do trabalho. Em relação à visão do bairro, embora se tenha conversado com pessoas que apresentam distintos perfis e tipos de moradia, viram-se apreciações que tem semelhanças.

DIÁRIO DE CAMPO - 04/11/2014

A partir desta data, optei por intensificar a tentativa de aplicar questionários em moradores de condomínios fechados. Embora já o viesse tentando fazê-lo – tendo tido sucesso em poucos casos -, devido à dificuldade que vinha encontrando com esses indivíduos, passei a caminhar com mais frequência nas ruas em que esse tipo de empreendimento se fizessem mais presentes e insistir mais no acesso aos mesmos.

Lembro que, como os relatos anteriores indicaram, os condomínios situados nesse bairro não correspondem a grandes empreendimentos nem possuem sofisticada área de lazer. Além disso, próximo a eles ou entremeando-os havia moradias de diferentes tipos.

Um ponto a acrescentar entre outubro e novembro, nessa mesma área, ao menos duas antigas moradias foram derrubadas para dar lugar a novos *villages*, o mesmo ocorrendo com um terreno onde não existia qualquer edificação.

Antes de fazer observações sobre os questionários, considero interessante colocar algumas das falas daqueles que explicitamente se recusaram responder ao questionário: “Pesquisa sobre o quê?... Não tenho interesse”; “Ligue pra outra casa, que eu não posso ir aí”; “Com certeza você vai encontrar gente mais desocupada que eu”; “Os universitários essa hora estão todos na aula não na rua”. Enfim, neste dia em quatro domicílios não se aceitou responder ao questionário. Em sete, a resposta foi “não tem ninguém pra responder” e em cinco não se atendeu à porta. Em verdade, ainda que tocasse em várias campainhas dos porteiros eletrônicos dos condomínios, obtive sucesso em apenas dois casos.

Fazia um sol forte e, depois de percorrer o bairro por cerca de cinco horas (parte do tempo pela manhã e outra no final da tarde), obtive oito questionários, sendo que um foi descartado, pois, aquela que se prontificou a atender-me apresentou respostas inconsistentes. Nem todos com quem conversei residiam em condomínios.

Algumas situações apresentam elementos que as diferenciam das demais.

Uma delas observei exatamente quando apliquei o questionário, respondido por um homem que não quis mencionar nenhum sobrenome ou contato. Irônico, falava a todo o momento da possibilidade de as informações por ele repassadas serem usadas contra ele. Inicialmente disse que morava no domicílio – que fica num grande terreno, mas, cujas características não posso descrever, pois, fui atendida no portão, na rua – depois argumentou que não poderia falar algumas coisas, sobretudo a respeito de rendimento, porque era apenas um amigo da família.

Conta que mora (?) há sete anos nesse domicílio e que antes tinha uma casa em Stela Maris. A mudança para lá aconteceu porque a região era um bom campo de trabalho, já que ele é construtor. “Era diferente, muito diferente [...] passava (sic) os nativos pegando caju, frutas [...] quando chegou a população, trouxe muita praga”.

Para ele, trabalho é “[...] sempre estar fazendo algo que venha ser certo e que tenha um retorno financeiro”. Sobre lazer, falou: “[...] é você poder visitar algo importante como um zoológico e o parque da cidade. [...] É fazer um piquenique bonito [...]. É diferente de diversão”. Informou que essa família tem como atividades de lazer ir à praia de Vilas, à festas e visitar amigos.

Comentou que no presente o bairro é muito bom, “[...] mas, pra mim, no meu ponto de vista, faltam duas coisas: primeiro, ação efetiva da prefeitura e, segundo, saneamento básico”. Sentia falta da natureza do passado, das árvores e observou que, quando construiu o condomínio que se localiza na frente de onde estávamos, derrubou uma mangueira que devia ter uns 100 anos. “A gente mesmo destrói depois reclama! (risos)”. Enquanto conversávamos, um vizinho chegou e pediu-lhe para deixar o carro em sua garagem. Começaram, então, a lembrar como as árvores dali davam frutas, como eles pescavam ali perto. Concluiu a nossa “conversa”: “[...] aqui dentro [em Lauro de Freitas] ainda tem muito que se explorar na construção civil... só não pode destruir o rio”.

Também se diferenciava a situação de um homem que residia numa casa onde também se encontra um depósito da empresa de eventos na qual trabalha. É uma moradia temporária, pois sua casa, no Centro, está “com problemas”. O depósito da empresa está ali fazem quatro anos; ele, como morador, estava há três meses. Essa mudança teve um lado positivo visto que pode acompanhar melhor a distribuição do material quando ocorrem eventos.

Ele informou que tinha 35 anos e fez magistério, mas, “[...] depois que vi na prática as ferramentas que a escola disponibilizava, desisti”. Mudou de ramo e trabalha como produtor de eventos (casamentos e recepções em geral). A sede da empresa é no Centro de Lauro de Freitas, mas, ela presta serviços em vários lugares, como Salvador, Sauipe, Praia do Forte, porém, o mais comum é atuar no litoral norte.

Ao falar do seu trabalho diz que “ama” o que faz, “[...] o único problema de sua profissão é ter que lidar com pessoas”. Antes, tinha muitas dificuldades com o pessoal, agora com a equipe reduzida, as coisas ficaram melhores. Disse que trabalho “[...] é o que você faz e que você não gosta, mas quando faz algo que está gostando, está se divertindo”.

Uma terceira situação incomum. Parei em frente a uma casa onde um jovem estava dando banho em dois belos cavalos. Perguntei sobre a possibilidade de responder ao questionário, ele disse que não poderia e chamou sua mãe, uma senhora muito simpática e sorridente. Enquanto ela ia até a cozinha para tirar uma panela do fogo para poder me atender, o rapaz contou que eles têm um terreno “[...] mais pra cima da rua” onde deixam os animais trazidos do interior. Quando está muito seco por lá, trazem os cavalos, engordam e vendem.

Ela contou que veio de Sergipe quando casou, pois, a família do esposo morava nas redondezas. Estudou até a 3ª série, é dona de casa, cuida de tudo do lar. Seu esposo, tem 65 anos e fez até a 2ª série e, embora seja aposentado, ainda trabalha como piscineiro em algumas casas em Vilas.

Ela, que nunca trabalhou fora de casa, considerou que trabalho é “[...] importante, muito importante [...] pra não ser dependente”. Enquanto lazer, que “[...] também é muito importante”, significa “[...] algo saudável” e para ela é “[...] ficar com os netos”.

Relatou que quando veio para Lauro de Freitas, “[...] só tinha mato”, era um “[...] matagal horrível!”. Pensava que o marido a tiraria da cidade para vir para o mato. “Saí de lá e vim pro (sic) mato!”. Na ocasião, ficou muito triste. Porém, no presente acha que o bairro é muito bom porque é onde está sua família. “[...] Vivo bem com os filhos, os netos [...] sem ela não sou nada”.

Comentário:

É interessante como o homem que menciona por várias vezes que “destruí” árvores reclame da falta da natureza.

Criar cavalos em área de expansão urbana! Família de ciganos que se fixou no lugar.

DIÁRIO DE CAMPO - 05/11/2014

Numa manhã ensolarada de 4ª feira, a intenção foi a de continuar a tentativa de realizar a aplicação dos questionários junto a moradores de condomínios fechados ou em domicílios situados em suas proximidades, preferencialmente aqueles que denotassem pertencer a pessoas que não integrassem as classes populares.

Estive em quinze domicílios entre 9h e 12h. Em quatro deles não houve resposta à campanha, em seis as pessoas que atenderam disseram não ter tempo ou “não tem ninguém em casa que possa responder”. Foram cinco os questionários respondidos.

Desse conjunto, destaco o conteúdo do questionário respondido por uma mulher que reside num condomínio que conta com cinco casas de dois pavimentos, separadas entre si por pequenas muretas, sem área comum além da do estacionamento. Ela foi uma das pessoas que, anteriormente sondada, pediu voltasse em outro momento. Marcamos dia e hora para que eu voltasse.

Relatou que mora nesse domicílio há sete anos; antes residia no Imbui, em Salvador. A mudança para Lauro de Freitas teve duas causas principais: uma foi que o ex-marido tem uma fábrica situada no município e a outra foi que tinha vontade de morar em casa. A localização específica do condomínio, ou seja, o bairro, não teve importância.

Ela informou ter 39 anos e ter feito faculdade de Direito. Recentemente, concluiu uma pós-graduação na área na UNIME. Porém, não está trabalhando. Disse que está difícil conseguir trabalho, “[...] também com essa coisa do Pronatec, todo mundo fica aí pro mercado...”. Sua mãe, aos 63 anos, era professora universitária aposentada. É também pós-graduada. A filha, com 14 anos, fazia o 9º ano do fundamental num colégio particular situado em Buraquinho, Lauro de Freitas.

Para ela, trabalho é “independência, autonomia”.

Quando perguntei a respeito das atividades de lazer da família falou da praia de Vilas, dos shoppings e dos cinemas do Paralela e Salvador – não gosta de ir ao Salvador Norte porque “[...] é muito misturado [...] tá sempre cheio [...] vai todo tipo de gente” -, de ler e de receber amigos em casa. Diz que tem um espaço agradável em casa – varanda, quiosque, churrasqueira -, então, às vezes não vale a pena sair e se “expor a tudo”. Acredita que o lazer é algo “[...] necessário para o equilíbrio do corpo e da mente [...] não precisa necessariamente sair [de casa] para isso”.

Sua percepção sobre o bairro é a de que ele está “[...] mudando muito. Aceleradamente. Quando cheguei aqui esse era o único condomínio [...] Tinha muito terreno vazio [...] antes tinha sensação de medo. [...] Hoje há o crescimento, pessoas com maior poder aquisitivo [...] acabou que os assaltos aumentaram”. Considerou que na medida em que aqueles de maior renda passaram a morar lá, ocorreu a “atração de marginais”.

Deu como exemplo das mudanças que vem ocorrendo, o Mercadinho do Galego. Antes não havia quase nada, os produtos eram aqueles mais baratos e não existia diversidade. Se ex-marido, contou, sempre falava com o Galego que era importante ele investir em outros produtos, ter coisas de melhor qualidade, pois, estavam chegando novos moradores e esses eram mais exigentes. Segundo ela, aos poucos o perfil do mercado mudou e ele cresceu. Avalia que é por isso que hoje ele já tem um prédio (em cima do mercado) que tem três andares.

Quando perguntei sobre os novos moradores, como eram e como ela avaliava essas mudanças, respondeu que “[...] geralmente, as pessoas tem esse mesmo poder aquisitivo da gente”. Essas são diferentes dos antigos moradores, que, na sua compreensão moram após o Mercadinho do Galego. “A rua, do Mercadinho do Galego pra lá, tem uma

característica, pra cá, é melhor”. E prosseguiu: “[...] não vou dizer que sou a favor da igualdade, não sou. Cada um deve ficar no seu lugar [...]”. Nesse momento sua mãe tentou falar alguma coisa, ela, como que a interrompendo, disse que não era “hipócrita”: “Gostaria que as pessoas que estavam aqui antes, fossem para outro lugar”. Então fala do lixo na rua, dos assaltos e das calçadas mal feitas como problemas relacionados a tais pessoas.

Riu e disse que “isso é do homem”, referindo-se à ideia de que os antigos moradores saíssem do bairro. Exemplifica sua afirmação falando que quando os portugueses que quando chegaram ao Brasil, expulsaram os índios, mataram vários. “Tenho pena, mas, é assim”.

Comentário:

Embora tenha sido simpática, me recebido na varanda de sua casa e tenha respondido ao questionário com calma, a postura dessa mulher me causou algo entre o desconforto e a indignação. Ela foi bem clara quanto ao seu mal estar por morar próximo a pessoas de baixa renda. Aliás, evita a proximidade a essas pessoas também quando vai ao *shopping*. E acha absurdo programas governamentais que facilitem aos pobres acesso ao mercado de trabalho formal ou que lhes dê maior qualificação, acha que isso se torna um modo de competição desleal.

DIÁRIO DE CAMPO - 07/11/2014

Numa de 6ª feira ensolarada, retornei a alguns domicílios nos quais seus moradores disseram que poderia voltar neste dia. Fui recebida em dois deles e tentei aplicar mais questionários em suas proximidades. Permaneci em Pitangueiras e, ao todo, obtive respostas seis questionários. Uma pessoa recusou-se a responder por não ter interesse em participar de pesquisas, uma não pode por ser menor e ser a única pessoa em casa no momento em que lá fui, em seis casas não havia “ninguém para responder”, noutras cinco, ninguém atendeu à porta.

Nesse dia conversei apenas com mulheres com condições de vida bem distintas. Todas afirmaram a importância do trabalho.

Uma delas é uma jovem concluinte do curso de Direito que lembra com saudade do tempo em que havia “mais verde” perto de sua casa. Havia material de construção à frente de sua casa – um domicílio com dois pavimentos e uma larga varanda à frente. Pediu desculpas e explicou a família estava reformando a parte externa onde, antes, havia um jardim e algumas árvores. O terreno é grande e fica numa área onde ainda permanecem algumas chácaras e sítios, embora em algumas daquelas que antes eram vizinhas à sua casa, já haja condomínios.

Mora nesse domicílio desde que nasceu, há 23 anos. Lembra que na sua infância, as ruas eram de barro, “[...] não tinham prédios, *villages* [...] havia muito mato e terrenos vazios”. Mostra-me a janela e aponta para fora, “[...] daqui eu via uma mangueira enorme, agora dois *villages*”. Fala ainda que os pais contavam andavam à cavalo, seguiam de sua casa até a Estrada do Coco.

Conta, com certo orgulho, que embora estivesse no último semestre, “para alegria de meu pai” já havia passado no exame da OAB. Quando mostrou a ele o documento de aprovação, ele chorou e abraçou longamente. Esse homem tem 52 anos e fez engenharia e direito, no entanto, não exerce nenhuma das duas funções: é fiscal da Secretaria da Fazenda, sediada no Centro Administrativo. Sua mãe também é engenheira. Porém, igualmente não exerce a função. Trabalha em casa como confeitadeira; faz bolos de casamentos, para festas, etc. Foi construído um ateliê no fundo da casa para que ela pudesse desenvolver essa atividade.

Perguntei o que entendia por trabalho. “Perguntar o que é trabalho para uma advogada!... Difícil”. Peço que fale do que significa para ela, não sendo preciso que diga uma definição científica. Ela ri e responde que é a “relação e vínculo onde se empresta mão de obra e recebe remuneração por isso”. Falar sobre lazer é mais fácil: é “tudo aquilo que... que eu faço sem obrigação, por causa do bem estar...”.

Em relação ao bairro, disse estar “completamente diferente [...] quase não vejo rua que não esteja asfaltada, tem muitos *villages*, [...] quase nenhum terreno vazio, [...] não vejo tantas árvores, quase não vejo cavalos”. Nos últimos anos, conforme compreendeu, surgiram estabelecimentos comerciais, igrejas diversas, salões de beleza. Achou que o crescimento foi repentino, tanto dos *villages* como do comércio. “Não foi gradativo, foi notório, acelerado”.

Diferente é a situação de uma mulher que recebeu a casa em que mora de herança de seus pais. Antes ali era um sítio no qual toda a família veraneava. Resolveu mudar-se para lá em busca de qualidade de vida. Reformou-a e construiu, numa parte do jardim, duas lojas: uma de biquine (onde me atendeu) e outra que funcionava como depósito de bebidas. Ela cuida das duas e, além disso, faz transporte escolar.

Se dividia entre essas três atividades e teve que parar a faculdade – “fazia estética, mas, tranquei porque não dava tempo.

Falou do trabalho como algo “[...] essencial hoje em dia pela fonte de renda. [...] para fazer outras coisas, principalmente plano de saúde que é muito caro”. Disse que boa parte do que ganha é para isso. Sua atividade de lazer mais comum é receber parentes em sua casa, pois “[...] é um sítio [...] fazemos churrasco, reunião com amigos e parentes”. Para ela, lazer “é muito essencial. É o que tira o stress diário, semanal. [...] Para mim, estaria em primeiro lugar”.

Lembrou-se que no passado Pitangueiras “era maravilhoso, era um sítio, uma fazenda [...] Todos se conheciam [...] havia tranquilidade, coisa que hoje não tem. [...] Falta segurança, é tranquilidade que falta”. Afirmou que o bairro está crescendo muito, com vários *villages*.

No final disse, “espero que volte como cliente” e entregou-me seu cartão.

Quase em frente a essa casa, estava a da senhora M. G.. Quando essa abriu o portão e resolveu atender-me, fiquei, de certo modo, surpresa. O muro, os portões e o jardim na calçada, não indicavam que ocultasse uma casa simples, com uma das paredes com tijolo aparente. O jardim à frente do domicílio não era cuidado, parte em terra pedregosa, parte com a grama bem alta. Havia uma piscina plástica e alguns brinquedos no chão denunciando a presença de crianças.

Um segundo andar, em construção, com a escada voltada para fora da casa indicava que outro domicílio estava sendo criado. Parecia também que, atrás dessa casa, havia outra moradia.

Assim estranhei quando afirmou que só havia uma casa no terreno. No entanto, quando falou do filho, contou que morava com ela, “mas na outra casa”. Nessa, residem também o neto e a nora. Ela trabalhava como diarista e ele como entregador de pizza.

Ela não gostava de Pitangueiras. Quando se mudou para lá “[...] ficava assustada porque era muito mato”. Tinha medo dos bichos, de cobra. “Lá [em Portão] eu tinha condições muito melhor (sic) que aqui [...] lá eu vendia direto [...] Aqui ficou muito fraco mesmo”. Sobre as condições atuais do bairro, “[...] eu sei lá! Só fico dentro de casa, tenho medo”.

Era salgadeira e produzia seus salgados em casa. Faz entregas em bares ou festas em diferentes lugares, sendo que seus clientes já “certos” moram no bairro, em Portão e na Liberdade, onde residiu uma época. O esposo tinha escolaridade igual à sua e 53 anos. Era motorista dos Correios.

Para ela trabalho é “fazer as coisas”. Quando indaguei sobre as atividades de lazer, ela disse, “o que é lazer?”. Então lhe perguntei o que fazia quando não estava trabalhando: “nada [...] Porque a casa é muito grande, não tenho tempo pra nada”.

Mais uma mulher. Ela era síndica de um condomínio que conta com seis moradias, uma piscina e quiosque com churrasqueira. Cada casa tem um pequeno jardim e garagem. Havia uma cerca de aramado de aproximadamente um metro de altura na frente e entre as casas.

Quando cheguei ao portão do condomínio, assim que toquei a campainha, ela atendeu. Disse que estava na área da piscina e me viu pelo espalho de segurança. Abriu porque viu que eu estava sozinha. Recebeu-me no quiosque.

Ela e o marido se mudaram para lá faz três anos, antes moravam num apartamento no Costa Azul. Essa migração foi motivada, em primeiro lugar, por querer morar perto de filha, cujo domicílio era em Buraquinho; em segundo lugar, por sua intenção de residir em casa. “Estava querendo vender o apartamento e um dia, passando por aqui, vi e gostei”. Conforme detalhou depois, o casal passou naquela rua e o condomínio estava em construção, como gostaram do imóvel, seu marido comprou imediatamente. Ele nem pensou muito, aliás, para ela, seu esposo age muito assim, por impulso. Depois, a outra filha comprou uma casa num condomínio próximo. “Queria morar em casa, sempre morei em casa [...] queria algo mais seguro, num condomínio”.

Essa mulher de 54 anos, era vendedora autônoma. Vendia suas roupas em casa, na casa das clientes ou na academia, de forma geral no próprio bairro em que mora. Já seu marido era aposentado. Ele tinha 59 anos, 2º grau completo e rendimentos próximos a R\$ 10.000,00.

Quando lhe perguntei sobre o significado de trabalho, falou que “[...] eu queria muito trabalhar [...] logo que me formei, casei e fui morar em Dias d’Ávila”. O marido não queria que ela trabalhasse, achava que ela devia se dedicar apenas a cuidar das filhas, “[...] aí não deu”. “A pessoa tem que trabalhar para ter o que é seu... sinto falta [...] meio de ter o que é seu sem ter que pedir [...] autonomia”. Já lazer é entendido por ela como “[...] viajar...ir na casa das amigas ... passar o dia com os amigos”.

Em relação ao bairro, acha que “a limpeza deveria ser mais rígida. O asfalto é ruim, tem muito buraco [...] guardas na rua eu não vejo”. Falou também que as praças estavam abandonadas, sujas, “[...] ninguém limpa”. Há insegurança e falta de iluminação, “[...] precisa melhorar muito porque não tem rede de esgoto, as pessoas jogam as coisas na rua [...], está engarrafado demais”. Também acha que o local precisa de mais segurança: “[...] acho que precisa ter mais guardas na rua [...] aqui nessa rua já teve vários assaltos”.

Porém, gosta de morar ali, “tem muita coisa boa, mercado, banco, restaurante, bar. Não é preciso ir pra Salvador pra se divertir”.

Disse que o “povo” não cuida dos terrenos. Do lado do condomínio dela tem um terreno vazio, tem mato, “[...] um coqueiro perto de cair”. Nas casas que ficam ao lado dela, aparecem baratas, insetos, e nas outras não. Acha um “absurdo” que tenha que pagar pela limpeza do terreno para não ser prejudicada. “A prefeitura não faz nada”. Já tentaram contato com seu dono, mas, a prefeitura não fornece os dados. Estão sempre tentando resolver essa situação.

DIÁRIO DE CAMPO - 10/11/2014

Numa 2ª feira de sol forte, cheguei a Pitangueiras às 8h30min e lá permaneci até às 11h45min. Nesse dia, priorizei áreas em que vinha encontrando dificuldade em ser atendida: Rua Juracy Magalhães e vicinais a ela. Porém, devido à dificuldade, optei também por tentar realizar os questionários na Noêmia Paranhos, ao todo, foram quatro nesse dia. Porém,

estive em 12 domicílios em que ninguém atendeu à campanha; em três em que se disse para que voltasse outro dia e em cinco em que ouvi “não tem ninguém para atender”.

Apenas mulheres me atenderam nesse dia. As duas primeiras moram em condomínios relativamente novos que ficam numa rua que, embora de ocupação antiga (nela encontrei pessoas que lá estavam desde o início dos anos 1980) era de terra e, por sinal, bastante esburacada.

Uma delas era uma senhora de 70 anos. Após tocar o interfone de seu condomínio, ela veio até o portão. A princípio pareceu meio receosa; perguntou se podia responder ali mesmo e depois disse que podia entrar. “Acho que com você não tem problema”. Recebeu-me na sala da casa e contou-me que mora no atual domicílio desde 2006. Antes, residia na Pituba, mas, achava-o um bairro muito violento.

Falou que o *village* em vive foi concluído em 2008 e que o terreno onde se assenta pertencia à sua mãe. Fizeram um acordo com um empreiteiro e ela optou por ficar com uma das casas.

Foi professora da UNEB. Formada em serviço social nos anos 1970, após concluir esse curso, fez pedagogia e, posteriormente, ingressou no mestrado. Porém, “[...] tive que deixar porque minha mãe ficou doente”.

Considera como trabalho, “Participação... é participação... também é uma coisa necessária... imprescindível também”. É algo que vai além da necessidade de sobrevivência.

Sobre lazer, falou que “[...] é imprescindível, é necessário, senão ninguém aguenta”. E conta que, há bastante tempo, sua principal atividade de lazer é frequentar “cinema de arte” – disse não gostar de cinema de shopping, só o do Paseu, no Itaipara – e teatro.

Em outro condomínio, quem me atendeu quando toquei o interfone, foi uma senhora idosa que, acompanhada de dois grandes cachorros, mandou-me logo entrar e sentar-me na varanda. Chamou a filha que, simpática e sorridente, disse que esperasse um pouco que logo me atenderia. Ela e a mãe estavam separando o material para decorar a casa para o Natal. Poucos minutos depois se sentou a minha frente e disse: “vamos lá”. Percebi que na casa havia outras pessoas idosas e uma criança que, sentada na sala, ficou me observando enquanto a mãe não chegava.

O condomínio no qual essa família morava, antes era uma casa com um grande jardim. Em parte do jardim, foram construídos três *villages*. Ela reside na “casa principal”. Esses quatro domicílios tem uma pequena área comum que dá acesso a todos os eles. Porém, apenas o da respondente possui jardim e quintal, com algumas árvores e garagem para três veículos.

Essa mulher de 52 anos e nível superior conta que trabalha num escritório patrimonial, que fica no Itaipara. Administra-o, mas fica muito em casa, “você vai ver porque”.

E então, caracteriza os demais familiares com quem vive. Falou primeiro de seu esposo, de 68 anos, um administrador aposentado, e do filho desse casal, um menino de dez anos. Em seguida informou que havia mais dois casais: seus pais e seus avós. Seu pai e mãe tinham, ambos, 76 anos. Seu avô possuía 99 anos e a avó 102 anos.

Disse que sua sorte é ser funcionária da empresa do cunhado e lá só comparece por dois turnos. “Ele sabe da dificuldade”. Trabalha muito em casa para poder dar conta de cuidar dos “[...] quatro velhos... quatro não, cinco! Tem meu marido também”.

Sua avó “apronta muito”: embora lúcida, às vezes tem “surtos” e acha que o marido atrapalha sua vida, que as pessoas gostam mais dele do que dela e então pega uma faca e ameaça matá-lo. Escondiam as facas da casa, mas, às vezes, ela as acha. Outra “mania” dela era sair e ir mexer no lixo da casa dos outros e trazer coisas para casa. Conversa com a empregada da casa: “[...] qualquer hora passa alguém na rua e acha que ela é

maltratada”, mas, não há como prendê-la em casa. Já tentou dar-lhe remédio, mas, “ela lê a bula todinha”. Se encontrar a palavra “calmante” ou “mental” não toma.

Quando pergunto sobre o significado de trabalho para ela, disse ser “Toda atividade que a gente faz o dia todo. Em casa, a gente trabalha mais do que na rua [...]”.

O lazer deles “como você pode imaginar” é muito em casa, “recebemos pessoas”. Eles têm espaço para isso e é difícil sair com todo mundo. Então, fazem almoços aos fins de semana e a família vai visitá-los. Outra atividade de lazer é ir à igreja que fica na mesma rua.

Quando perguntei a respeito do significado do lazer, sua mãe - que durante a maior parte do tempo ficou por perto - disse “[...] é muito importante, pena que não dá mais...”. Para a respondente, é “me divertir, conversar [...] Não me prendo ao que não posso”. Se der para fazer alguma coisa, fica feliz. Se não, não lamenta. Aproveita as oportunidades que tem.

Em relação ao bairro, “[...] é bom, tem tudo em quantidade e qualidade. Médico, mercado, tudo! [...] O que tá matando aqui é o trânsito e o transporte público. Isso teria que ser revisto. É isso. [...] Fora isso, o bairro aqui é bom”. Falou que o asfalto é bom, mas, não as calçadas. “Calçada aqui não tem”. Comentou que isso é um problema para ela, pois, quando quer sair com os pais para dar uma caminhada ou ir à igreja tem que ir pela rua.

Quando foi me levar ao portão, falou da dificuldade de lidar com os idosos, do tempo que precisa dispor para cuidar deles. Sua mãe também lhe dá trabalho, pois, “toda hora inventa uma coisa pra comprar”, quer ir ao mercado, às vezes, mais de uma vez por dia. E o pior, disse, é que sempre que alguém vai em sua casa tem “conselhos” para lhe dar: por que você não faz tal coisa?. Ninguém valoriza o que ela faz, mas, cobram-lhe que faça mais do que ela pode.

DIÁRIO DE CAMPO - 24/11/2014

Em mais um dia ensolarado, uma segunda feira, estive em Pitangueiras pela manhã – entre 9h e 11h25min – e pela tarde – das 15h30min às 17h20min. Na ocasião, embora tenha circulado pela Rua Noêmia Paranhos, priorizei, novamente, a Juracy Magalhães e adjacências, onde estão condomínios instalados em diferentes períodos (alguns são dos anos 1990 outros dos 2000) e perfis. Há aqueles que são estruturados como *villages* e que não contam com nenhum espaço de lazer compartilhado, outros que possuem casas individuais e quiosque e piscina de uso comum, e, ainda, há aqueles nos quais essa estrutura é particular a cada domicílio. Nas imediações dessa rua encontram-se também moradias antigas que, pelas características externas, denotam pertencer a pessoas de diferentes classes sociais.

Essa é a parte do bairro em que, proporcionalmente, tive mais dificuldade de conseguir aplicar os questionários. Desconsiderando aqueles domicílios vazios (ou em que não houve resposta à campanha), o “não tem ninguém para responder”, “estou sem tempo” ou simplesmente a recusa em responder foram situações bastante comuns. Então, em termos quantitativos, o tempo que passava nas Ruas Juracy Magalhães, Carlos José Sá, Martins Oliveira, Tomé de Souza e José Jorge Oliveira não é muito produtivo. Ademais, nessas duas últimas, até o momento não fui recebida por nenhum morador.

Outro ponto a ressaltar é o pouco movimento de pedestres nesse trecho do bairro. Alguma circulação “maior” só no entorno do Londrina Center e da academia Energia das Águas (que são praticamente contíguos, o primeiro na fica na esquina da Rua Juracy Magalhães e o segundo na Carlos José de Sá). Em algumas ruas não vi nenhuma pessoa circulando, nem mesmo entrando ou saindo de casa.

Nessa área encontram-se alguns vigilantes. Não há guaritas ou qualquer outra coisa a demarcar seus pontos de trabalho, apenas uma cadeira plástica estrategicamente colocada

nas esquinas entre essas ruas. Conforme um deles informou, à noite, elas são guardadas em algum condomínio. Alguns desses trabalhadores circulam à pé ou de bicicleta.

Embora sempre que eu perceba um deles, o cumprimente e diga o motivo de estar andando no bairro, eventualmente, sinto que ficam me observando. Houve ainda ocasiões em que vi pessoas conversando e apontando ou olhando para mim.

No total, foram 30 domicílios visitados; em cinco não houve resposta à campanha; em 13 não se encontrava ninguém que pudesse responder; e cinco pessoas pediram para que voltasse outro dia. Entre os questionários aplicados, um foi descartado pela inconsistência das respostas.

Diferentemente do que ocorrera nos dias anteriores, dessa vez fui mais atendida por homens. Algumas de suas ponderações estão descritas a seguir.

A primeira pessoa com quem conversei nesse dia foi um senhor com quem já havia tido contato duas vezes. Na primeira, quando das minhas primeiras andanças pelo bairro, sua casa estava com os portões abertos e ele conversava na rua com outro senhor. Apresentei-me e fiz algumas questões sobre o bairro. Na ocasião, indaguei se poderia voltar depois para que respondesse ao questionário, ao que ele, sorrindo disse que sim. Noutra data em que estive em sua casa, ele estava de saída e disse que retornasse posteriormente.

Dessa vez, recebeu-me com simpatia e convidou-me a entrar. A primeira impressão não foi boa... Entre o portão e a varanda, vários jornais jogados no chão. Perto da porta da casa, ainda na varanda, duas mesas com garrafas de bebidas vazias e copos sujos. Todas as janelas da casa estavam fechadas.

Ele estava sozinho, com dois cachorros. Pediu desculpas pela bagunça e pela sujeira. Limpou uma mesa e uma cadeira e indicou que sentasse. Os animais ficaram por perto, ora mais próximos, passando entre as cadeiras, ora mais afastados.

Contou que morava nesse endereço há 14 anos. Sua casa teve a construção orientada por ele e foi feita logo após a compra do terreno (foi a segunda da rua) para que a família passasse os fins de semana, logo depois decidiram residir ali. Porém, como começaram a encontrar dificuldades no que tange ao deslocamento para o trabalho, decidiram retornar para Salvador.

No entanto, como começaram a haver assaltos nos imóveis que estavam vazios, há quatro anos, ele voltou para Pitangueiras. Retornou sozinho, a esposa e os filhos continuam na capital. Como se aposentara, não tinha que enfrentar todo dia o problema do deslocamento, pois, “[...] agora sou vagabundo, como disse o outro”. Esse termo, com o qual se auto designava, foi repetido por várias vezes, sempre com tom irônico. Acrescentou, referindo-se à família, que “[...] o pessoal tá resolvendo, se preparando [...]” para voltar. Ele se sente só e diz: “[...] não tenho nada pra fazer”.

Antes, ele trabalhava numa construtora, “fazia estradas”, e era encarregado de processos de produção. Disse que acha “engraçada” sua situação. Quando trabalhava, era “doido para parar”, agora é diferente. Agora, trabalho “[...] significa carta de alforria para não ficar em casa. Antes era sobrevivência. [...] contribuir para com os outros. [...] Agora que não preciso trabalhar, eu quero. Vê se pode!”.

Quando perguntei sobre suas atividades de lazer, sua resposta foi “nenhuma!”. Mas, o que é lazer? “Ué?!? Todo mundo não sabe o que é? Sei lá... É diversão”.

Noutra casa situada no Bosque dos Quiosques, outro aposentado me atendeu e convidou-me a entrar. Após receber-me no portão, prendeu o cachorro e me encaminhou a uma pequena e agradável varanda. Enquanto explicava os propósitos da pesquisa, ouvia o som de dois mensageiros do vento que tilintavam suavemente e pude ver, a partir das duas largas janelas que se abriam para o cômodo em que estava, alguns belos quadros e esculturas, que, depois soube, eram obra de sua esposa.

Ele e sua família residem no mesmo local faz 16 anos. Migraram da Pituba. Essa mudança ocorreu “Primeiro porque me aborreci com a Caixa Econômica [...]” que, segundo ele, aumentava as prestações sem base em seu salário. Mas, “[...] também com a movimentação [do bairro], os meninos crescendo, o apartamento ficou pequeno [...] Passei aqui e gostei... Vim uma vez e gostei, me apaixonei pela região”. Fez uma oferta na casa, que era bem pequena. Assim que comprou, mudou-se.

Na ocasião em que conversei com ele, no mesmo terreno estavam três casas: a dele - que foi reformada e ampliada e tinha um estilo rústico – e mais duas que pertenciam, cada uma, a uma filha. Uma dessas, com dois andares, tinha o mesmo estilo da dos pais, mas era bem mais ampla. Ficava numa parte alta do terreno. A terceira casa estava com tijolos aparente era a menor do conjunto, ficava bem próxima à primeira, porém na parte mais baixa do terreno.

Ele tinha 70 anos e, contador aposentado, há algum tempo descobriu que gosta muito de informática. Estudou o assunto e criou um programa de contabilidade para uma empresa e presta serviços à mesma. Sua esposa é artista plástica, aos 68 anos e vive da venda de seus trabalhos. Fez questão de contar que ela “[...] faz arte e expõe em vários lugares”. Tinha quadros em museus de São Paulo e em Nova York, e já fez exposições em Londres.

Quando lhe perguntei o significado de trabalho, disse “É uma forma da gente viver [...] Tem um ditado que diz: a gente trabalha para viver e não vive para trabalhar. Minha atividade com computador, informática, me dá prazer. [...] Troco informações com meu filho”. Esse também trabalha com informática e, nos fins de semana, quando se encontram, passam boa parte do tempo conversando sobre o assunto.

Em relação às atividades de lazer, “raramente sai”. Acha sua casa agradável, era um local de encontro da família. O que nomeava como lazer, eram as caminhadas e passeios de bicicleta que fazia com a esposa nas ruas do entorno ou na praia, atividades de jardinagem e as raras idas ao Salvador Norte. Em relação ao significado de lazer, disse: “Eu acho o seguinte: pessoalmente, é o bem estar, se tô bem em casa, é lazer. [...] Paz comigo [...] estar em paz com minha consciência. [...] às vezes, estar com a família, em entendimento perfeito [...]. Normalmente, há reunião e harmonia muito grande na família”.

Falou que outras pessoas da família – além dos que lá residem – frequentam muito sua casa, se reúnem, fazem churrasco. Ele e o genro até pensaram em construir uma piscina ali, mas, ficaram com medo do pessoal não sair mais de lá. “O pessoal, quando chega aqui, não quer sair. Isso que me satisfaz... ver o pessoal feliz! Se felicidade é isso, sou feliz”.

Quando se mudou para Pitangueiras, “Rapaz, foi... como se tivesse morando aqui há muito tempo... Só tinha uma casa aqui [disse fazendo um gesto que indicava a rua], era tudo escuro!”. Na primeira vez que saiu, depois que lá chegou, já era de tardinha. Anoteceu e ele não conseguia encontrar sua casa. Riu e disse que rodou bastante. Não conseguia achar a casa de tão escuro que era. “Era um negócio bem rústico mesmo”. Quando finalmente a achou, viu que já tinha passado por ali algumas vezes. E a sensação foi ótima.

Num *village*, um homem atendeu ao interfone e expliquei-lhe porque estava ali. Disse que estava ocupado e perguntou quanto tempo demorava para responder ao questionário. Após responder-lhe, decidiu abrir e pediu que entrasse. Ele me atendeu na varanda de sua casa.

O empreendimento em que mora é um dos mais antigos do bairro. Além das casas, conta apenas com um estacionamento e um pequeno jardim como área comum. Ele e a esposa estavam ali há apenas três meses. Antes moravam em Vilas, mas, o custo do aluguel era muito alto e, como esse imóvel era da irmã, ela o alugou para ele por um bom preço. Não houve motivo especial para escolher aquela localização, somente o custo da moradia.

O casal possui curso superior e ambos tinham 32 anos. Ele trabalhava como designer de criação e tinha uma empresa própria, que funcionava em casa. Sua esposa havia feito uma pós-graduação e dava aulas em faculdades. Contudo, atualmente, também atuava junto com o marido. Eram sócios na empresa.

Em relação ao sentido do trabalho, “Fora a questão da renda, é também uma forma de contribuir para um todo, pra sociedade [...] Prazer também”. Quanto ao lazer, “Seria a gente aproveitar o momento de estar consigo, com a família. É só isso”. O casal o realiza quando faz meditação e yoga, anda de bicicleta e vai à praia.

Antes de residir em Pitangueiras, “[...] tinha a impressão de ser menos segura, mas morando, convivendo aqui, acho bem tranquilo. Mas, no fim de semana, o som incomoda um pouco”. Refere-se ao som das casas vizinhas, sobretudo as do condomínio que fica ao lado do seu. “A gente [ele e a esposa] tá gostando de morar aqui... a moradia é boa”.

Como percebi, ao entrar, que havia pessoas em outras casas do *village*, quando terminamos o questionário, eu perguntei se poderia me apresentar a outros moradores do condomínio. Ele disse que sim e levou-me a três casas, porém, em todas, as pessoas não tinham tempo para atender-me naquele momento ou em outro. Ele ficou meio constrangido, pediu-me desculpas, e me levou até a saída.

Num *village* próximo a esse, conversei com um casal. O marido atendeu ao interfone, abriu o portão do condomínio e disse que me encaminhasse à sua casa. Abriu o portãozinho do seu jardim, afastou os dois pequenos cachorrinhos, “não mordem, pode entrar”. Mandou que entrasse e sentasse no sofá da sala. Chamou sua esposa e disse que seria ela quem iria responder-me. Expliquei-lhe porque estava ali e os objetivos da pesquisa que estava realizando. Ela se sentou ao meu lado e ele numa poltrona próxima.

Contou que residiu em Vilas do Atlântico por 20 anos, mas, a família diminuiu: “Nossa casa era dispendiosa [...] era muito grande e a família ficou pequena”. Na sua moradia atual, além do casal, havia mais dois moradores, sua filha e o neto.

O casal tinha mais de 70 anos. Ela foi secretária e ele gerente financeiro, ambos trabalharam no Polo de Camaçari e estão aposentados. Sua filha tinha 43 anos e era pedagoga. No entanto, não exercia a profissão porque não compensava financeiramente; fazia transporte escolar para alunos de Vilas do Atlântico e Buraquinho. Trabalhava também fazendo fotografias de aniversários, casamentos etc. O neto tinha 21 anos e cursava engenharia química na UFBA.

Em relação ao significado de trabalho, ela disse “[...] não deixa de ser o ganha pão... O que acha?”, perguntou ao marido. E ele, então, responde rindo: “Esqueci o que é isso!” Depois ele comentou que aprendeu o que era trabalho quando morou nos Estados Unidos. Passaram uns anos lá “[...] fazendo o que os americanos não fazem”. Lá ganharam dinheiro e os filhos, ainda pequenos, aprenderam inglês. Valeu a pena, pois, tinham uma vida ótima. O filho reside naquele país há 12 anos.

O lazer da família varia, embora, de forma geral, sejam muito caseiros. Ela e o esposo gostavam de caminhar na praia, em Vilas, principalmente. Sua filha gosta de sair com as amigas, ir à piscina, à praia ou mesmo fazer um churrasco em sua casa ou na das amigas. O neto é quem menos sai, “Ele só pensa em estudar”. Seu lazer é ir à casa da namorada. Ela entende por lazer “Repouso mental, descanso... Relaxar na praia [...] é bom”.

Em outra parte do bairro, no começo da Rua Noêmia Paranhos, bati no portão de uma moradia simples. Um senhor atendeu. Expliquei porque estava ali. Ele não respondeu nada e saiu do meu campo de visão. Logo depois retornou e disse “se eu souber responder...”. Saiu da casa e atendeu-me na frente dela.

Sempre sorrindo, falando com calma e procurando “responder certinho”, contou-me que mora em Pitangueiras há mais de 40 anos. Antes residia em Portão e mudou-se para lá para trabalhar. Na época, era agricultor. “É o destino da vida, vim trabalhar e acabei ficando”. Foi construindo a casa aos poucos. Hoje em cima de seu domicílio está o de uma de suas filhas. No dele, residiam seis pessoas, ele, a esposa e outros filhos.

Enquanto descrevia sua casa, uma de suas filhas, uma jovem que tem “problemas de cabeça” saiu e ficou conosco. A partir daí passou a completar as resposta do pai e dar outras informações sobre ela e sobre a família.

Quando enumerou seus bens, disse que tinha telefone fixo, mas “tá cortado”, porém, fez questão de frisar que já estava resolvendo isso. A jovem disse na casa dela não tinha computador, mas, na da irmã, que é a de cima, tinha. Mas, não era na casa dela, então, não tinha.

Esse senhor, de 65 anos, estudou até a 4ª série, lê e escreve um pouco. Procurou justificar essa situação: “Meu pai morreu eu era pequeno [...] minha mãe também”. Teve que se virar sozinho. Nos últimos anos trabalhava como serralheiro, “[...] faço grade, portão [...] trabalho pra mim mesmo”. A filha conta que ele gosta de plantar no sítio. Então, ele acrescentou que tem um “sitiozinho em Barra do Pojuca” e que trabalha “de domingo a domingo”, seja fazendo grade, seja no sítio. Referiu que a maioria dos seus clientes era de Lauro de Freitas, mas, disse com certo orgulho, já foi até o interior fazer grades para uma janela. Um cliente daqui o levou para lá.

Sua esposa também lê e escreve um pouco, tendo também estudado até a 4ª série. Ela trabalha em casa e não tem rendimentos.

Uma das filhas, a de 22 anos, “completou os estudos”, ou seja, terminou o 2º grau. Achava que ela cursava faculdade, mas, não sabe dizer com certeza. Ela trabalhava numa clinica veterinária, como auxiliar. Resolveu confirmar as informações com a jovem que se encontrava em casa. Ia dizer à ela, falou-me, que eu estava fazendo um trabalho sério, que “é coisa de sinceridade”. Quando entrou, a filha, que estava ao meu lado, disse que ela não ia falar nada, porque a irmã é “grossa”. Realmente, meio sem graça, ele pediu desculpas, mas, ela não lhe informara nada.

A jovem contou que não gosta de falar as coisas para os outros e que não devia abrir a porta para estranhos, o pai a repreendeu e sinalizou para mim. Ela disse, “pra ela pode, ela é legal”. E foi contando que estudava numa escola perto dali, onde uns meninos ficavam lhe “abusando”. Um dia ela jogou uma pedra na “cara de um” e ele não a abusou mais. Aliás, pelo seu relato, hoje ninguém “bulia” com ela. Ela falava baixinho e rápido; o tempo todo colocava a ponta do dedo indicador em mim como que para prestar atenção nela. Mantive as perguntas ao pai e dialogava com ela que sempre tinha algo a acrescentar, nem sempre com sentido, ao que ele dizia.

Seu pai pede desculpas pelo jeito da jovem e diz que, apesar do “problema”, ela é uma boa filha. Depois que saiu do colégio, só ia à igreja. Vai também ao banco pegar sua “aposentadoria”, junto com a mãe. Não deixa ninguém pegar o dinheiro, “meu dinheiro”.

Para esse serralheiro, trabalho é “Sobrevivência. [...] beneficia (sic) a gente para sobreviver. Acho muito bom. Criei meus filhos... a gente sobrevivendo”. Ele disse que fez tudo que pode pelos filhos e se acha um bom pai, um pai que ele não teve. “Não sou um bom pai?”, perguntou à filha. Ela, sorrindo, disse que sim. Os dois se abraçaram e ficaram assim por alguns segundos.

Não sabe se alguém tem lazer na casa, ele não tem. Quando perguntei o significado do termo para ele, sua resposta foi “É só trabalho, é a luta, meu sítio, criação, plantação”. A filha completa: ele se diverte trabalhando.

Em relação aos demais questionários, para realizá-los, passei por uma situação inusitada. Toquei a caminha de uma casa cercada por de muros bem altos – mais de três metros. Uma mulher atendeu, apresentei-me. Disse que ia responder ao questionário, mas, se eu quisesse vê-la seria pela fresta do portão da garagem. Não informaria seu sobrenome ou contato (telefone ou e-mail) e não iria abrir a porta porque é muito “perigoso”. Igualmente não sabia se iria dar todas as informações que eu queria, ia avaliar se não era “perigoso”.

Em princípio, achei que seria inviável aplicar o questionário nessa situação, porém, resolvi verificar quais seriam as perguntas “perigosas” e qual o conteúdo de sua fala. Aceitei sua condição. Ela foi para perto do dito portão e a tal fresta era de cerca de dez centímetros, o que me permitiu vê-la e ela a mim.

Contou que estava há 10 anos no mesmo domicílio e que ele pertence à mãe. Antes ela residia em São Paulo e a mãe em Itapuã. Quando essa última comprou essa casa, que é “bem grande”, “vim pra cá”. Informou que o imóvel tem jardim e piscina e que nele residiam quatro pessoas.

Disse que tinha 50 anos e era formada em pedagogia, no entanto, trabalhava na “prestação de serviços”, faz leitura de tarô em hotéis do litoral norte (principalmente em Imbassay), em shoppings e em casa. Com 54 anos, seu marido igualmente tinha nível superior e exercia a função de projetista. Também sem vínculo trabalhista, atuava sobretudo em Vilas do Atlântico e entorno. Seu filho estuda gastronomia numa faculdade particular, na área do Iguatemi. Ele tinha 19 anos. A outra pessoa que residia na casa era a mãe, que aos 72 anos e com 2º grau completo era aposentada.

Ainda que tenha prestado várias informações sobre a família, como era esperado, ela não falou sobre rendimentos ou sobre os bens no domicílio.

Para ela, trabalho significa “[...] dedicação, disciplina [...] é necessário”. E lazer é “Fazer o que quiser, a hora que quiser [...] sem horário”.

Perguntada sobre o bairro, disse que antes era muito diferente e ela, que veio de São Paulo, estranhava muito os hábitos, o “modo de ser” das pessoas. Ressaltou o crescimento de Vilas e disse que “Antes era bem menos populoso, agora tá bem misturado [...] mais classes sociais”. Segundo percebia, agora, no bairro, encontram-se mais pessoas das classes mais altas, que antigamente só vinham para veranejar. Embora ainda haja casas usadas somente nas férias, os condomínios já contam com muitos residentes.

Comentário:

A forma como o senhor que é serralheiro me atendeu e se relacionou com a filha me comoveram. É um homem simples, que contou a uma desconhecida algumas das dificuldades pelas quais passou.

A mulher que me atendeu pela fresta do portão foi um caso interessante. Falou várias coisas sobre ela, o marido e o filho, inclusive onde exercem suas atividades. Achou que perigoso apenas falar dos bens e da renda.

Sobre o casal de idosos: aprenderam o que era trabalho quando estavam nos EUA. Lá trabalharam limpando mesas, fazendo faxina etc. Aqui exerceram postos bem remunerados no Copec. Mas, lá é que foi bom...

DIÁRIO DE CAMPO - 25/11/2014

Nesse dia, entre 9h e 12h10min, estive na Rua Brigadeiro Alberto Costa Matos, onde realizei as primeiras andanças e questionários. À tarde, circulei pela Noêmia Paranhos. De acordo com relatos dos moradores, essas eram as áreas do bairro onde se encontravam os moradores mais antigos de Pitangueiras. Também foram as primeiras a se adensar.

Estive em 14 domicílios nos quais ninguém atendeu à campainha (às vezes, pelo barulho, movimento ou mesmo janelas abertas notava que havia pessoas em casa, mas, não se atendia à porta); em 11 não havia quem pudesse responder no momento; e em três pediu-se que retornasse em outro dia; e em seis consegui que alguém respondesse ao questionário. Desse modo, estive em 34 residências.

Em relação às informações obtidas a partir da aplicação dos questionários, seguem-se algumas anotações.

No Aracui, a segunda pessoa a atender-me foi uma jovem de 27 anos. Bati no pequeno portão de uma casa, dentro dela ouvia-se uma música gospel. Ela estava na rua, olhou-me, e quis saber do que se tratava. Expliquei-lhe e perguntei se ela conhecia quem morava ali. Essa era a casa de sua família e aceitou participar da pesquisa.

Comecei a fazer-lhe as perguntas do questionário ali mesmo. Sua família estava no mesmo endereço há 25 anos. Eles eram de São Gonçalo, porém, depois que a avó morreu, herdaram o terreno e a casa e se mudaram para lá. Atualmente nesse terreno estavam sete casas, todas de parentes. Na dela residem quatro pessoas, é a da frente e tem dois quartos, um banheiro, sala e varanda.

Nesse momento disse que ali estava muito quente e me chamou para sentar no restaurante ao lado. Ele pertence à sua mãe e ela a ajuda. Tipicamente popular, esse restaurante ficava no mesmo terreno onde estão as casas. Nela havia cerca de seis mesas, cada uma delas coberta com toalhas plásticas coloridas. Sobre elas, um galheteiro. Na parede, um quadro com as opções do dia (pratos variando de R\$ 9,99 a R\$ 13,99). No chão, uma cerâmica colorida. Sentamo-nos junto a uma dessas mesas.

Entre os moradores da casa, ela e o irmão “concluíram os estudos”, quer dizer, “tiram o 2º grau”. Ela estudou no colégio que fica em sua rua e trabalhava “em casa”, como auxiliar de cozinha. Sua mãe, a cozinheira e proprietária do restaurante, tinha 48 anos e estudara até a 8ª série, conforme nos disse. O último morador citado foi seu padrasto. Com 42 anos, não foi escolarizado, embora soubesse ler e escrever. Tinha trabalhado em matadouros, mas, estava aposentado por problemas de saúde.

Quando pensava em trabalho, a jovem pensava em dinheiro. Para ela, esse termo remete também a “Um lazer [...] sair de dentro de casa”. Como trabalha com a mãe, é muito bom, já que não há atritos entre elas. Lazer, por sua vez, significa “diversão”, por isso, faz o que gosta quando pode: vai ao cinema ou viajar.

Se essa mulher trabalha ao lado de casa, outra tem seu ponto de vendas à frente de seu domicílio. Bati no portão que dava acesso a um conjunto de moradias. Já havia tentado contato com algum morador desse local, mas, nunca fui atendida. Vi uma mulher numa banca de guloseimas perto desse portão e perguntei-lhe se conhecia alguém que morava ali. Ela quis saber o porquê de meu interesse. Após explicar-lhe, revelou que ela era uma dessas pessoas e se mostrou disponível para responder ao questionário.

Estava nesse endereço desde 2009, veio de Nova Soure. Resolveu mudar-se para Lauro de Freitas porque “[...] sempre vinha para Salvador e não me adaptei mais no interior”. Lá não tinha nada, a vida era muito ruim. No mesmo terreno em que estava sua residência, contavam-se mais sete, todas de pessoas ligadas a uma mesma família. Na dela, com dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro – que fica “meio fora” da casa – havia quatro moradores. Eles tinham fogão, mas, a geladeira estava “em falta”; um televisor e DVD (que estava quebrado) e dois aparelhos de celular.

Ela estudou até a 3ª série e era vendedora. Porém, disse com certa alegria, agora era “dona da banca” em que trabalhava e ganhava cerca de R\$ 200,00 por mês. Mas, sabia que nesse mês e em dezembro, por causa das férias escolares, conseguiria menos. Completava sua renda a bolsa família em nome do filho de 11 anos, no valor de R\$ 216,00.

Contou-me que os demais moradores eram o ex-cunhado e a ex-sogra. Ambos sabiam ler e escrever um pouco, sendo que ele estava desempregado, enquanto a ex-sogra, “[...] uma batalhadora”, era diarista de uma casa em Ipitanga, onde “[...] o pessoal gosta muito dela”. Essa mulher ia andando para o trabalho, saía antes das 6h. para poder voltar cedo ao domicílio.

Trabalho, para ela, significava “Tudo na vida. Sem trabalho não tem como!... Em primeiro lugar saúde, depois trabalho”. Lazer “É a pessoa ter uma moradia... viver bem com a comunidade [...] É importante”.

Em relação ao Aracui, “É ótimo, não tenho o que dizer. Tem aquelas coisas que você sabe que tem [referia-se à violência e ao consumo de drogas], mas, pelo menos aqui tá tranquilo”.

Já em Pitangueiras, estive com uma das pessoas que solicitou que retornasse outro dia. Sua casa estava em obras e ela estava sozinha acompanhando os operários. O muro altíssimo não me permitia ver sua casa e supor o perfil do morador.

Quem me recebeu foi uma mulher, de 54 que, simpática, disse-me para entrar. Ao abrir o portão, um belo gramado, uma grande e frondosa árvore, um caminho de pedras bem traçado e, à esquerda, uma piscina. Ela me conduziu até a varanda, limpou a cadeira e pediu desculpas pela poeira, “[...] é a obra... a gente limpa, mas, tá sempre com pó”. Estava consertando um revestimento e a fazendo um depósito de materiais.

Ela e sua família estavam nesse domicílio há 14 anos. Antes residiam no Centro, mas, o imóvel era alugado. Então, compraram o terreno e construíram sua casa. A escolha do local se deu pelo valor do lote: era barato. Naquela época o bairro “Era muito... tinha umas cinco casas, mais ou menos [...] era tudo de barro, aqui atrás [apontou para a rua ao lado da casa] [...]. Era quase deserto”.

Ela e o marido eram “microempresários”. Tinham um bar na Avenida Luíz Tarquínio. Ela ficava mais na gerência, mas fazia de tudo um pouco. Ele também. Com orgulho, contou que seu filho acabara de se formar em engenharia mecânica e já fazia pós-graduação. Esse curso era à distância, pois ele estava trabalhando como *trainee* numa grande empresa.

Quando perguntei sobre o sentido que atribuía ao trabalho, disse “[...] meio de sobrevivência, meio que a gente tem de conseguir uma coisa melhor para a família. [...] Quando casei e fiquei grávida tinha dois objetivos: dar para meu filho o que não tive e ter uma casa. [...] Graças a Deus, consegui tudo! Tudo é Dele, só tô aqui para tomar conta”.

Nesse contexto, falou, detalhadamente, de uma lembrança muito vívida. Trabalhara numa empresa por 27 anos e, perto de se aposentar, “quando foi um dia” foi demitida. Não esperava, fazia de tudo, mas, a firma foi vendida e o novo dono disse que seu salário era alto e a demitiu. Ela sofreu muito. Porém, pouco tempo antes seu marido havia comprado o bar. Ela tinha se posicionado contra isso, mas, no fim, foi bom porque ela passou a trabalhar com ele.

Referiu que “Depois que perdi meu emprego tive um baque emocional e financeiro”. Teve depressão, ficava pensando no por que daquilo estar acontecendo. Era uma funcionária muito dedicada. “Demitida após 27 anos! Era gerente financeira, fazia tudo!” Foi uma fase muito difícil, “não tinha gosto pra nada”. Mas, superou. Foi trabalhar no bar com o marido, o que foi bom porque faziam mais coisas juntos. Falou algo do tipo: logo eu que não queria que ele comprasse esse negócio...

Depois de alguns meses foi chamada para retornar à empresa, ocupando o mesmo cargo só que com salário mais baixo. Recusou a oferta. “Hoje não vejo mais essa necessidade [...] de ter um trabalho tão puxado como tinha”. Avalia que está muito diferente, melhor, do que há um ano quando sua demissão aconteceu.

Disse que ela e o esposo não tinham muitas atividades de lazer. Às vezes iam à praia de Vilas, e a barzinhos de Vilas ou de Pitangueiras. Gostavam muito de viajar no carnaval, normalmente, seguiam para Porto Seguro. “A minha vida é muito restrita, meu esposo não gosta muito de sair [...] Nós somos pessoas que não temos muitas amizades aqui. Só saio às vezes, com uma prima”.

Para ela, lazer é “Tirar da mente as preocupações do dia-a-dia. Gosto do carnaval por isso, são sete dias de... não pensar em nada!!”

Comentário:

Essa última senhora, ao contar sobre sua demissão, parecia falar de algo muito recente. Falou com algum detalhamento sobre o que se passou, o que fazia, a forma humilhante como a demitiram – desqualificando seu trabalho -, o do quanto demorou para se reerguer. Em verdade, isso ainda a tocava muito.

DIÁRIO DE CAMPO - 27/11/2014

Na tarde deste dia estive em apenas cinco domicílios e apliquei questionários em todos eles, todos na Rua Noêmia Paranhos. Dois estavam na parte da rua em que predominavam moradores antigos ou seus descendentes. Três estavam localizados em condomínios e foram agendados previamente. Aliás, essa foi uma das poucas ocasiões em que esses agendamentos funcionaram. Quero dizer, houve algumas situações em que as pessoas solicitaram que voltasse em outro dia, marcavam-se dia e hora e, no entanto, quando retornava, não havia ninguém que pudesse me atender.

Em relação aos questionários realizados no condomínio, no início de novembro, conversei com um rapaz que nele residia. Ele se prontificou a ajudar-me a entrar em contato com outras pessoas. E assim o fez.

A primeira delas foi uma delas foi mulher de 47 anos e formada em Direito. Morava nesse lugar fazia cinco anos. Antes residia em outro condomínio, próximo à Unime. Lá permaneceu por um ano. Antes havia morado em vários estados, viajava muito por conta do trabalho do marido. Na ocasião, ele estava empregado numa empresa em Candeias, então consideraram ali um “local fácil” para deslocar-se para o trabalho. Não houve outra a razão para morar em Pitangueiras.

Ela disse que não trabalhava há vários anos, era “do lar”. Não podia exercer uma profissão por causa da vida do marido. Se dedicava a dar atenção a ele e aos dois filhos, de 28 e 26 anos. O mais velho tinha nível superior e, naquele momento, estudava para concurso. A mais nova, advogada, trabalhava no polo da UNEB localizado em Lauro de Freitas.

A respeito do significado de trabalho, disse que é muito importante, “[...] primeiro porque através dele que chega o sustento. Também porque é a realização pessoal”.

Quanto às atividades de lazer, não gosta muito de praia, mas, os filhos vão à de Vilas. Prefere ir ao cinema, normalmente no shopping Salvador Norte, e ao teatro, em Salvador. Costumava também viajar com a família para conhecer lugares novos em outros estados. Para ela, o lazer “Depende do que você tenha prazer... às vezes só de olhar o mar é bom. Então é muito relativo”.

Ainda no mesmo condomínio, estive com uma ex-professora. Rispidamente, falou que só estava me atendendo porque seu vizinho, uma boa pessoa, lhe pediu. Falou que já que era uma pesquisa da universidade, que a instituição deveria ter ligado para o condomínio, informado que eu iria e mandado um ofício. Mostrei-lhe a carta do orientador que tinha em mãos e falei da natureza da pesquisa – que não era da universidade, mas, se referia a uma pesquisa de pós-graduação vinculada ao doutorado do curso de Geografia. Ela continuou dizendo que estava errado. Mesmo assim, que iria responder às perguntas, a menos que as achasse indevidas. Chamou-me para sentar na varanda.

Há seis anos morava nesse condomínio. No entanto, estava na mesma rua faziam quase 30. Residia em um sítio. A família partiu de Salvador para Lauro de Freitas porque seu pai comprou uma casa de veraneio naquela rua e ali seu marido fundou uma empresa. Foi então que o casal resolveu também adquirir um lote e construir sua residência. “São coisas... não tinha a facilidade de hoje mas tinha muito mais qualidade de vida, inclusive segurança”. Percebe que o bairro, atualmente, é “Perigoso, perigoso, muito perigoso,

amedrontante”. Por isso, pela falta de segurança, algo “visível” no bairro, venderam o sítio e mudar para o condomínio. “Hoje todo mundo tá fugindo para condomínio”.

Disse que “teoricamente, aqui moramos eu e meu marido”, porém, os netos estão sempre lá. Sua filha tem uma casa em Buraquinho e trabalha em Salvador. Ela não tem empregada. Então, quando os meninos saem da escola, normalmente, vão o domicílio dos avós. Depois, a filha os pega.

Ela tinha acabado de fazer as unhas em casa e sua empregada e a manicure estavam de saída. No entanto, as duas ficaram por algum tempo observando nosso diálogo. Permaneceram atentas e em silêncio enquanto ela criticava minha forma de ter acesso ao condomínio. Mas, quando ela disse que morava só com o marido, ambas fizeram comentários de que os dois nunca estavam a sós. “Tem sempre mais alguém...”. A senhora comentou que a manicure estava com ela há muito tempo, tinha visto a filha casar e os netos nascerem.

Após responder às perguntas, voltou a dizer que a forma de contato com ela foi equivocada, que “como as coisas estão hoje” seria difícil que alguém respondesse perguntas sobre bens ou renda, pois, seria perigoso. Foi por esse motivo, não informou a respeito dos rendimentos dela e do marido.

Todavia, contou que tinha nível superior em biologia, foi professora da UFBA e, aos 72 anos, estava aposentada. Seu esposo, com a mesma idade, igualmente possuía nível superior e era aposentado. No entanto, administrava os bens do casal (eles tinham imóveis alugados), o que fazia em casa mesmo.

Quando lhe perguntei o significado de trabalho, sua resposta foi: “Ave Maria! Minha vida! Tudo! O dia que parar de trabalhar, parou a máquina”. Em relação ao lazer, realiza “na medida do possível” vai à praia e ao shopping Salvador Norte. Ela e o marido gostavam muito almoçar e jantar fora e de viajar. Para ela, lazer é “Passear, me divertir, às vezes sem se cansar, às vezes se cansando. [...] Relaxar e aprender também, porque quando a gente vai a outros lugares aprende coisas”.

Ainda nesse condomínio, uma jovem mulher me atendeu na sala de sua casa.

Com o celular na mão, passando mensagens, falou que residia naquele local há quatro anos. Migrou de Águas Claras, Salvador: “Comprei essa casa. Queria vir pra cá, desde sempre quis [...] Lauro de Freitas é mais tranquilo que Salvador”. Não tinha nenhuma predileção por esse ponto da cidade, apenas gostou do condomínio e da casa.

Ela, aos 36 anos, já fez vários cursos técnicos, citou os de estática e de turismo. Seu marido, o outro morador da casa, com 59, é formado em economia e trabalha num escritório que ficava em sua própria residência. “É um escritório virtual, de fotografia aérea”. Embora tenha dito que não trabalhava, quando falou da atividade do marido mencionou que o ajudava nos contatos, respondendo e-mails, etc.

Em relação ao significado de trabalho: “Rapaz... trabalho é a atividade que a gente... que as pessoas precisam ter... para ter dinheiro, para ter satisfação pessoal [...] Para melhorar a sociedade... com essas coisas do capitalismo [...] É atividade remunerada ou não remunerada, é a essência da humanidade”.

Quando lhe perguntei sobre lazer, disse: “O que significa... Posso responder depois?”

Atendendo ao seu pedido, prossegui com o questionário. Então, de supetão disse que lazer é “[...] estar em paz. A gente tem uma vida tão corrida que o melhor é parar tudo e ficar em paz, em silêncio... Ficar quieta, simplesmente...”. Acha que tem sempre muitas obrigações e coisas a fazer e, além disso, tem que dar atenção aos amigos. Sente que seu tempo é todo tomado.

Quando falei que havia terminado, pediu mais detalhes sobre a pesquisa, com quantas pessoas já havia conversado e com quantas ainda pretendia conversar. Achava difícil que

conseguisse chegar a uma ideia geral sobre as coisas que perguntava (trabalho e lazer) porque as pessoas têm muitas opiniões diferentes.

Sobre os dois questionários realizados onde havia moradores mais antigos, em um dos domicílios já estivera antes. A mulher que então me atendeu, disse que seria melhor se voltasse outro dia e à tardinha. Quando cheguei ela sorriu meio sem graça, disse que não tinha tempo, e, depois, falou que esperasse um pouco. Entrou em casa e, alguns minutos depois, abriu a porta e mandou-me entrar.

Sentei-me em um dos sofás da sala. No outro sua sobrinha tomava conta de um bebê. A casa era simples e passava a ideia de que foi sendo feita aos poucos: sala com dois tipos de piso (um até a escada e outro depois) e uma parte da parede externa pintada, outra com reboco. Devido às minhas andanças no bairro, sei que esse imóvel existe há bastante tempo, porém, o segundo pavimento é relativamente recente.

Afirmou que morava na casa desde que nasceu e que sua família veio de Salvador fazia muitos anos. Não tinha certeza, mas, achava que seus pais tinham vindo para Lauro de Freitas por causa da bisavó que já morava lá. Sua mãe, que chegara um pouco depois, complementa sua resposta contando que seu avô administrava uma fazenda e que seus pais acharam melhor passar a morar com ele. Essa fazenda ficava onde atualmente está a Unime. Bem mais tarde, nos anos de 1960, ela e o marido compraram o terreno onde está sua moradia. Ali antes também era uma fazenda que foi loteada.

A mulher que me atendeu contou que tinha 32 anos, 2º grau completo e trabalhava como cuidadora de idosos no Aracui, mas, no momento estava de licença maternidade. Com ela, além do marido e do filho, moravam sua avó, seus pais, um irmão e a filha desse último. Seu esposo era pedreiro, o irmão trabalhava como segurança e o pai estava aposentado. A mãe deixara de trabalhar – era cozinheira – para cuidar de sua avó.

Quanto sua ideia de trabalho, disse, “tudo”. Sobre o lazer, respondeu que não tem nenhum. Depois, citou as comemorações em família, quando todos se reúnem e disse que é “distração”.

Ela e mãe afirmaram amar seu bairro. Essa última lembrou que “Aqui, antigamente, a rua era de pedra, era a entrada da Fazenda Pitangueiras [...] era bem precário. [...] A prioridade [da prefeitura] era Portão e Lauro de Freitas [...] A gente ia estudar longe, ia a pé, voltava a pé. Não tinha nada...”. Quando criança, estudava em Portão. Várias crianças iam juntas para a escola, sem preocupação com violência. “Ao contrário de hoje, que a gente tem medo da violência. [...] Hoje tá ótimo. Agora tem farmácia perto, mercado perto, escola perto... coleta de lixo”.

Enquanto me aproximava da casa da família acima mencionada, um homem, que estacionava o carro, observava-me. Perguntou se precisava de alguma informação – identificou que não era moradora do lugar. Disse o porquê de estar ali e indaguei se, depois, ele poderia responder ao questionário. Ele falou que passasse em sua casa para ver se teria tempo. Assim o fiz.

Foi muito solícito nas respostas e acabou sendo uma das pessoas as quais entrevistei.

Comentários:

Interessante que, como antes foi registrado, pessoas que dizem não trabalhar argumentam que trabalho é tudo ou essencial.

Entre os moradores antigos, há reincidência da noção de que antes não havia nada, era tudo muito difícil, mas era bom viver no bairro. Hoje, há tudo, inclusive o medo. A ideia de insegurança se repete.

DIÁRIO DE CAMPO - 29/11/2014

Neste dia, novamente, priorizei realizar questionários com moradores de condomínios ou em casas de maior porte. Fiquei nas imediações da Rua Juracy Magalhães, onde existe uma aglomeração desses empreendimentos.

Era um sábado de sol e comecei a tentar as atividades às 9h. Enquanto “peregrinava”, notei alguma circulação de carros e poucas pessoas. Durante o tempo que permaneci na Rua Martins de Oliveira, cerca de 20 minutos, entre um e outro condomínio, além de mim, apenas mais uma pessoa passou na rua. Maior movimento mesmo, assim como em outros dias, apenas na Rua Juracy Magalhães, porém, embora o ir de vir de carros fosse intenso se comparado ao de outras ruas, os pedestres eram poucos.

De todo modo, aos sábados, à exceção do que ocorre no acesso à academia, o movimento é maior do que nos dias úteis. Em apenas dois horários, nesses dias, vê-se um fluxo mais intenso, por volta das 8h e das 17h, quando pessoas entram e saem do trabalho, normalmente aqueles têm emprego doméstico e na construção civil.

Estive em 29 domicílios. Em 12 moradias, a resposta principal foi: “não tem ninguém para responder”. Duas pessoas pediram que retornasse mais tarde, sendo que uma efetivamente me atendeu. Num domicílio, se solicitou que enviasse o questionário por e-mail, esse seria o único modo de respondê-lo.

Há duas situações considero importante mencionar: uma se refere ao fato de que em dois condomínios toquei em todos os domicílios e ninguém pôde atender – uma pessoa disse que “todo mundo está muito, muito ocupado”, outra falou que estava fazendo a unha, então, “não posso falar com ninguém”. A segunda se refere ao fato de que, por volta das 12h, enquanto realizava um questionário, o morador de um condomínio, junto com um dos vigilantes da área, informou à pessoa com quem conversava que havia ocorrido o assalto no seu residencial. Parecia que eu não estava ali, não existia. Em nenhum momento voltou seu olhar ou a atenção a mim. Pedia o vídeo da câmera de segurança do condomínio.

Disse que “um cara”, com “farda de colégio” e “mochila nas costas” ficou esperando que sua vizinha abrisse o portão para entrar com o carro e entrou com ela. Pegou sua bolsa e o relógio e fugiu.

Após esse questionário, percebi a movimentação na rua de pessoas procurando informar-se sobre o perfil de tal rapaz, e a chegada de um carro de uma empresa de segurança privada. Encerrei as atividades.

A seguir, anotações feitas a partir da aplicação e das respostas dos questionários.

Quando atendeu ao interfone e ouviu-me, um homem disse que poderia perguntar que ele responderia ao questionário. Indaguei se não poderia vir atender-me no portão. Após alguns minutos sem resposta ele abriu o portão da garagem. Sua casa era a primeira, de um total de seis, do condomínio em que morava.

Simpático, convidou-me a entrar e sentar na varanda, onde estava junto a dois pequenos cachorros. Perguntou se os cães incomodavam, respondi que não e eles ficaram por ali. Ele ficou num sofá de junco, eu numa das duas poltronas disponíveis e os animais, daqui para ali, todo o tempo a nos rodear e a pedir atenção.

Ele tinha mais de 70 anos e sua esposa, a outra moradora do domicílio, era um pouco mais nova. Residiam nesse lugar há três anos. Antes tinham uma casa em Ipitanga, mas, a mesma era muito grande “[...] vendemos e compramos aqui. Minha esposa gosta dessa região”. Ele gostou do condomínio e da casa, onde, construiu sua própria “área de lazer”. Ao falar disso, aponta a lateral da varanda onde havia uma churrasqueira e um bar.

Estava aposentado e complementava sua renda prestando serviços como consultor financeiro. Essa atividade era exercida em casa. A esposa fez o curso normal, porém, há

muitos anos seu trabalho era “em casa”, não chegou a se aposentar. Então, ambos viviam dos proventos do marido.

Para ele trabalho “É a vida. Se a gente... se eu parasse de trabalhar já tinha morrido [...] Comecei a trabalhar com 11 anos [...]”. Falou que durante a maioria do tempo em que estava “na ativa” trabalhou em banco. “Era gerente do Itaú [...] Gostava demais do meu serviço, mas, no final... não aguentava... Era problema demais”. Falou de problemas de relacionamento e do chefe “puxa-saco”. Isso o levou a se aposentar mesmo ainda gostando de trabalhar.

Sobre lazer, disse que as atividades dele e da esposa eram assistir a um filme em casa ou ir à piscina do condomínio. Também ficava em sua “área de lazer”, “fiz meu quiosque”. Antes saía muito, mas, depois da Lei Seca, preferia ficar em casa. Entendia como lazer “[...] descanso, a paz, distrair do trabalho”.

Pouco adiante estava a casa de uma senhora de 68 anos. Achava que ela não ia me receber, pois, já havia estado ali, tentando conversar com algum morador por duas vezes. Na segunda, ela atendeu-me e disse para voltar no sábado, pois, estava de saída para a hidroginástica. No entanto, foi muito simpática e recebeu-me com gentileza.

O terreno onde está sua casa é muito grande, ocupa boa parte do quarteirão. Quando entrei, vi que além do tamanho, se tratava de uma propriedade bem cuidada. Sentamo-nos em bancos feitos de troncos de árvore, numa parte do jardim que fica à frente da casa principal. Dali via, além de um campo de futebol, um parque infantil, uma área arborizada e quatro casas menores, no mesmo estilo da principal. Depois soube que eram destinadas aos trabalhadores que lhes prestavam serviços, dois dos quais ali residiam.

Embora a família tenha esse sítio há muito tempo, fazia apenas três anos moravam no local. “Vínhamos de Salvador todo final de semana [...] Salvador era mais perto da universidade...”. A ideia da família era a de ter vindo morar em Lauro antes, mas, por conta do trabalho e principalmente da faculdade dos filhos, isso ficou inviável. Como eles já estão formados e trabalhando, e ela e o marido aposentados, o casal veio para o município.

Enquanto conversávamos, um dos filhos ligou, “Ele sempre liga”. Eles ficavam preocupados com os pais: a casa é muito grande e temem por sua segurança. Ela, porém, disse sentir-se tranquila. Além dos caseiros, têm cães de guarda e estavam, naqueles dias, providenciando sistema de câmeras e cerca elétrica.

Ela tinha nível superior, formada em letras – foi professora e trabalhou na Secretaria de Educação do Estado. Seu esposo tinha 67 anos. Formado em arquitetura, ainda mantinha um escritório em casa. Mais uma pessoa residia com eles, uma sobrinha de 34 anos. Formada em engenharia química, exercia a função em Salvador.

Contou que seus três filhos eram engenheiros: um fez engenharia elétrica, outro mecânica e o terceiro, química. “Ninguém seguiu minha área” disse rindo; ela tinha o sonho de ter um filho advogado e o marido, arquiteto como ele. Os rapazes eram casados, mas, não tinham filhos - comentou que ainda não tinha netos.

Para ela, “Trabalho... é uma atividade para não tornar o tempo ocioso [...] ocupar o tempo”. Já lazer, “Ah! Lazer seria o momento para reflexão, momento para descanso [...] Contrabalança atividades que precisam de horário [...] despreocupação com horário”.

Falando sobre o bairro, lembrou que quando construiu a casa, “[...] faltava tudo. Isso aqui praticamente não tinha nada, nem acesso à praia [...] não tinha água, telefone. Construímos uma casa simples e fomos fazendo e até hoje estamos fazendo”. Depois, quando os filhos estavam na faculdade, o campo de futebol era o principal atrativo. Eles traziam os amigos, espalhavam barracas de acampamento em volta da casa, jogavam bola, faziam churrasco, o lugar vivia cheio. Na época, pensaram em fazer uma piscina, mais ou menos no local em que nós duas estávamos. Agora, como a casa não era tão usada por muita gente, não sabiam se valia a pena investir. Antes não, parecia “um clube”.

“Hoje aqui..., o que sinto falta é de um hospital de emergência. [...] aqui só tem hospital público e o particular, o Aeroporto [...]”, que, segundo ela, não é bom. Se for preciso, numa urgência, “[...] não se chega a Salvador em tempo hábil”. E completou, “[...] é a única coisa de que sinto falta [...] Aqui tá bem servido de mercado”.

Ao sair de sua casa, entrei numa rua em que havia um *village* novo, com poucos domicílios ocupados. Eram nove casas e uma piscina ao fundo; ao lado dela, um pequeno quiosque. O portão estava aberto e vi que um senhor estava na garagem de sua casa com uma caixa de ferramentas. Perguntei se podia entrar para falar com ele. Assentiu e aceitou responder-me, mas, perguntou se era grande e se iria demorar.

Atendeu-me na garagem que, no seu caso, fazia as vezes de varanda. Falou que estava ali há dois meses e que antes morava perto, mas, o imóvel era alugado. Esse era próprio, estava pagando o financiamento.

Ele possuía 47 anos e concluiu o 2º grau. Era comerciante, proprietário de tinha uma loja de prestação de serviços residenciais. Com ele moravam a esposa, de 52 anos, que não trabalhava fora; e a filha, com 18 anos, que fazia um cursinho pré-vestibular.

Trabalho para ele “É tudo pro ser humano [...] sem trabalhar não há como sobreviver”.

As atividades de lazer da família eram ir à praia de Vilas, ao shopping Salvador Norte e ele, particularmente, gostava de pescar, em Buraquinho ou Jacuipe. Lazer para ele é “diversão”.

Quanto ao bairro, “Eu acho que tá crescendo mais. Antes era mais apagado. [...] Acho que melhorou muito a vista do que era. Melhorou em virtude do crescimento [...] mais empreendimentos, centros comerciais, mais moradias”.

Perto desse *village*, outro empreendimento do mesmo tipo. Com oito casas geminadas, todas à direita da entrada e, uma larga via, à frente delas, servia tanto à circulação dos veículos como de estacionamento. Nesse lugar, um homem de 41 anos, me atendeu prontamente - assim que expliquei, pelo interfone, do que se tratava, pediu que aguardasse, veio ao portão e convidou-me a sentar na varanda de sua casa.

Contou que morara em Lauro de Freitas, no Centro, por 20 anos. Nesse condomínio, estava há cerca de dois. “Casei e vim pra cá”. A escolha do local se deveu ao fato de que seu escritório se localizava nas proximidades. Ele é empresário e sua empresa, que presta serviços a empresas públicas e privadas.

Em relação aos moradores da casa, eram três. Ele, que tinha superior completo (administração de empresas), era empresário. Sua esposa era mais jovem, 39 anos. Com formação superior igual à sua, era supervisora de vendas e trabalhava circulando em Salvador, indo a várias lojas e reuniões. Reclamou que ela não tinha sábado, nem domingo e que trabalhava muito para o que ganhava. Seu filho tinha sete anos e estudava num colégio particular.

Até esse ponto, suas respostas foram curtas e rápidas. Porém, quando passou a falar de trabalho isso mudou. Sua fala fluiu mais e, de alguma maneira, encaminhava-se a uma crítica ao PT, ao governo estadual ou à prefeitura. Ao primeiro porque criava leis e impostos que impediam os pequenos empresários de progredirem. Ao prefeito, pela gestão ineficiente. Suas críticas eram longas e, como falava ligeiro, não tive condições de fazer anotações que melhor acompanhassem seu discurso. Outro aspecto que me chamou a atenção: ele repetiu demasiadamente o termo “infelizmente”.

Para ele, trabalho é “Um meio de sobrevivência, apesar da política não estar ajudando [...] os impostos e as políticas [...] Presto serviços à fundação cultural e estou há cinco meses sem receber. Meus quinze colaboradores, tudo em dia”, falou referindo-se aos salários e encargos. Na época, já haviam recebido uma parcela do décimo terceiro, enquanto ele não tinha ideia de quando o governo iria lhe pagar.

“Hoje a gente tem que ter cinco, quatro atividades paralelas para completar a renda. A gente não consegue juntar dinheiro para quando tiver 50 anos parar de trabalhar. A pessoa trabalha corretamente, mas, hoje, infelizmente, trabalha para sobreviver. [...] O que se junta, o ano que vem a inflação come! [...] Não sei onde a vai parar... [...] A gente é obrigado a antecipar a matrícula para garantir que o filho vá estudar [...] O ensino público, infelizmente, não é bom”.

Prosseguiu: “Trabalho para sobreviver... Hoje de cada dez famílias duas ou três conseguem acumular [...] Hoje os dois tem que trabalhar”, disse referindo-se ao casal. “Hoje a situação é essa... infelizmente. Os governantes... veja a situação dessa rua. Na prefeitura consta como asfaltada... 200 metros de rua! Dizem que não podem fazer nada”. Levou fotos da rua mostrando que ela ainda era de terra, fotografou os buracos nos dias de chuva, mas a resposta é que consta como asfaltada. Ele tenta contra argumentar dizendo que ele mora ali e que não há asfalto, porém de nada adianta.

Há cerca de um ano houve furtos no condomínio. Entraram pela lateral que dá para o terreno vazio e levaram coisas de três casas. Depois disso, colocaram câmeras de segurança e cerca elétrica. “Pago imposto e não tenho contrapartida. [...] Mostrei as filmagens pro delegado e nada. Nem saiu da cadeira”. De acordo com seu relato, os policiais disseram que não iam mais atrás de bandidos porque se eles matassem alguém iam presos e tinham que responder a processos. Roubaram seu carro, mas, ele o recuperou porque conhecia umas pessoas que o ajudaram. Se dependesse da polícia, tinha perdido o carro.

“Acredito piamente que a administração pública do país daqui há dois anos quebra. [...]”. Para ele, algumas pessoas são eleitas porque o povo não tem instrução, não entende o que está acontecendo. “Daqui a 10 anos o povo vai se rebelar, o povo vai procurar se instruir, apesar do governo não ajudar”. Tinha dois irmãos que eram médicos e foram para São Paulo porque, na Bahia, as coisas estavam muito ruins. O governo queria pagar um salário de R\$ 10.000,00 para ir para o interior, para locais sem estrutura. “Lá em São Paulo ganha-se mais ou menos a mesma coisa, mas a qualidade de vida é muito maior. Eles lhe dizem que, se tivessem aqui, estariam passando necessidades”.

Quando perguntei sobre as atividades de lazer dele e da família, falou de assistir TV em casa, visitar parentes, “buscando tá junto” da família. Disse também que gosta de sair de barco (possui um), ir para Jauá, Barra do Jacuipe, para pescar – o filho e a esposa o acompanham – e jogar bola, normalmente, em Vilas.

Sobre lazer disse: “Faz parte, porque imagine só... O trabalho sobrecarrega a pessoa. Ela não aguenta mais... se a pessoa não tirar um tempinho para o lazer, acarreta o stress. Aí a pessoa briga com a família, esposa [...] Se não tiver lazer você explode. [...] As pessoas que não são corretas aparentemente vivem melhor”.

Quando perguntei a respeito de sua avaliação sobre o bairro, comentou que “O bairro hoje tá precário, tanto na parte de infraestrutura, como de segurança. A prefeitura deixa a desejar [...] Só para o comércio e a imobiliária [...] que as coisas funcionariam bem. Não tem praça, rua asfaltada, só tem gente que usa droga”.

No entorno de sua casa sabe que existem traficantes também. Além disso, a iluminação noturna é “horrrível”. “Me sinto preso. Infelizmente nós aqui, nesse bairro, estamos vivendo aprisionados [...] As autoridades não fazem nada! Nos obrigam a não pagar [impostos] para eles para fazerem alguma coisa”. Acha que se todos não pagarem impostos a prefeitura vai ter que “correr atrás”, tentar fazer alguma coisa, cuidar da cidade.

Falou de um dia em que foi levar o filho para andar se skate na praça criada para tal fim, no Centro. Teve que sair porque tudo estava sujo e tinha um pessoal “mal encarado” e usuários de drogas. “As áreas públicas são inseguras, só tem caras tatuados, com *piercing*”.

Em outro condomínio, toquei à campainha da casa e uma senhora atendeu. Disse-lhe que tinha passado em sua casa mais cedo para fazer uma pesquisa e que um rapaz pedira que

voltasse mais tarde. Queria saber se ele poderia atender-me agora. Ela falou que ele podia sim, porque não estava fazendo nada. Cerca de cinco minutos depois ele foi até o portão do condomínio. Atendeu-me do lado de fora e não parecia muito solícito.

Após explicar-lhe novamente porque estava ali, ele disse que não poderia demorar muito, mas, que iria responder ao questionário. Ele estava há quatro anos nesse endereço. Veio de Belo Horizonte, pois, “Minha esposa é professora da UFBA, passou num concurso e veio para cá. [...] Não tinha nada que me prendia lá”, então, veio com ela. Ele tem 33 anos e é veterinário. Como autônomo, prestava serviços em fazendas de diferentes municípios baianos, tais como: Serrinha, Alagoinhas, Tucano, Conceição de Feira e Piritinga.

Na residência moravam três pessoas ele, a esposa e um bebê de dois meses, filho do casal.

Para ele, trabalho é “[...] importante porque dá sustentabilidade para a família. E ajuda as pessoas a resolverem seus problemas. [...] Você prestar um bom serviço à comunidade ajuda ela a se desenvolver”.

Antes de o neném nascer, em termos de lazer preferiam ficar em casa assistindo um filme ou participar de atividades com os vizinhos no condomínio. “Aqui moram mineiros e baianos... é uma grande família”, fazem reuniões, são amigos.

Considera lazer “[...] algo importante porque a gente não vive só para trabalhar. O lazer da família... estar com a esposa e filho, é importante para ela, pro seu desenvolvimento e pra todos”.

Ao comentar sobre as características do bairro, falou que “Pra mim é muito bom. Não posso me queixar de nada porque nunca aconteceu nada comigo”. Embora tenha morado no Rio e em Belo Horizonte, que dizem serem locais violentos, com ele nunca acontecera nada, então não tinha nada a falar sobre isso. “Falam muito que tá violento, violento...”, mas, ele nunca viu nada.

2. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Uma das atividades que muito contribuiu para a elaboração deste trabalho foi a realização de entrevistas. Elas tiveram por objetivo de conhecer a história de formação dos bairros a partir do discurso de seus moradores e, principalmente, de melhor entender o significado do trabalho e do lazer em suas vidas. A ideia era ter acesso a pessoas de diferentes classes sociais. No entanto, dada as negativas em receber-me, não procedi tal qual o previsto.

É importante destacar que a proposta das entrevistas não teve por meta trazer “a história” do bairro ou construir uma “definição” de trabalho ou de lazer, mesmo para os envolvidos no processo. O intuito foi o de verificar seu sentido para os indivíduos que se dispuseram a falar-me um pouco sobre sua vida. Assim, foi possível perceber a importância dessas práticas para cada um deles e, evidentemente, como as ideologias e representações a seu respeito encontram-se implicadas no seu modo de interpretar e vivenciar o trabalho e o lazer.

Para a condução desse trabalho, elaborei um roteiro prévio, o qual, pouco foi seguido. Na verdade, ele serviu como uma referência, um rol de temas a serem abordados. A opção foi a de acompanhar e encaminhar o discurso dos sujeitos de maneira que discorressem sobre os objetos de interesse a essa pesquisa, sem a eles se prender. Pretendi conduzir a relação com o entrevistado usando da empatia, tentando, como sugere Bourdieu (2012), reduzir a violência simbólica e estabelecer uma escuta ativa e metódica, embora nem sempre o tenha conseguido.

Trabalhei apenas com parte dos conteúdos que aqui se seguem. O foco da pesquisa, bem como o tempo disponível para sua conclusão, inviabilizou a análise de alguns elementos, como lapsos, esquecimentos e os atos falhos, o que como nos ensina a psicanálise guardam relação com pensamentos que não se permitem desvelar facilmente, o que poderia ter sido explorado no momento da entrevista. A própria forma como se ordena o discurso e a sequência dos conteúdos poderia ter sido alvo de maior atenção, na medida em que revelam as associações que os temas trabalho e lazer suscitam a cada uma das pessoas.

Da mesma forma, as contradições não foram exploradas mais profundamente. O próprio procedimento adotado para a entrevista tornou inviável maior tensionamento

dos sujeitos. Entretanto, elas são observadas tendo em perspectiva que, verdadeiras ou falsas, as palavras articuladas em frases traduzem conhecimentos e valores relacionados às práticas sociais. Igualmente, encontram-se nelas a expressão da identidade, da individualidade, e do modo como se ela entrelaça como a totalidade social e suas ideologias. Como diz Lane (1985, p. 34), “[...] os significados produzidos historicamente pelo grupo social adquirem, no âmbito do indivíduo, um ‘sentido pessoal’, ou seja, a palavra se relaciona com a realidade, com a própria vida e com os motivos dos indivíduos”.

Adotou-se por procedimento não fazer maiores intervenções no discurso dos entrevistados. Isso decorre do cuidado para não se sensibilizar os sujeitos além do necessário. Mesmo assim, em situações particulares, foi possível identificar momentos de resistência – quando se evitou falar de determinado tema ou quando o silêncio fazia parte da resposta - e de pequenas elaborações, decorrente das reflexões que se fez, no momento da entrevista, sobre situações de relevância para sua vida. Não por acaso, duas pessoas solicitaram que se usasse um pseudônimo para identificá-los (em ambos os casos após o término das entrevistas): tinham clareza de que revelaram aspectos de sua vida que não gostariam de tornar público. De todo modo, por conta de determinações legais, todos os nomes aqui mencionados são fictícios.

Tendo em perspectiva essas considerações ressalta-se que, nas transcrições que se seguem, houve a tentativa de reproduzir o com fidelidade o vocabulário, a pontuação e, por meio dela, indicar o ritmo das falas das pessoas. Também estão sinalizados os momentos as pausas, os sorrisos e risos e alguns dos movimentos corporais. Infelizmente, ao escrever o que me foi dito, boa parte do sentimento embutido nas palavras se perde, mas, acredito ser válido frisar que eles ocorreram.

Entrevista 1

Data: 16/06/2014

Duração da entrevista: 37 min.

Local: Sede da AMA

Entrevistado: Nilton Silva, 45 anos

Observações iniciais:

Conheci Nilton na minha primeira visita à AMA. Ele foi lá para falar com o presidente da associação a respeito de uma atividade que tinha sido combinada por ambos e informar sobre alguns eventos que vinham ocorrendo na cidade. Enquanto conversava com Antônio, percebi que, embora estivesse tratando de algumas questões com outras pessoas, prestava atenção ao que eu perguntava e às repostas de meu interlocutor. Envolvi-o na conversa e rapidamente ele discorreu (nem sempre necessitando de estímulo de minha parte) por uma série de assuntos referentes ao bairro e à associação.

Posteriormente, agendei com ele um encontro para levantar informações sobre o bairro. Nessa ocasião, entre os assuntos que foram trazidos à tona, colocava sua história: como morador percebia as mudanças que se processavam no município e procurava atuar com vistas a trazer benefícios para os habitantes do Aracui. Falamos, novamente, sobre o propósito da pesquisa e ele se colocou à disposição para participar da mesma. Semanas depois, marcamos a entrevista.

Quando, por telefone, confirmamos o dia e hora em que ela ocorreria, perguntou-me sobre como deveria se preparar. Expliquei-lhe, novamente, o objetivo central do trabalho. Marcamos a reunião na AMA. Nilton chegou cerca de 20 minutos atrasado em relação ao horário combinado¹⁴.

No início desse encontro, voltei a situá-lo em relação à pesquisa e informei que nossa conversa seria gravada. Reforcei que não havia respostas certas ou erradas, eram as suas experiências e percepções que importavam. Então, contou-me que não conviveu com seu pai. Foi criado pela mãe que, embora tenha estudado até a 2ª série, teve sua aprendizagem restrita à escrita do nome. Foi ela quem o levou, quando tinha apenas quatro anos, junto com seus irmãos, a morar no Aracui.

Ao ligar o gravador, percebi que ele estava algo tenso e que respondia com certo cuidado. Porém, quando começou a falar de si, de seu passado, de sua vida quando chegou ao município, dos vizinhos, do respeito que havia entre as pessoas, da vida de “roça”, guiada pelo “tempo da lua”, pareceu mais tranquilo. A partir daí, as palavras fluíram mais tranquilamente.

Relata que sua primeira inserção profissional foi movida pela necessidade. É pedreiro e começou a exercer essa atividade ainda jovem. O fez porque não tinha jeito. Era preciso ajudar no sustento da família. Mas, isso estava longe de seu sonho. Pretendia ser médico.

No entanto, foi apenas depois que começou a trabalhar que percebeu que era analfabeto. Tinha 18 anos quando verificou que o fato de ter frequentado a escola não lhe havia permitido aprender a ler ou escrever. Teve vergonha e buscou vencer esse problema. Estudou, terminou o ensino médio e, o que mais lhe dá felicidade: concluiu, aos 41 anos, um curso técnico de enfermagem. Ao falar disso, seu discurso é mais fluido e sua postura mais confortável. Afinal falava de sua esperança de trabalhar na área de saúde, da aproximação do seu sonho de infância.

¹⁴ Alguns trechos da entrevista não foram possível transcrever, pois, estavam inaudíveis devido ao som do vento que soprava no local e, por vezes, se sobrepôs às vozes.

Sobre seu dia a dia é descrito como “sonhar [...], trabalhar [...] e ver meu filho, se não formado, mas também com uma profissão”. Introduce, nesse momento, um tema sobre o qual foi difícil tratar. Ficou um pouco retraído, moveu-se na cadeira, desviou o olhar. Com 18 anos, o rapaz possui uma “comprovada” dificuldade de aprendizagem e precisa de cuidados especiais em casa.

Para ele, o trabalho tem significados opostos: é “o início de um sonho” – o sonho de realizar “pequenas coisas”, de consumir, de “planejar o futuro” – mas, é também a frustração desse sonho. Remete-o à insatisfação constante: “[...] eu vivo o tempo todo insatisfeito¹⁵ porque eu faço uma coisa que não gosto”. A realidade que se apresenta para ele como a falta e a possibilidade.

O lazer é definido por ele como “descontração”, “despreocupação”, “um aproveitar a vida... interagir com tranquilidade”, “É aproveitar a vida de forma despreocupante”; e “[...] uma forma de descarregar toda uma... um desconforto que o trabalho...”. Mas, lembra que se tem que trabalhar para que se gaste algum dinheiro no lazer, ou para se recuperar o que nele se gastou.

Seu discurso é sempre pausado, sem ansiedade, sem pressa de responder ou terminar a entrevista. Seu riso, ainda que normalmente contido, aparece, sobretudo, quando fala de uma dificuldade ou impossibilidade. Não se exalta ou demonstra qualquer irritação com as adversidades presentes em sua trajetória, embora se diga “tristinho”. E assim que ele vai levando a vida e continua sonhando, tentando.

¹⁵ Os termos sublinhados foram os que se colocou alguma ênfase no momento de sua enunciação.

Transcrição da entrevista

Patricia Chame Dias – Há quanto tempo você mora nesse bairro?

Nilton Silva - 41 anos.

Patricia – E onde você morava antes de vir para cá?

Nilton – Morava em Salvador, morava ali em Itapuã.

Patricia – E você veio pra cá por causa do trabalho de seus pais, não é?

Nilton – (trecho inaudível)

Patricia – Qual foi o motivo da mudança para cá?

Nilton – Porque, lá em Salvador, na época... minha mãe, que veio do interior da Bahia, de Jacobina, morava de aluguel em Itapuã, e aqui, na época, em Lauro de Freitas foi que tinha uma casa de um, de uma fazenda, e teria essa casa, então os donos ofereceram essa casa pra minha mãe morar... de graça...

Patricia – Entendi.

Nilton – Então ela vinha trabalhar aqui na época e não precisava pagar aluguel.

Patricia – Sei...

Nilton – E aí ficamos.

Patricia – E é essa mesma casa em que vocês residem até hoje?

Nilton – Não, não. Aí minha mãe veio trabalhar, né, conseguiu uma renda maior, e aí comprou uma casa, comprou uma casa.

Patricia – Mas, quando ela veio morar aqui, foi para essa mesma localidade?

Nilton – Sim, veio morar aqui, é isso. Sim, sim, exatamente. Nesse mesmo bairro, moro aqui há 41 anos...

Patricia – E você que viveu aqui praticamente a vida toda, como você percebe as mudanças nesse bairro?

Nilton – [alguns segundos de fala inaudível] apesar ter de ter saudade da minha infância, essa mudança faz parte da evolução [alguns segundos de fala inaudível] trouxe até uma esperança. Antigamente aqui... não tinha nada, tipo um mercado, um hospital... Vivíamos bem, naquela época era bom viver, né? Aquela vida de roça era bom. Mas tinha dificuldade no transporte. Tinha dificuldade na saúde. Hoje já não tem essa dificuldade... apesar de, né, ter sacrificado a natureza, mas a vida melhorou muito...

Patricia – Quer dizer que antes você vivia uma vida de roça?

Nilton – Era uma vida de... exatamente... era uma vida da roça. Minha mãe trabalhava fora, mas, muitas coisas a gente não comprava. A gente adquiria na roça mesmo, sabe como é?

Patricia – Entendi.

Nilton – Hoje em dia tudo é comprado, mas, tem que... tinha que se desenvolver. Não podia ficar como antigamente. O município cresce... aí é assim. O país tem que desenvolver, né? E pra isso tem que sacrificar a região... tipo, tinha muito verde na época. Tinha muita água, hoje já não tem mais. E... mas, é assim. Infelizmente é... o desenvolvimento urbano é isso aí, destruição da natureza mesmo. Mas, temos que nos conformar com algumas coisinhas, né? Que se não desenvolver, ninguém cresce. Se não investir no crescimento urbano não tem como desenvolver... é investir na educação, na saúde... A população aumenta também... tem que se fazer alguma coisa, né, tem que ser feita alguma coisa.

Patricia – Quando você veio morar aqui tinha muita gente?

Nilton – Não... não. Não tinha. Tinha pouquíssimas pessoas. Não me lembro muito, né, por ser muito novo...

Patricia – Sim...

Nilton – Eu me lembro que não tinha o largo de Arcanja, que hoje existe, mas há uns 200 metros antes de Arcanja, acabava a estrada e daí em diante, dali em diante, antes do largo de Arcanja, era só, somente mato. Mata fechada. Que hoje é Vilas do Atlântico, praia Ipitanga, é o Joquei... também. Hoje tudo existe. Na época não. Tinha pouquíssimas famílias. Eu não me lembro bem, mas, não tinha... com certeza... na minha época não tinha... eu acho que umas 10 famílias.

Patricia – Na sua lembrança de infância, e mesmo de adolescência, né, você viu toda transformação aqui do bairro...

Nilton – Isso. Isso mesmo.

Patricia – O que você achava que era mais característico aqui naquela época...

Nilton – Mais característico, né?

Patricia – Qual a primeira coisa que lembra quando pensa naquele tempo?

Nilton – Ah, tenho saudade do... das pessoas que tinham um pouco mais de respeito... com, com os vizinhos, com o próximo... era mais compreensivo um com outro. Ajudava mais. Isso eu tenho saudade dessa época, eu lembro, né, tinha essa sensação de vida do interior tipo tempo de lua...

Patricia – Sim...

Nilton – A gente se guiava pelo curso da lua, como antigamente... (sorri)

Patricia – Entendi...

Nilton – Eu tenho saudade dessa parte também.

Patricia – Aí você fala que o bairro evoluiu, que houve progresso, e como é que você caracterizaria o bairro hoje?

Nilton - [silêncio por alguns segundos] É... um pouco assim ... um contraste bem... bem até... decepcionante...

Porque antes a pessoa tinha menos estudo, tinha menos cultura, né, cultura diretamente, cultura mesmo, entendeu, em tudo. Hoje em dia a pessoa tem mais oportunidade de estudar, o governo dá escola e o povo não aproveita. Então, termina o que? A juventude, por exemplo, que é a base, né? A base da nação é a juventude, é as crianças, os adolescentes, e infelizmente eles não..., não leva a sério, eles não aceitam e não aproveitam a oportunidade que tem, e hoje eu, eu... infelizmente eu, sobre sua pergunta, a violência infelizmente tomou conta, faz parte do dia a dia¹⁶ do povo brasileiro, né?

Patricia – E aqui ela também aparece com muita força?

Nilton – Aparece sim. Aparece, aparece. Eu tenho 41 um anos que moro aqui e hoje ... hoje tenho um pouco de receio de andar na rua onde fui criado. Tenho um filho com 18 anos de idade e nesse exato momento ele está dentro, dentro de casa trancado. Porque, não que ele esteja envolvido com alguma coisa...

Patricia – Sim...

Nilton - Porque o ambiente a, a, a, o, a região não me deixa tranquilo como pai, né? É que infelizmente, a violência tem crescido muito.

¹⁶ Termos sublinhados indicam ênfase.

Não sei se é parte de nossos governantes, não leva a culpa porque acho que, assim... não é. O governo se tiver alguma parcela de culpa, na parte da violência, é pouca sinceramente. Porque acho que ninguém manda ninguém roubá. Não manda ninguém matá. A prova está aí, porque existe vagas empregos. Existe cursos que o, que o governo oferece e muitos jovens não, não querem. Então, eu não vou dizer que seja culpa do governo, entendeu?

Patricia – Entendi...

Nilton – Eu, por exemplo, sou pedreiro, né? E... com 41 anos fui fazer curso técnico de enfermagem. Fiz, tudo, e tô ainda esperando as portas se abrirem, né, mas, to aí na minha, na construção civil. Enquanto não abrir a porta da área que eu realmente gosto, vou, continuo na minha de pedreiro mesmo... Se tiver que continuar. Mas, também, a primeira brecha, a primeira porta que abrir pra eu poder fazer que eu tiver de fazer um curso superior, eu vou fazer. Entendeu?

Patricia – Aproveitar as oportunidades...

Nilton – Aproveitar a oportunidade. Sempre digo: não sei se eu vou me formar em um ano ou em seis, mas, eu quero me formar (risos). Entendeu? Esse é um sonho que eu tenho. Se vou realizar eu não sei. Mas, eu vou tentar. Pode ser que...

Patricia – Você falou dessas mudanças, né, que ocorreram no bairro e você disse que foi uma evolução, o progresso e tal, e como você avalia? Quais seriam as causas dessa mudança?

Nilton – Mudança da... do desenvolvimento urbano?

Patricia – Daqui, dessa região onde você mora, desse bairro.

Nilton – Olha a causa da, da mudança... aumento da população. Simplesmente. (pausa) E aí... Hoje Lauro de Freitas é um ceteiro de... trabalhadores, né? Habitação é...o que sempre dizia antes? É que esqueci... Habitação, né, trabalho... Hoje você tem Lauro de Freitas, você estuda, você se forma, você tem faculdade, tem empresas pra trabalhar, você mora, você tem lazer em Lauro de Freitas. Hoje você não tem necessidade de ir pra longe, pra capital pra ver ... pra... Aqui mesmo você faz tudo. Lauro de Freitas realmente falta pouca coisa pra... completar. Dizer assim, a cidade está pronta, não precisa mais de... sair daqui pra nada. (pausa) Mas, eu gosto dessa cidade. Cada vez mais eu vou gostando. Cada dia que passa, eu vou gostando, quando eu lembro também que Lauro de Freitas hoje anda com suas próprias pernas, né, tem sua própria renda. Antigamente não era assim. A economia mudou. Aumentou muito. Não sei quanto é que tá a arrecadação. Mas, é uma arrecadação bastante razoável, viu? Eu acho que... não depende mais do repasse do governo mais...

Patricia – Tem uma autonomia financeira?

Nilton – É sim, tem. Lauro de Freitas tá bem financeiramente.

Patricia – Certo. E seu dia a dia Nilton, como é?

Nilton – Meu dia a dia é isso. É... (pausa). Sonhar, não é? (pausa) Trabalhar e..., e..., e ver meu filho, se não formado, mas também e com uma profissão. Aqui mesmo em Lauro de Freitas, sem precisar sair daqui pra lugar nenhum.

Patricia – Seu filho já terminou o segundo grau?

Nilton – Não, meu filho ele não gosta muito de, é... Juntou ele não gostar de estudar com um problema que ele tem. Ele é paciente do hospital Sarah...

Patricia – Entendi...

Nilton – Ele tem realmente uma dificuldade de aprendizagem. Entendeu? É comprovado e tal, ele tem uma dificuldade imensa! Mas, no mundo artístico ele já tem a facilidade, ele já aprende com mais facilidade. Atualmente ele tá fazendo música.

Patricia – Ótimo, né?

Nilton – Então... é como eu disse, pode ser que eu não veja ele formado em alguma coisa, mas, tem um certo talento... até melhor do que eu... (risos)

Patricia – Encaminhado em alguma área, né?

Nilton – Exatamente.

Patricia – E ele faz tratamento no Sarah quantas vezes por semana?

Nilton – Ele fez... fez muita..., muito exame particular, até ficar internado duas vezes... Só foi descoberto, o que ele realmente tinha – porque não foi fácil descobrir o que ele tinha, né – só o hospital Sarah que descobriu. E aí ele faz o tratamento em casa mesmo.

Patricia – Então vocês que dão acompanhamento?

Nilton – Isso. O tratamento é dentro de casa. Mas, é uma pessoa que você olha e num diz nada. Você olha [trecho inaudível] ele tem uma dificuldade num grau bem elevado, assim, no sistema de aprender, de estudar. Aprender a ler e escrever não é com ele, mas, em termos de artes, assim, ele já tem uma vantagem até de, assim, pelo que o pessoal do Sarah disse, ele tem mais uma vantagem de aprender mais rápido do que pessoas que realmente não apresentam nada. Então, isso é comprovado, eu vejo os colegas dele que tem uma... que não apresenta nada, mas, tem dificuldade de aprender o que ele aprende fácil.

Patricia – Sim.

Nilton – Acho que ele deve ter algum talento, né?... Alguma coisa ele vai...

Patricia – É porque as pessoas têm habilidades diferentes...

Nilton – É diferente...

Patricia – Que bom que vocês descobriram a dele, né. Conseguiram descobrir.

Nilton – Foi, foi uma luta pra descobri ,viu? Porque o primeiro filho, eu fui preparado pra ser pai. Não fui preparado para ser médico. Então, pra mim foi um choque... descobrir que meu filho tinha uma... tem uma deficiência, né? Aí... ele usa fralda, usa fralda até hoje. E o problema dele é assim, o problema dele é um problema que... quando os médicos estudaram o caso dele e tal, disseram que não tem, não tem como mudar. Que vem do cérebro...

Patricia – Entendi.

Nilton – [trecho inaudível] ele não foi desenvolvido, então dificilmente vai ter uma melhora, mas, com tratamento ele vive uma vida normal.

Patricia – Que bom.

Nilton – É...

Patricia – Daí você falou de sua vida, de sonhar, trabalhar... então, você trabalha todos os dias da semana?

Nilton – Sim.

Patricia – Então fala um pouquinho do seu trabalho. O que você faz efetivamente? Você é pedreiro? Tem alguma outra função?

Nilton – Não. Como eu disse, né, a área de enfermagem não exerço ainda, só voluntariado. Só exerço na área de pedreiro.

Patricia – E onde é que você trabalha, Nilton?

Nilton – Eu tava trabalhando na empresa aqui ao lado, não é, na empresa MD, aqui mesmo em Lauro de Freitas. E, e passei para aquela... próxima ao Menandro, LM.

Patricia – E como é que você vai ao trabalho?

Nilton – Andando. É pertinho.

Patricia – Quanto tempo você gasta mais ou menos para ir ao trabalho?

Nilton – 20 minutos.

Patricia – E na volta a mesma coisa?

Nilton – Isso.

Patricia – Quantas horas por dia você trabalha normalmente?

Nilton – São 12... horas de trabalho.

Patricia – E trabalha no sábado também?

Nilton – Não. De segunda a sexta. Sábado trabalho em casa mesmo ou quando vou fazer alguma coisa de voluntariado. Às vezes, eu divido. Trabalho em casa e vou fazer alguma coisa de saúde na casa de alguém [trecho inaudível].

Patricia – Ajudar o próximo.

Nilton – É, é...

Patricia – Você disse que vai andando. Vai por onde?

Nilton – Vou por aqui mesmo (aponta com as mãos a rua em que estamos) e aí ando 2km mais ou menos...

Patricia – E chega tranquilo...

Nilton – É.

Patricia – Você falou, quando você respondeu outras perguntas, falou também de lazer. Que atividades de lazer você tem?

Nilton – Bom, é... Quando falo, falei de lazer, eu me referi teatro, né, que eu gosto apesar de não ter (risos) condições financeiras de ir ao teatro sempre quando eu, eu tenho vontade de ir. Mas, nem sempre vou. E a praia... é um lazer que eu to sempre... A praia eu vou mais..., é mais fácil de chegar até a praia, né. Eu só gasto se eu realmente quiser gastar e o teatro eu só entro se eu gastar. Se não gastar geralmente não se entra no teatro. Não se entra no teatro hoje sem pagar, não é?

Patricia – É...

Nilton – E a praia, não... (risos)

Patricia – É incomum, mas às vezes até tem alguma coisa de teatro...

Nilton – Até um pouco triste com... com não poder entrar no teatro porque as partes que se fala mais no cotidiano, que se vê mais no trabalho que é feito, as peças teatrais que são apresentadas é... falando da vida cotidiana da classe pobre, mas, a classe pobre não pode assistir!... Isso eu fico um pouco decepcionado...

Patricia – Sim...

Nilton – Fala da, do, da vida do pobre. Mas o pobre não pode assistir. Isso eu fico irritado porque não tem com quem falar!

Patricia – E aqui no município, não tem alternativas de teatro?

Nilton – Não, só tem um teatro e não tem peças assim... Às vezes, acontece assim... você assistir uma peça gratuita, mas, é uma coisa que, não tem uma peça consagrada. Cê não assiste uma peça com atores consagrados. Raramente vem. Mas como se trata de teatro, eu gosto seja... assim falando que, que grupo vai se apresentar pra mim não interessa porque pra mim é uma arte.

Patricia – Entendo.

Nilton – Entendeu? Os famosos começaram assim também, não é? Os menos, os grupos menos famosos aí, aí o trabalho é o mesmo, o trabalho é o mesmo. Só tô, só acho ruim que não posso assistir as grandes peças (risos), fala da minha vida e eu não posso assistir... (risos)

Patricia – Não tem acesso...

Nilton – É! Então, poxa, você tá o tempo todo, o teatro só tem graça (trecho inaudível). A vida é, é só observando. Fala tudo da nossa vida, da classe trabalhadora, né, da classe da gente, do pessoal do bairro, do pessoal do gueto, não é? Mas a pessoa pobre não assiste.

Patricia – Por causa do preço, principalmente...

Nilton – É... exatamente (trecho inaudível) Também é caro o cinema. Ainda tem o cinema, tava esquecendo, também já não vou muitas vezes por causa do valor (risos), que é caro, né? Mas entre cinema e teatro, prefiro mais o teatro... é... sou mais o teatro. Porque eu vejo uma naturalidade, é uma naturalidade. Ali é um... você vê um outro lado da vida, você vê que os atores tá, tá mudando, ele tá mudando de vida. Cê vê que ali é carne e osso, é isso e aquilo. Não é um jogo de imagem. Ele faz aquilo mesmo. Então cê vê que aquilo é natural, ele muda, né, o comportamento, cê vê que, que o que faz ali é ele. É o ator, é a atriz.

Patricia – E no cinema você não percebe assim?

Nilton – Não, o cinema é uma coisa grandiosa também, cê não vai dizer que não é.

Patricia – Sim.

Nilton – É uma coisa grandiosa. Um investimento altíssimo, mas tem muita ficção. É uma ilusão de... de ótica. É uma verdadeira ilusão de ótica você assistir um cinema. Já no teatro não existe a ilusão de ótica, cê tá vendo aquilo mesmo.

Patricia – Em relação à praia, você disse que é o lazer que mais pratica. Onde normalmente você vai quando vai à praia?

Nilton – Praia de Ipitanga, praia de Vilas. Porque, assim, praia de Ipitanga e praia de Vilas, o que divide é uma cerca, a divisão geográfica é uma cerca, é um muro. Então, 20 cm pra lá, cê tá na praia de Ipitanga, 20 cm pra cá cê tá, na praia de Vilas.

Patricia – E quando é que você vai na praia normalmente?

Nilton – Domingo.

Patricia – E você vai andando?

Nilton – Andando é...

Patricia – Você, normalmente, vai sozinho ou com alguém?

Nilton – Com a família, família.

Patricia – Você, sua esposa e seu filho?

Nilton – É parente, né.

Patricia – E na praia, você fica normalmente quanto tempo lá?

Nilton – Um... cerca de...cinco a seis horas...

Patricia – Passa boa parte do dia lá.

Nilton – Isso.

Patricia – E afora a praia e a vontade de ir ao teatro e ao cinema, alguma outra atividade de lazer que você pratica?

Nilton – De vez em quando eu viajo para fora de Lauro de Freitas, né? Pro interior da Bahia, de vez em quando eu dô uma... passadinha.

Patricia – Há alguma cidade que você vá com mais frequência ou ...

Nilton – Eu, eu gosto de sempre ir pro Jorro.

Patricia – O que lhe atrai lá?

Nilton – O que me atrai lá é exatamente a água... efervescente, né, é bastante quente, pra mim isso é uma novidade, né. Vou lá, curto um pouco.

Patricia – E essas viagens, normalmente, quantas vezes no ano você faz?

Nilton – Umas duas vezes.

Patricia – E você vai como?

Nilton – De ônibus.

Patricia – E lá você se hospeda em hotel, em casa de parentes, de amigos...

Nilton – É em hotel.

Patricia – Sei. Aí você falou um pouco do seu trabalho, da sua vida familiar, do seu lazer, o que é pra você, hoje, viver nesse bairro? Se você pudesse me dizer em poucas palavras, como diria?

Nilton – (silêncio) o que é viver hoje no Aracui é... é ter saudade. (pausa)

Patricia – Das relações pessoais a que você se referiu antes...

Nilton – É, das gerações passadas. (pausa) Essa parte eu realmente eu tenho muita saudade.

Patricia – Você poderia explicar melhor do que sente falta?

Nilton – (silêncio) Da reunião, sempre tinha reuniões de amigos. Na... no final da minha adolescência, sempre a gente se reunia. Até o final da minha adolescência sempre a gente tinha um bate-papo mais tranquilo, sem falar de violência.

Patricia – Entendo...

Nilton – Não é? E hoje não se fala...se reúne sem falar de violência, tem que se falar da violência. Essa parte que eu tenho saudade, da gente... De hoje não poder deixar meu filho ficar aí em reuniões com os amigos...

Patricia – Entendo. Como você pôde ficar...

Nilton – Como eu pude ficar. Então, o mundo hoje tá assim...

Patricia – E trabalho, o que significa trabalho pra você?

Nilton – Trabalho... é o início... Trabalho pra mim é o início de um sonho... onde você começa a realizar um determinado..., um determinado sonho, de poder... realizá-lo... Realizar pequenas coisas como comprar, né? Como consumir, consumir o básico, né. Não é? Só e... planejar. Planejar pra o futuro. Porque você trabalha, trabalha mas você sabe que depois de um certo tempo você não vai mais trabalhar. Vai depender de sua aposentadoria, né. É isso.

Patricia – Você falou que tem o sonho de exercer a enfermagem, que tem vontade de exercer um curso superior, mas a atividade que você realiza, de pedreiro, tem muito tempo que você trabalha como pedreiro?

Nilton – Tem. Desde os 16 anos.

Patricia – E você gosta do que faz?

Nilton – Não. De pedreiro não (silêncio). Eu fico muito... Às vezes eu fico muito assim desapontado porque... eu tenho que fingir. Um pouco triste também porque eu tenho fingir que eu gosto. Eu me esforço mais pra procurar fazer bem que eu não gosto. Rir... brincar

com os amigos no meu trabalho. Mas pra mim cada dia que vou ao pra dentro de uma construção civil é um martírio, porque eu não me identifico assim com a profissão... apesar de que ser uma profissão importantíssima.

Patricia – Sim. Com certeza.

Nilton – É ótima. Eu acho lindo, lindo mesmo é... o trabalho depois de acabado, né, fica muito bonito. Mas, eu, infelizmente, eu não gosto, porque vem da insatisfação. Vem... eu lembro da minha infância, que eu não tive pai, eu que me criei e tive que trabalhar. E... aí eu não queria trabalhar. Eu queria estudar. Eu tava pra assumir a carreira da área médica, da saúde, não era assim... [trecho inaudível], eu ia trabalhar de pedreiro mas eu não gostava. Eu queria estudar! Eu queria... Eu não queria ser jogador de futebol, eu não queria ser cantor... (risos)

Patricia – Foi a opção que apareceu...

Nilton - Eu nunca meu sonho de ser nada além do que querer ser médico.

Patricia – Sim.

Nilton – Isso eu achava que era brincadeira de criança, né, brincava e tal. Achava que era aquela coisa: ah, quero ser médico. Achava que era aquela coisa de menino, coisa de criança. Mas não, quando fiz 16 anos de idade, aquela coisinha ainda martelando, martelando. Vai estudar, e eu era analfabeto com 18 anos! Com 18 anos não sabia nem ler, nem escrever.

Patricia – Entendi.

Nilton – E eu não... Pior que eu não sabia que eu não sabia ler, nem escrever. Porque eu já tinha passado pela escola e eu já achava que já sabia ler e escrever. Um certo tempo eu descobri que não sabia nem ler, nem escrever. E aí que comecei a ficar com vergonha. E aí tinha que começar a trabalhar pra ajudar a criar meus irmãos, e ai minha mãe me colocou pra ir pra obra trabalhar e eu não queria ir mesmo. Então, chegou a uma época que minha mãe teve que me colocar pra fora de casa... porque eu não queria trabalhar. Eu queria *estudar!* Ela não... eu não dizia isso pra ela... Aliás, minha mãe veio a descobrir que eu não gostava de ser pedreiro um dia desses! Ela achava que eu gostava...

Patricia – Você nunca...

Nilton – Nunca disse. Minha mãe não sabia que meu sonho era ser médico, ela veio a saber a pouco tempo, foi a pouco tempo que eu disse a ela. Isso tem menos de um ano que disse a ela. Eu com 45 anos, ela veio a descobrir que meu sonho era ser médico... há... um dia desses. Só quem sabe disso, é minha companheira, que é minha companheira a 30 anos. A minha mãe não sabia. Então, minha mãe... ela sempre pensou porque sou pedreiro porque tenho amor ao que faço. Entendeu? E eu não gosto do que faço. Só minha esposa que sabe e tudo...

Até hoje quando levanto da cama e quando eu saio pra trabalhar que eu imagino que vou fazer construção civil, eu não saio satisfeito. Então eu vivo o tempo todo insatisfeito porque eu faço uma coisa que não gosto. Pode cair ouro em pó, podem me dar milhões, mas, eu prefiro ganhar um salário mínimo trabalhando na área da saúde do que ganhar quatro, cinco salários mínimos e trabalhar na construção civil. (fala mais baixo) Infelizmente... a gente... comigo acontece isso.

Patricia – Mas, foi o que você pode fazer, não é?

Nilton – Exatamente. Mesmo assim, eu agradeço a Deus todos os dias, todos os dias, de ter me dado essa profissão... porque ele me deu literalmente porque eu não fiz nenhum esforço pra... eu não me lembro de ter feito nenhum esforço pra me tornar um pedreiro. Foi acontecendo, então foi dado por Deus, entendeu...

Patricia – Sim.

Nilton – Então, assim, eu fico meio tristonho, não é? (risos) Não falo muito, mas...

Patricia – Mas você se esforçou, fez seu curso de enfermagem...

Nilton – Exatamente por isso, que eu... tem um lado, tem um lado que eu gosto de, de... assim de guardar, assim, aquele carinho dentro da profissão de pedreiro, entendeu? Carinho pelo, pela... função de pedreiro porque eu consegui pagar o curso. Eu consegui fazer... fazendo ainda, fazendo ainda a casa onde moro. Porque eu não tenho casa própria já pronta, tá em construção. Foi a profissão que me deu, junto com minha companheira, que tá ali divide as despesas, né, mas, é assim... Eu gostaria realmente de não tá exercendo. Eu me afastei cinco anos, mas não consegui... Também fiz um curso de segurança... pra me afastar da área de pedreiro. Mas, pra trabalhar de segurança teria que botar arma na minha cintura, eu... arma na minha cintura eu não boto (risos).

Eu me olhava assim, olhava assim pra minha cintura, aquela arma na minha cintura e, meu Deus do céu! Se aparecer um ladrão aqui tenho que atirar. E se eu morrer? Se um ladrão atirar primeiro? Aí desisti da profissão de segurança, voltei a trabalhar de pedreiro de novo. [trecho inaudível]. Mas, aí eu disse não, não vou ficar de pedreiro, vou fazer outra coisa.

Patricia – Foi aí que você fez o curso de enfermagem?

Nilton – Fiz o curso técnico de enfermagem (silêncio) Mas, nunca ganhei dinheiro ainda com isso, com o curso técnico de enfermagem. Só faço como voluntário, mesmo.

Patricia – Mas pelo menos é uma oportunidade que você exercer...

Nilton - Ah! Já vou satisfeito. Toda vez que faço trabalho voluntário na área da saúde, não quero saber se vou ganhar dinheiro ou não, quero saber que tô ali exercendo uma coisa que sempre quis, entendeu?

Patricia – Entendo.

Nilton – Não é ser um técnico de enfermagem, ainda não é o que eu quero. Mas pelo menos eu tou ali, com aquele aparelhinho que... só médico que usa, né?

Patricia – Entendi.

Nilton – E aí, eu pra mim fico me sentindo o máximo (risos).

Patricia – E lazer, o que é lazer pra você?

Nilton – Lazer é descontração. Lazer é despreocupação... né? Lazer é interagir... um aproveitar da vida... interagir com tranquilidade, né? Com a paz..., tá difícil, né?

Patricia – É...

Nilton – Mas, lazer pra mim é isso. É aproveitar a vida. De uma forma despreocupante. E na hora que sai do lazer, cabô. Você vai ter que buscar, vai ter que recuperar o que gastou no lazer, tem que trabalhar mais, né, pagar o que você gastou, botar no lugar. Mas, é válido. Você tem que ter lazer.

Patricia – Por que você acha que a gente tem que ter lazer?

Nilton – Porque não pode viver e só trabalhar, trabalhar, trabalhar. Não existe... só trabalhar. Por que vai trabalhar o tempo todo pra quê? Sabendo que não vai ter uma vida eterna, né? Não adianta só trabalhar 24 horas por dia ou, ou 12 horas por dias, todos os dias, sabendo que cê vai envelhecer. Você vai ter que morrer um dia, então, aproveite a vida! Eu, vira e mexe eu to fazendo isso. Me preocupo sim, quando to devendo, fico a mil, mas, paciência. Eu sempre pago, graças a Deus, minhas dívidas. Mas o lazer é importante. Lazer você... é... se livra um pouco do stress.

Você trabalha. Você vai ficar estressado, não tem outra coisa, vai ficar estressado, vai adoecer, né? Vai sobrecarregar o emocional, a... o ego e tudo. E o lazer, não. Você está ali descarregando aquela energia que você acumula, com a preocupação, com a... com aquele

stress do dia a dia, então o lazer é uma forma de descarregar toda sua... todo o desconforto que o trabalho... a busca dos bens que te oferecem, te dar. A busca do sucesso, de, de, de, de ter um bom salário, de cê ter um carro, de cê ter, a busca de você ter que comprar casas. Não só uma casa, mas várias casas. Isso tudo é bom, é. Pro seu conforto, às vezes você necessita somente de uma única casa, de um único carro, mas, simplesmente a gente busca sempre mais. Isso, isso sobrecarrega qualquer um ser humano. Não existe ser humano específico. Aquele que trabalha mais, que se estressa mais, ter mais saúde do que aquele que se estressa menos. Aquele que trabalha mais, que se esforça mais, vai ter mais problemas do que aquele que se esforça menos. Isso é o que tou falando. Então, eu sempre fico... equilibrando, trabalho, mas procuro, tudo, quero meus objetivos, mas, sempre procuro uma forma de descontrair, né? E no lazer que eu to sempre bucando essa parte de... equilibrar.

Patricia – Teve uma coisa que você falou quando mencionou o crescimento de Lauro de Freitas, aqui do bairro, e aí depois você falou também que sempre tem trabalho. Você acha que o fato de você morar aqui ajuda a fazer, a ter sempre trabalho embora você não goste da atividade que exerce, não sente prazer?

Nilton – É (pausa). Tem, tem sempre. To sempre trabalhando na área de pedreiro.

Patricia – E por que você acha que...

Nilton – Por Lauro de Freitas ter se desenvolvido, está se desenvolvendo mais ainda, mas é uma cidade pequena. Então, todo mundo conhece todo mundo e tem sempre alguém indicando pra alguém, né? [trecho inaudível]

Acontece às vezes, como trabalho de autônomo. Acontece às vezes de eu não ir trabalhar, porque não quero ir. Eu tenho que tá fazendo alguma coisa em casa ou vou pra outro local, no shopping, em Salvador. Vou. Às vezes vou dia de semana no shopping em Salvador, só... assim, assistir a um cinema, uma vez ou outra, como disse no início, não assisto mais porque não posso. [trecho inaudível] depois vou trabalhar. E por que eu faço isso? Porque essa função eu não tenho aquela coisa, aquele amor realmente, então eu procuro sempre fazer isso. Mesmo quando estou numa empresa, que eu tenho que bater o cartão todos os dias, vai ter um dia no mês que eu vou jogar pra cima. Eu faço isso. Perco. Não boto atestado, não boto nada. Eu jogo pra cima.

Entrevista 2

Data: 18/07/2014

Duração da entrevista: 15 min.

Local: Casa dos entrevistados

Entrevistado: Everaldo Gomes, 36 anos e Carla Araújo, 50 anos

Observações iniciais:

Conheci Everaldo na reunião com moradores do Aracui, realizada na AMA. Na ocasião, foi um dos que mais se posicionou em relação ao bairro. Falou do passado, de suas lembranças da infância e da “evolução” de Lauro de Freitas. Como todos os que lá estiveram presentes deixaram seu contato, telefonei para ele solicitando uma entrevista. De imediato, concordou rapidamente em atender-me.

No entanto, marcar um horário com ele não foi fácil. Estava trabalhando muito e, como disse no correr da entrevista, “[...] não tenho nem horário porque trabalho por minha conta própria, sou autônomo, [...] aí não tem esse negócio de seguir, né, horário”. Enfim, conseguimos chegar num acordo e, num fim de tarde, ele me recebeu em sua casa.

Cheguei antes dele e aguardei-o em frente à sua residência. Pouco depois, apressadamente, de bicicleta, ele se aproxima. Pede desculpas pelo atraso, abre o portão e indica-me para entrar. Sentamos em cadeiras colocadas no terreiro à frente de sua moradia situada num lote em que se encontram mais duas casas, nas quais, como esclarece, residem parentes.

Pareceu-me um pouco ansioso, diferente de quando nos conhecemos. Essa impressão não passou no correr do tempo. Alguma resistência percorreu suas respostas, normalmente curtas, à exceção de quando tratou de suas lembranças da infância. Falou das brincadeiras, que percorria o espaço ao redor de sua casa, e de como isso se tornou impossível com o tempo. Na sua avaliação, tal impossibilidade, de um lado, decorre do crescimento da cidade o que fez com que sua “área de lazer” se tornasse local de condomínios, empresas e faculdades. Acredita que Lauro de Freitas “Cresceu tanto que ficou apertado”. De outro lado, porque cedo, com 12 anos, teve que entrar no mundo de trabalho.

Esse fato decorreu de uma decisão de seu pai, contra sua vontade. Conta que foi “Horrrível! [...]... mesmo sem querer, né! Eu ia contra minha vontade, mas, tinha que ir”. Começou como pedreiro, depois aprendeu o ofício de pintor, profissão que o sustenta até hoje. Guardava o sonho de ser professor, ainda pensa nisso, mas, não consegue retomar os estudos, “O cansaço não deixa não”.

Pouco depois de começarmos a entrevista, a filha, se aproxima e tenta chamar sua atenção. Alguns minutos depois, Carla, sua esposa, sai de casa, pega uma cadeira e se senta entre nós dois. Atenta, observava-nos. Esse movimento faz com que ele afaste um pouco a cadeira, se levanta para reposicioná-la. Isso também tira uma parte de minha concentração e perco um pouco o rumo da entrevista.

Carla começa a comentar as respostas do marido e insiro-a na entrevista. Ela, então, menos desconfiada, se coloca mais à vontade do que ele. Ambos falam um pouco de sua rotina. A dele é casa, trabalho e baba. A dela está voltada aos cuidados com lar e com a família. Porém, o casal, ainda que em tom de brincadeira, coloca um de seus dilemas. Ela, que é “dona de casa”, gostaria de voltar a estudar, pois, tem o desejo de ser advogada. Mas, ele não permite. Não quer ter que dobrar sua jornada de trabalho tendo que ocupar-se da menina à noite. Assim, a esposa não tem alternativa, é obrigada, pelas circunstâncias, a continuar sua vida de “do lar”.

Como vi que ele permanecia pouco à vontade, sendo algo reticente nas respostas, e que eu não conseguia retomar minha concentração, encerrei a entrevista acenando com a

possibilidade de continuarmos a conversa em outra oportunidade. Ambos disseram que seria possível. Após desligar o gravador, Everaldo se retirou retornando ao trabalho, e Carla continuou conversando comigo e contou-me um pouco de sua vida e da morte trágica de seu filho mais velho, que fora assassinado. Nesse momento, seu tom de voz muda, vira-se para o lado e diz que não quer falar do assunto.

Em relação a continuação da entrevista, após algumas tentativas de agendamento, desisti. Everaldo não tinha tempo. Não havia como marcar outro horário.

Transcrição da Entrevista

Patricia Chame Dias – Everaldo, você me falou que mora aqui há bastante tempo. Há quanto tempo você mora aqui?

Everaldo Gomes – 36 anos...

Patricia – E antes, você morava onde?

Everaldo – Aqui mesmo!...

Patricia. – Nasceu aqui?

Everaldo – Nascido e criado.

Patricia – E sua família, veio pra cá quando?

Everaldo – Toda daqui também.

Patricia – Você sabe quando foi que sua família veio...

Everaldo – Meu pai veio pra cá... uns... há uns 40 anos atrás.

Patricia – E o que é que ele te contava sobre como era o aqui quando ele chegou?

Everaldo – (breve silêncio) Tinha muita areia... Mui... Muita areia e pouca, muita dificuldade porque era uma casa, uma afastada da outra entendeu?

Patricia – Sim...

Everaldo - (breve silêncio) Era só o que ele falava mesmo. Que foi muita areia que ele encontrou pela aqui, viu?... Aquelas dificuldades, esses... como todo mundo tem, né, quando tá construindo...

Patricia. – E você sabe por que ele veio para cá?

Everaldo – Opção mesmo. Na época era uma fazenda, isso aqui era uma fazenda, tava loteando, aí batalhou e comprou esse pedacinho de, de chão e tá até hoje aqui.

Patricia – E qual é sua lembrança de infância daqui?

Everaldo – (breve silêncio) Minha lembrança de infância?...

Patricia – É...

Everaldo - (breve silêncio) Minha lembrança é o Jóquei, que era aí no fundo, onde agora é a Unime, agora é esse condomínio... Antes tinha o Jóquei... Tinha, era a área de lazer da gente era esse fundo aí, esse terreno aberto. Aí, agora também não tem mais nada, né? Cabô o Jóquei... a única parte da nossa infância mesmo que tinha, era essa parte mesmo aí do fundo, do Jóquei. Hoje não tem mais nada aqui que lembre minha infância, assim... Já tá tudo apagado mesmo... Já modificou tudo.

Patricia – Certo... E você, naquele tempo, como era, foi sua infância aqui? Você falou do Jóquei, mas, como era viver sua infância aqui?

Everaldo – Minha infância? Pô, cê foi buscar no fundo, né! Minha infância tem um tempinho... É... minha infância aqui era sempre brincando..., bola, skate... mesmo sem ter asfalto, né, mas, quebrava muito passeio... Cavalos, muita volta de cavalo. É.

O que me lembro de minha infância é só isso mesmo. Não tem muita coisa assim pra lembrar não, porque minha infância é muito mais trabalhando do que... me divertindo.

Patricia – Quando foi que você começou a trabalhar, com que idade?

Everaldo – Com 12.

Patricia – E você fazia o que naquela época?

Everaldo – Ia ajudar meu pai. Era já de praxe já, o pai ia trabalhá e levar o filho, né?

Patricia – Seu pai fazia o que?

Everaldo – Meu pai era pedreiro... Pedreiro, mestre de obra.

Patricia – Aí você já trabalhava na obra com ele...

Everaldo – É, já ia com ele já... pra trabalhá já.

Enquanto respondia, sua filha, uma criança de dois anos chega e começa a demandar a atenção do pai. Dá-lhe um brinquedo, coloca a cabeça em seu colo, tenta conversar. Aos poucos, com gestos, ele indica que a menina vá brincar com um menino mais velho e com um cachorro que estavam no mesmo local, porém, um pouco afastados. Daí até o final da entrevista, eles dois ficam por perto.

Patricia – E como é que era pra você sair de um mundo em que você andava de cavalo, andava de skate, e de repente começar a trabalhar, tão cedo?

Everaldo – Horrível! Mas, não tinha... Nesse tempo ainda quem governava era os pais. Não tá que nem hoje que os filhos tem mais querer do que antigamente.

Patricia – No caso, foi nessa época que você parou de estudar?

Everaldo – Foi... mais ou menos nessa época.

Patricia – Mas, você parou pra trabalhar ou como é que foi?

Everaldo – Pra trabalhar mesmo.

Patricia – Certo. E de lá pra cá, você falou de como era antes, como você foi percebendo essa mudança no bairro? De lá pra cá, como você vivenciou isso?

Everaldo – O crescimento, o progresso também. O tempo foi passando, as coisas foi se modificando aí... é por isso que a infância da pessoa fica apagada, né? Que é muita coisa que já foi construída, né, já expandiu e acaba fugindo até da lembrança da pessoa.

Patricia – Não tem mais nada aqui que lembre sua infância?

Everaldo – Minha infância?

Patricia – É...

Everaldo – Não, que minha infância se resumiu nisso que eu falei pra senhora mesmo: trabalho, pouca escola... tinha que ajudá os pais, né. Hoje em dia tá meio difícil ver isso, mas, antigamente era a coisa que a gente mais fazia era ajudá os pais... mesmo sem querer, né! Eu ia contra minha vontade, mas, tinha que ir.

Patricia – Não tinha escolha?

Everaldo – Não tinha escolha. Ou ia, ou ia.

Patricia – Aí você falou que as mudanças vieram com o progresso. O que você lembra, o que veio primeiro, como as coisas foram se modificando?

Everaldo – Primeiro o que chegou, né, mudou do barro pro asfalto. Depois veio chegando as faculdades, né, ... os comércios, os mercados... e nisso a cidade foi ficando do jeito que a senhora tá vendo aí: apertada. Hoje em dia você não pode nem... mais transitá, né? De carro, principalmente de carro, né. A pé ainda dá, mas de carro...

Patricia – Esse seria um ponto negativo dessa mudança?

Everaldo – É. Dessa mudança é... cresceu demais... Cresceu tanto que ficou apertado, né?

Patricia – E teve pontos positivos nesse crescimento?

Everaldo – Teve. Muito, né. Emprego que aqui faltava, hoje em dia não falta mais, né. Tem gente que fica desempregado por opção, né, mas, na minha época era muito mais desemprego do que... era hoje.

Patricia – Fala um pouquinho do seu trabalho. Você disse que é pintor... Fala um pouquinho do seu trabalho

Everaldo – Meu trabalho é duro... (silêncio). Trabalho de sete às cinco. Trabalho de sete às cinco. Às vezes não tenho nem horário porque trabalho por minha conta própria, né, sou autônomo, trabalho por minha conta própria aí não tem esse negócio de seguir, né, horário. Tem hora pra pegar mas não tem hora pra largar, né...

Nesse momento, sua esposa sai de casa, pega uma cadeira que estava afastada, coloca-a perto de mim. Cumprimenta-me e fica a prestar atenção sobre o que conversamos.

Carla Araujo – Boa tarde.

Patricia – Boa tarde.

Everaldo – E no mais eu sou satisfeito, né, ... com minha profissão... foi a única que, que eu tive capacidade mesmo de aprender... é o que está sustentando minha família mermo .(breve silêncio) É os pontos positivos que eu tenho para tirar de minha profissão são esses mesmo.

Patricia – Você fala que foi a única coisa que teve capacidade de aprender, mas, você gostaria de ter feito outra coisa?

Everaldo – Gostaria.

Patricia – O que é que você gostaria de fazer feito, como profissão?

Everaldo – Como profissão? Como profissão era terminar meus estudos mermo que antigamente ainda tinha esse pensamento nim..., aprender, né, pra ensiná, né?

Patricia – Sim.

Everaldo – E aí foi interrompido. O que eu tinha vontade mesmo era de ser professor... de alguma coisa, né.

Patricia – Entendo...

Everaldo – Mas, num, num fui capacitado pra isso... Mas, na minha área também ainda paro pra dar umas aulinhas tamém pra quem não sabe.

Patricia – E você tem vontade de voltar a estudar pra realizar esse sonho?

Everaldo – Vontade eu tenho, mas falta é tempo!

Patricia – Você acha que é possível...

Everaldo – (breve silêncio) Hoje eu diria que não (breve silêncio). Hoje não, pra mim, em minha mente mesmo pra mim pensar, pra mim pensar em voltar a estudar eu num tem como não. O cansaço não deixa não...

Patricia – E você falou que, do seu trabalho que é cansativo, mas, normalmente você trabalha onde?

Everaldo – Num tem ponto específico não, aonde me chamam eu vou.

Patricia. – Mas, é mais aqui em Lauro de Freitas ou...

Everaldo – Lauro de Freitas, Lauro de Freitas, Salvador, Camaçari, é... Jacuipe, em Vilas do Jacuipe, praia do Forte, daí pra cá. Do litoral norte pra cá.

Patricia – E é comum você ficar parado? Você falou dos tempos de chuva, né? Mas, é comum ou normalmente tem atividade?

Everaldo – Normalmente tem, né. De vez em quando que dá essa osciladazinha... questão de... às vezes é semanas, às vezes é dias, às vezes é um mês, aí nesse meio tempo aí.

Patricia – E quando você não está trabalhando o que é que você gosta de fazer?

Everaldo – Nada!... Que é o que eu faço (risos), né? Só nada mesmo, só cuidando das coisas de casa, mesmo... Galinha..., passarinho..., cachorro..., quintal...

Patricia. – Você diria que esse é seu lazer?

Everaldo – É...

Patricia – Cuidar das suas coisas, da casa?

Everaldo – É... da casa...

Patricia. – E como é que você caracteriza seu cotidiano, Everaldo? O que você poderia falar... como é o seu dia a dia?

Everaldo – Meu dia a dia foi aquilo mesmo que falei pra senhora ali na associação: trabalho, casa... e baba. É...

Patricia – Então tem o baba também aí no lazer?

Everaldo – É, no final de semana... Saiu nisso aí, minha rotina é isso mesmo, trabalho, casa e baba. Se eu não tiver trabalhando, tô em casa. No domingo se a senhora me procurá, não to em casa, to no campo. Entendeu? E aí, segue a vida.

Patricia – Certo. Em relação ao baba, né, por que ele é importante pra você?

Everaldo – É porque lembra da minha infância... da infância perdida, né? Como a senhora perguntou mesmo, o que eu, que eu fazia com minha infância...

Patricia – É.

Everaldo – Depois que eu parei de, de me diverti, que comecei a acompanhar meu pai trabalhando foi que... Por isso que eu sou apegado aí nesse baba! Todo final de semana é bola, bola. Apesar que a mulher nem gosta (risos).

Patricia – Normalmente não gosta né...

Everaldo – É, normalmente é... A senhora falou tudo...

Carla – Não é que eu não goste. É que ele demora de chegar.

Nesse momento, há uma troca de olhares entre os dois e resolvo incluí-la na entrevista, dando-lhe voz. Afinal, ela (como ouvinte), já vinha participando do processo.

Patricia – E você, como é seu cotidiano?

Carla - Casa, só em casa.

Patricia – Eu tô gravando, tá?

Carla - É? (risos) É só em casa mesmo. Cuidando de meus filhos, de minhas coisas. Num sô de sair muito.

Patricia – E você mora aqui há muito tempo?

Carla - Cinco anos.

Patricia – Que você acha aqui do bairro?

Carla– Acho bom!

Patricia – O que é que é bom pra você?

Carla– O que é que é bom pra mim? Mercado que é perto, é... a escola dos meninos também que é perto...

Everaldo – Hospital é perto...

Carla – É, hospital também, é... Só.

Patricia - Tem alguma coisa aqui, que haja nas proximidades, no bairro de vocês que vocês não gostem?

Everaldo – Da violência.

Breve silêncio.

Carla – É. Violência.

Everaldo – A única coisa. Tirando isso aí, o bairro é uma maravilha.

Carla– Eu tenho medo de ir lá em cima. Não vô lá em cima assim...Só vou com ele.

Patricia – Sei...

Carla – Tenho medo...

Everaldo – Saiu disso, aqui é uma maravilha!

Carla – É essa rua aqui é tranquila.

Silêncio.

Everaldo – (dirigindo-se à esposa) Mais o que você gosta de fazer? Que mais. Cê só gosta de fazer coisa de casa mesmo.

Carla – Não!

Everaldo – É sim...

Patricia. – Só gosta de fazer ou é o que é possível pra você fazer?

Carla – Que eu gosto da fazer mesmo. É... Ele inda reclama porque, quando ele chega, eu não paro! Dia todo (risos) trabalhando.

Silêncio.

Carla – E gosto de trabalhar também, só que não tô conseguindo...

Patricia – Seu esposo falou que gostaria de ter estudado pra... seguir a profissão de professor, e você?

Carla – Eu?

Patricia – Você tinha alguma outra... uma coisa que você tinha vontade de fazer e não pôde por algum motivo?

Carla – Eu, se eu tivesse estudo queria ser advogada.

Patricia – E você estudou até que série?

Carla– Sétima série.

Patricia – Você nunca... Como é seu nome?

Carla – Carla.

Patricia – Você nunca pensou em voltar a estudar?

Carla – Queria, né, estudar nesse ano, só que, que ele (apontou para o marido) ficou botando dificuldade por causa da menina. Ele ia ter que olhar a menina a noite aí, ele sempre botando dificuldade.

Everaldo – Dificuldade da vida, né?

Patricia – Qual é a dificuldade da vida, Everaldo?

Everaldo – A dificuldade da vida dela, da filha (risos). Pequena, como ela vai pra escola? Quem que ia olhar a menina?

Carla– Você!

Everaldo – É... é dois trabalho, né?

Silêncio.

Agradei a entrevista e mencionei a possibilidade de retornar. Disseram que não havia problema e fiquei de retomar o contato para agendar um horário.

Após terminar a entrevista, Everaldo pediu-me licença porque ia voltar para o trabalho. Antes disse que eu devia conversar mais com sua esposa que já tinha muito tempo e que morava ali, antes de ir para a atual moradia vivia no bairro e tinha muita história para contar. Então, após desligar o gravador, permaneci mais um tempo com ela. Preferia que eu anotasse e não gravasse.

Contou que nasceu em Feira de Santana, mas, está desde os oito meses em Lauro de Freitas. Quando casou a primeira vez, foi morar na Vila Praiana. Gostava de lá, mas, há alguns anos seu filho foi assassinado perto de sua casa. Nesse momento se retrai, com os olhos baixos, disse que não queria mais falar sobre o assunto.

Volta-se a falar de sua vida no presente, de Everaldo e da filha do casal, e dos demais moradores da casa três adolescentes, filhos seus de casamento anterior. Prossegue dizendo que o terreno em que mora foi comprado pelo pai de Everaldo, “parece” que de um corretor. Sua casa é a maior entre as que estão nessa propriedade, mas, ainda não está pronta, ainda falta terminar a parte de fora, que está em tijolo aparente.

Sobre a violência do bairro, diz que não chega até sua casa. É “lá em cima” – na Lagoa dos Patos e no Chafariz. No entanto, relata que houve uma vez em que entrou “um cara” no seu terreno – entrou pela rua e pulou o muro do fundo – e a polícia veio atrás dele. “A polícia entrou aqui atirando nele, mas, foi só isso”.

Entrevista 3

Data: 25/02/2016

Duração da entrevista: 39 min.

Local: Casa do entrevistado

Entrevistado: João Rocha, 44 anos

Observações iniciais:

Enquanto aplicava o questionário na rua em que João mora, percebi que ele, ao chegar em casa, me observava com atenção. Eu tinha, pouco antes, batido na porta de seu domicílio sem resposta. Aproximei-me, disse o que fazia ali e perguntei se poderia responder ao questionário, o que fez. Pelo que disse em relação ao bairro e sobre trabalho, achei que seria interessante entrevistá-lo. Ele aceitou a proposta e ficamos de agendar uma data.

Tentei agendar a entrevista algumas vezes. Porém, ele dispunha de poucos horários compatíveis com a minha disponibilidade. Além disso, por vezes não conseguia contato. No entanto, quando redigia o terceiro capítulo, repassando os questionários, achei que seria válida uma nova tentativa. Dei sorte, conseguimos um horário em poucos dias, pois, ele estava de folga.

João recebeu-me no quintal de sua casa, à sombra de uma bela árvore fincada num chão de terra batida, sentamo-nos num banco de jardim. Ele é servidor público. Funcionário da prefeitura de Camaçari, é condutor de ambulância. Nas horas de folga, é instrutor para habilitados. Além disso, como melhor esclareceu após desligar o gravador, presta serviços como socorrista, também em seu “tempo livre”. Fez questão de ressaltar que conseguiu avançar na vida porque sempre buscou melhorias. Já adulto, trabalhando, concluiu o ensino médio, fez faculdade e alguns cursos sempre “buscando aperfeiçoamento”.

Trabalho, na sua visão, é algo muito importante porque “[...] valoriza o homem, [...] dá dignidade”. Mas, não é desse modo que interpreta o termo, é também uma atividade que “[...] deixa você com o sentimento de, de ter feito alguma coisa, que tenha construído uma coisa pra sociedade. Não só pra você, não só o seu valor, mas da construção da sociedade, você fez um pouco”.

Sua família é o que há de mais importante na vida. Fala de seus pais, um pedreiro e uma comerciante, com orgulho pelo esforço que fizeram para criar os filhos e dar-lhes educação. Comenta que as irmãs conseguiram se formar graças à atitude paterna; quanto a ele, demorou mais para entender a importância de ter nível superior porque seu sonho, quando adolescente, era ser jogador de futebol.

Quando percebeu que era preciso ampliar sua escolaridade para se inserir no mercado de trabalho, foi em busca disso, o que não foi fácil. Esse é um exemplo que quer deixar para seus filhos: é preciso se esforçar, estudar, para, inclusive, ter maior autoestima.

Por isso, ao mesmo tempo em que afirma se sentir bem por já ter estabilidade no emprego, conta que está em busca de melhorias. Pretende fazer uma pós-graduação e estudar para outro concurso, alcançar uma posição na qual o salário seja maior.

Busca e qualificação são termos recorrentes no seu discurso. Talvez porque as entenda como capazes de descrever sua jornada no mundo do trabalho, pois, a cada passo que dá, percebe que precisa dar outro.

Porém há o lazer, do que não abre mão. Para sua realização “[...] não precisa eu estar longe, eu tenho que fazer alguma coisa que eu goste. [...] Se eu to de bem com a vida, to distraído, to sorrindo, to alegre, isso é lazer. [...] saindo daqui, dar um passo, ficar ali, me divertindo, conversando... tirando da rotina, do dia a dia, do trabalho, pra mim isso é lazer”. Coloca essa prática como fundamental à sua vida e sua casa é um dos principais locais em

que a exerce. No mesmo quintal em que estávamos, é comum que se reúna com a família para “queimar umas carnes”, conversar e se distrair.

Sua fala é tranquila, fluida. Responde com atenção e acrescenta detalhes a suas informações. Por duas vezes, precisamos interromper a entrevista. Ambas, por conta do filho de três anos que precisava de atenção. Porém, isso não o afetou no sentido de apressar-se para terminar a entrevista. Ao final, após desligar o gravador, acrescentou informações sobre sua vida profissional e falou da dificuldade para conseguir alcançar seus objetivos.

Transcrição da entrevista

Patricia Chame Dias - João, qual é sua idade?

João Rocha - Tenho 44 anos.

Patricia - Você é casado, solteiro...

João – Eu sou... não sou casado oficialmente, né. Eu convivo já há 22 anos.

Patricia – Então, já é casado... Você tem 2 filhos?

João – Dois filhos. Uma de 16 anos e uma, um de três anos.

Patricia – Sua esposa, ela trabalha?

João – Sim, Ela tem um salão, aqui na nossa própria residência e... e... tem outras atividades também. Ela vende cosméticos e outras coisas também...

Patricia – Sei. E você, qual é sua atividade profissional?

João – Eu sou funcionário público.

Patricia – E o que você faz no serviço público?

João – Eu sou condutor de ambulância

Patricia – E, além disso, você tem alguma outra atividade?

João – Sim. Eu faço outro serviço que... eu dô aperfeiçoamento de pessoas que são habilitadas, né, e que tem dificuldade no trânsito.

Patricia – Sim, é aquele, é...

João – Treinamento para habilitado

Patricia – Você estudou até que série, qual seu grau de escolaridade?

João – Sou graduado em logística... Nível superior.

Patricia – E você alguma vez trabalhou na sua área?

João – Não, não trabalhei. Depois de formado, não trabalhei.

Patricia – Certo.

João – É, eu, é... por questão de é... de títulos, do funcionalismo público, né, que dá melhoria no meu salário. E também na verdade eu quero fazer uma pós em trânsito. Então, eu to buscando isso agora, é... pra me qualificar melhor que eu to querendo fazer outro concurso.

Patricia – Certo. E sua esposa, é formada? Qual a escolaridade dela?

João – Ela tem o nível médio. Completo.

Patricia – Ela trabalha em casa e você no serviço público. Quem é seu empregador?

João – Meu empregador, atualmente, é a prefeitura de Camaçari.

Patricia – Você é servidor da prefeitura, concursado.

João – Sim.

Patricia – Fala um pouquinho do seu trabalho, como é.

João – Meu trabalho é o seguinte. Lá tem, eu trabalho num posto de saúde, né, e faço transferência de... de pacientes, é que, de UPA¹⁷, que seja transferido pra um hospital de referência, como o HGC¹⁸ lá.

Patricia – Como é que você avalia seu trabalho?

João – Eu gosto! Eu acho um, um trabalho muito bom, muita das vezes a gente está com pessoas que está debilitada, precisando de ajuda, e eu me sinto muito útil nesse momento, prestando esse serviço.

Patricia – Tinha alguma... Como foi que você chegou a essa profissão?

João - Bom, eu na verdade sempre trabalhei na área de trânsito, eu sempre, eu sou motorista, sempre fui buscando qualificação, eu trabalhei na verdade... Primeiro. Bom inicialmente, eu servi à Aeronáutica, e, logo depois, fiquei quatro anos lá. Tentei fazer concursos internos, mas, na época, fechou alguns...

Patricia – Sim.

João – Depois o máximo que poderia ficar era quatro anos. Fiquei esses quatro anos. Depois sai, trabalhei numa empresa de transportes de cargas, como motorista. Fiquei mais, quase seis anos nessa empresa, é... transportando cargas, é... veículos de médio porte e grande porte, caminhões. Logo depois eu saí dessa empresa e coloquei o currículo numa empresa de, de... transporte coletivo. E, daí em diante, eu sempre vim buscando qualificação dentro da área de condução de veículos.

Patricia – Certo.

João – É... fiquei dez anos e oito meses lá. Aí depois eu senti necessidade de voltar a estudar. Fiz um... um... Eu não, não tinha concluído o nível médio, aí fui buscar a fazer um supletivo, que se chama CPA¹⁹, que é uma, que é você faz as provas, você se inscreve num entidade pública, numa escola pública, estuda, e marca as provas e vai fazer essa prova. Foi com muita dificuldade, tinha vez que eu chegava uma hora da manhã em casa, tinha vez que pra marcar essas provas tinha que estar lá cinco horas da manhã, lá em Salvador. E eu... senti a necessidade de voltar a estudar, terminei fazendo meu nível médio...

Patricia – Sim.

João – E fui em busca de fazer cursinhos pra fazer concurso público.

Patricia - Certo.

João – Aí, graças a Deus hoje eu consegui esse, a minha estabilidade financeira. Fiquei dez anos... Depois disso, do estudo... fiquei na verdade, depois dos meus estudos fiquei dez anos e oito meses na empresa que eu trabalhava, em coletivo. Aí eu consegui o concurso público, saí, depois fui buscar uma, a graduação, né. Também, sempre trabalhei ni transporte, nessa área, transporte. Não transporte só coletivo, mas transporte de carga, então tem alguma coisa a ver com a logística. Então, pra, também pra títulos no serviço público, eu busquei essa qualificação.

Patricia - E esse esforço que você fez para estudar, isso vem de que, vem de seus pais, é uma coisa sua... Seus pais, qual a formação deles?

João – Meus pais, meus pais são pessoas que veio... são, né, humildes. Meu pai é pedreiro. Minha mãe é comerciante já há mais de... de 35 anos. Mas, sempre me incentivou o estudo. É... Eu tive, na época eu parei, por questão até que eu dei... uma parada para servir, né...

Patricia – Sim.

¹⁷ Unidade de Pronto Atendimento.(UPA).

¹⁸ Hospital Geral de Camaçari.(HGC).

¹⁹ Comissão Permanente de Avaliação.(CPA).

João – E também a questão é que na época eu gostava muito de esporte, eu queria ser jogador de futebol... lá na época também quando servi, na Aeronáutica, eu parti pro lado de esporte também. Eu fiquei praticando corrida de longa distância, eu fiquei na área do atletismo lá, fiquei bastante tempo me aperfeiço... me dedicando a isso, aí terminou eu parando o estudo. E, logo depois, eu senti a necessidade de voltar, por qualificação mesmo.

Eu via o mercado de trabalho pedindo um, um nível, nível médio. Depois uma qualificação maior, que era o nível superior e, isso daí, me motivou a voltar a estudar. Mas, meus pais, desde novo, eles me incentivaram ao estudo. Me deram, até onde pôde pagar, um colégio particular, depois eu fui pra escola pública... Mas, dependendo de meus pais, eu estaria até melhor! E, não teria parado e depois retomado a, os estudos. É tanto que... Eu tenho duas irmãs, uma é formada, é professora, também concursada aqui de Lauro de Freitas, de Camaçari. E eu tenho também uma outra irmã que é formada também em educação física. Graças a Deus. Apesar de meus pais serem humildes, mas, sempre...

Patricia – Deve ter sido difícil pra eles, né?

João – Com certeza, foi muito difícil!

Patricia – Pra vocês também, né?

João – Com certeza. Até hoje, né, porque a gente sempre tá buscando um pouco mais.

Patricia – Claro.

João – Eu tento passar isso pros meus filhos, pros meus sobrinhos, que estão envolvidos em nossas vidas, porque o estudo, ele é... traz melhoria, não só financeira, mas também até pessoal. A pessoa se sente mais valorizada.

Patricia – Você falou da importância do estudo, do esforço pra você conseguiu completar seus estudos, pra você melhorar profissionalmente, né, que você gosta de seu trabalho, mas, pra você, o que é trabalho, João?

João – Trabalho, pra mim, é uma coisa que... é... valoriza o homem, entendeu? É, assim, dá dignidade... sabe que coloca tudo na sua casa com seu próprio esforço, com a coisa que também, é... (pausa) Como posso dizer? É... deixa você com o sentimento de, de ter feito alguma coisa, que tenha construído uma coisa pra sociedade. Não só pra você, não só o seu valor, mas da construção da sociedade, você fez um pouco, entendeu? Então, trabalho pra mim, é isso. Além de ser valorizado ter o seu sustento, você também tá ajudando a sociedade a crescer, porque eu acho que todos os trabalhadores, independente da função dele, ele desenvolve um, um bairro, um município, um estado, um país ou o mundo, né.

Patricia – Sim...

João – São pequenas coisas, pequenas profissões, que sem elas é... o mundo não, não vive sem esses tipos de profissões de pessoas que fazem essas funções. Pra mim o trabalho é... é uma, é grande, é um grande instrumento pra crescer a pessoa como ser humano e a sociedade.

Patricia - Você falou de que tem vontade de estudar e se aperfeiçoar mais, né, e em relação ao trabalho, quais são seus, suas expectativas? O que você pretende profissionalmente?

João – Eu ainda, eu to, na verdade, essa qualificação que eu to buscando, eu to, to voltando a estudar novamente pra tentar um outro concurso, pra me dé é..., em termos financeiros, uma melhor... um melhor, um melhor salário...

Patricia – Entendo...

João – Apesar que já tenho uma estabilidade, mas, muitas das vezes a gente ainda precisa de alguma coisa pra despesa. E esse salário não dá! A gente tem que correr por fora, como eu disse, eu dô instrução a pessoas é... que tem dificuldade de dirigir, né?

Patricia – Sim...

João – Então, eu vou voltar a estudar novamente. Não só fazer a pós-graduação, mas, é... é fazer um cursinho ou até estudar em casa mesmo pra tentar um outro concurso.

Patricia – E você pretende que seja na sua área, quer dizer, na área de transporte e logística?

João – É assim... eu faço pra acontecer lá na frente. Independente que seja da área, claro que ser da área é bem melhor porque você tem fazer um trabalho que lhe deixe satisfeito. Mas, assim, eu agora tava tentando pra... o concurso que vai abrir esse ano, que é provável abrir, da polícia rodoviária federal. Entendeu? Porque, além disso, é... é uma coisa que eu gosto da parte de disciplina, é... e a parte também que tá envolvido no trânsito, entendeu? Então, eu estaria tentando o concurso da polícia.

Patricia – Tentando articular seus conhecimentos, sua experiência.

João – É, meus conhecimentos. Que tá, já tá envolvida alguma coisa.

Patricia – E a contraparte, do trabalho... Como é sua vida em geral, você falou do trabalho, do seu esforço para estudar, e sua vida em geral? Quais são as outras coisas importantes pra você?

João – Ah!... A, a coisa mais importante na minha vida é minha família (pausa). É... (pausa) Principalmente meus pais e meus filhos, né. Eu dô muito valor à minha família. Meus pais, minhas irmãs, meus sobrinhos, meus filhos, eu dô muito valor. (pausa) Porque... tá faltando também nesse mundo é... a família, né?

Patricia – Sim...

João – A gente tá falando aqui de, de, de parte de trabalho, de tudo. Mas, o mais importante disso tudo, que sempre estive envolvido nesse esforço, que sempre, desde criança, me dão apoio são meus pais e meus familiares. Minhas irmãs, minha esposa. Eu acho que... é o mais importante pra mim.

Patricia – Então quando você não está trabalhando e não está se empenhando pra cuidar da sua família por meio do trabalho, quais são suas atividades?

João – Ah. Eu na verdade, eu sou assim, um cara que gosta de esporte. Então, eu faço, continuo fazendo minha corrida. Assim, no momento eu to parado que eu tive uma lesão, né. Eu gosto da corrida e gosto do futebol.

Patricia - Que é comum ocorrer acidentes...

João – (risos) É, o futebol tá envolvido desde cedo. Eu sempre gostei. Quando era criança queria ser jogador de futebol, e não deixei. Até hoje gosto de jogar minha bola... mas, como eu já estou numa idade um pouco mais avançada (risos), sempre tem uma lesão e aí, agora eu tive uma... uma pequena ruptura na coxa e to fazendo fisioterapia. Mas, com pretensão de voltar de novo (risos)...

Patricia – É uma paixão?

João – É, é uma paixão. Então, eu gosto do futebol e gosto de fazer também minha corrida. Também eu tenho outra atividade que eu gosto. É fazer uma pescaria, hoje mesmo eu... gosto de mergulhar... aí eu faço um tipo de caçada submarina, ali na beira da praia.

Patricia – Faz por aqui mesmo?

João – Faço por aqui mesmo. Tem vez que eu vou sozinho, tem vez que vou com meu velho... Eu vou pra praia e faço essa atividade que, que dá pra relaxar, entendeu? Muitas das vezes levo minha esposa. E ela fica zangada que eu não fico com ela, fico procurando peixe, e aí (risos) ela se zanga. Mas, é isso pra tirar também o stress do dia a dia.

Patricia – Essas seriam suas atividades de lazer?

João – É. Seria uma das atividades de lazer. E outro lazer, além do futebol, meu baba e tudo, é sair com a família mesmo, ir na praça de Lauro, ir num... *shopping*, de vez em quando, quando sobra algum dinheiro, pra se distrair. Mas, o lazer em si é aqui mesmo, em casa, a gente sempre tá queimando uma carne, tá brincando, conversando e... a praia. O lazer principal, meu lazer principal, é esse.

Patricia – Você falou de queimando uma carne, quando vocês se reúnem aqui quem vem mais normalmente. Família, amigos...

João – Não, geralmente a família, né. De vez em quando, claro, aparece meus tios também, sempre final de semana aparecem aqui, mas, geralmente é eu, minhas irmãs, meus sobrinhos, meus filhos é... e como aparece também. Final de semana tem um tio que aparece, um primo, sempre tá aqui também vem cortar um pedaço da carne (risos).

Patricia – Vem aproveitar o fresquinho do seu quintal com árvore

João – É...

Patricia – Deixa eu lhe perguntar. Você falou o que é trabalho e o que é lazer pra você?

João - Lazer pra mim é... Não, eu acho que o lazer não precisa eu estar longe, eu tenho que fazer alguma coisa que eu goste. Então, lazer pra mim... é isso. Se eu to de bem com a vida, to distraído, to sorrindo, to alegre, isso é lazer. Eu posso tá aqui ou nim, nim outro país, mas, eu saindo daqui, dar um passo, ficar ali, me divertindo, conversando... tirando é, é da rotina, do dia a dia, do trabalho, pra mim isso é lazer.

Patricia – Você falou daqui, de como era, você mora aqui desde que nasceu, não é?

João – É, 44 anos que moro aqui.

Patricia – Sempre morou nessa mesma..., neste mesmo endereço?

João – Sempre nesse mesmo endereço.

Patricia – Como é que você percebe, como é que era o bairro na sua infância? O que você pode dizer disso, e como você percebe como ele é hoje?

João – Esse bairro aqui (pausa) é um bairro... Assim, hoje, hoje, no geral, tá tendo essa dificuldade, mas, esse bairro aqui foi muito mais assim, a comunidade foi muito mais unida, né?

Patricia – Sim.

João – Aqui, a gente reclamava que não tinha nada. A gente reclamava que não tinha nada. Mas, eu acho que tinha tudo e a gente não valorizava isso. A gente tinha muitos... árvores, pé de cajueiro, coqueiro..., pra gente seguir pra, pra praia em Vilas do Atlântico, que hoje é Vilas do Atlântico, era um caminho que a gente seguia até a praia. Meus pais não tinham carro, não tinha nada, a gente colocava... fazia umas trouxas aí, levava, passava o dia inteiro na praia, né.

Aqui também tinha um São João que era muito... é... valorizado. Iniciou aqui, na, na frente da nossa casa. Fizeram um caramanchão, um barracão, que era de um... Inicialmente quem começou isso foi um amigo já falecido, Robertão. Logo depois ele comprou um terreno à frente, fez um barracão maior, então, todos os anos tinha uma festa de São João. Fechava tudo isso aí, a comunidade, todo mundo, participava, era muito bolo, é quadrilha... e era tudo de graça!

Patricia – Certo...

João – Além do São João, aqui tinha o futebol, né. Que tinha um campo lá na frente, ali onde tem o Anjos, Cães e Gatos, ali, aquela área também, era um campo de futebol, que a comunidade final de semana... era todo mundo envolvido.

O campo se enchia de gente, não só daqui da comunidade, mas de Portão, Lauro de Freitas... E sempre também, festas. Era um motivo de festas, toda semana na casa de um amigo, que faziam aqui... Datas comemorativas, Páscoa tinha, era, como se chama? Pau de sebo, tinha quebra porte... Então, aqui, era uma comunidade que... era bem unida! Pra essa questão. Porque, assim, muita, aqui a grande maioria são parentes, né?

Patricia – Sim.

João – São parentes aqui, essa parte que mora aqui (gesticula indicando a rua da frente) são parentes. Um já é primo do outro... terminou um se casando com outro, e aí terminou...

Patricia – Foram ficando, né?

João – Fortalecendo essa família. É... Mas, no geral, aqui era isso. Era tranquilo durante, no meio da semana, todo mundo trabalhando, que muitos trabalhavam em roças, né, que nem meus avós, depois meu pai começou a trabalhar na construção civil, e aí foi na época que, aqui também, Vilas do Atlântico surgiu e começou a melhorar essa questão da, do trabalho, muita gente aqui viveu da questão do trabalho...

Patricia – Da construção civil?

João – Da construção civil, né. Mas, era sempre um lugar tranquilo. Um lugar... ainda pra mim é um lugar tranquilo. Apesar de todo lugar ter essa violência. Mas, aqui foi um lugar muito bom de se viver e pra mim ainda é um lugar bom de se viver. (pausa)

Patricia – E hoje? Com é que é? Assim, você que hoje é ainda, ainda é um lugar de viver, mas que tem a questão da violência, o que você acha que mudou além do adensamento e tal, como é que você percebe essa coisa como morador antigo aqui de Pitangueiras?

João – Pronto. Quando a gente falava que não tinha nada aqui, realmente a gente tinha muita dificuldade de transporte, né. A gente pra, pra ir Salvador, a gente ia pra lá onde hoje é a Novel, próximo ali ao Atacarejo, Atacadão. Chamavam a antiga fábrica de... fábrica de sisal Cosibra. Então, a gente ia pro outro lado, até a Estrada do Coco, pra pegar o transporte pra ir pra Salvador. Então, a maior dificuldade antigamente... tinha essa dificuldade do transporte. Pra você também, a parte de comércio, é... fazer compras, né?

Interrupção. João foi atender ao filho. O menino solicitava que o pai pegasse um brinquedo

João – Sim, a gente tava falando...

Patricia – Você estava falando que tinha, da dificuldade que tinha pra comprar as coisas, pegar transporte...

João – É. A parte também da saúde, né. Que hoje ainda tem esse problema aqui. Mas, foi logo da construção do Menandro de Farias, ficou, tem um hospital mais próximo, é... Hoje ainda tem essa dificuldade, apesar do hospital, hoje ainda tem essa dificuldade que não tem um posto de saúde na família, pra... pra dar apoio à comunidade. Tem vezes que, apesar dessa melhoria que teve de transporte, a gente ainda tem que se deslocar pra Lauro de Freitas, pra... pra procurar um posto de saúde. Meus pais, tem vez que eu saio daqui quatro horas da manhã com eles mesmo, nem sempre eu tenho condições de levar, pra sair, pra ir pra uma fila pra ficar aguardando. E tem vez que não consegue nem, nem vaga, né, pra fazer um atendimento, pra cuidar da saúde. Mas, hoje, apesar que teve essas melhorias na estrutura em si, bancos, mercados, transporte, mas, no geral, apesar da questão de violência que isso daí não vou falar, não só aqui, mas em tudo, ainda se é uma comunidade tranquila, né. Teve melhorias na estrutura de, de transporte, de mercados, bancos, é... o comércio em si. Mas, ainda tem essas partes que tá com deficiência aqui, no bairro. É a saúde, a questão da segurança, eu acho também. É tranquilo, mas, como aqui também é um bairro de passagem, que liga aqui a Estrada do Coco à Lagoa dos Patos, que é um índice de violência muito grande lá. Então, é passagem aqui.

Patricia – Sim.

João – Então, tem muito assalto nos lugares que não tem muito movimento, né, tem muito assalto Hoje a questão é essa. Um ponto alto, maior, é a questão da segurança.

Patricia – E você atribui essa mudança, essas coisas que chegaram, saúde, transporte, a que você atribui? Como é que você interpreta esse fato?

João – É, atribui isso pelo seguinte, é... É atribuo, porque, aqui mesmo era um bairro que era de, tinha muito sítio, né. Então, era de veraneio. Aqui era um local de veraneio, era muito veraneio aqui.

Quando surgiu Vilas do Atlântico também, que construiu muitas casas pra veraneiar, e a questão que Salvador, a população aumentou tanto e teve a necessidade de expandir pra região de Lauro de Freitas, e não só Lauro de Freitas. Hoje a gente tá vendo isso, tá expandindo mais pra Salvador. Acho que a demanda da população de Salvador sendo muito grande, e essa... teve a necessidade de explorar mais esse lado de cá. Pessoas que tinham sítio, as famílias tinham sítio, vinham com os filhos pro lado de cá, hoje esses filhos, dessas famílias, se, é... se firmaram aqui.

Patricia – São moradores?

João – São moradores. Muitos que gostavam do local, né, depois disso se acostumaram, vieram pra cá, e hoje têm filhos, netos... E aí começou a crescer por questão também dessa situação, né. Salvador tá muito... sufocado. E como a região aqui, Lauro de Freitas, essa região aqui é próxima a Salvador, teve essa necessidade que terminou... crescendo pra esse lado de cá.

Patricia – Você falou que acha que antes dizia que não tinha nada e tinha muita coisa, né, do ponto de vista mais simbólico, afetivo, das relações, assim. No que é que você acha que a sua vida mudou com essas mudanças que ocorreram nessa região, particularmente, aqui em Pitangueiras?

João – É, a minha vida mudou assim a questão de hoje eu ter um é... Hoje eu ter um, é... minha casa, eu consegui construir minha casa, apesar de ser numa área que foi doada por meu pai, mas, eu tenho minha casa. É... Melhorou em tudo, em questão é de não ser... que eu tive a necessidade de estudar pra ter uma estabilidade na vida, mas, melhorou mais por essa questão de eu ir em busca dessa, dessa... Posso cortar, que eu não... Eu acho que... a pergunta que você me fez...

Patricia – Fique à vontade. Não tem resposta certa...

João – A pergunta que você me fez foi a melhoria...

Patricia – É, se a melhoria do bairro aqui, dessa região, contribuiu, mudou, influenciou na sua vida.

João – Ah! Sim, certo, não... Isso influenciou na minha vida. A melhoria teve avanço na minha vida, porque teve locais até pra eu estudar... [o filho pede água, o pai pede-lhe para aguardar] É... melhorou sim porque me deu mais, é... a dificuldade que eu tinha de transporte, quer dizer, hoje pra eu ir fazer um curso, porque eu fiz vários cursos de qualificação... eu sou instrutor de, de transito, eu tenho curso de primeiros socorros, tenho curso de, sou formado de técnico de enfermagem, quer dizer, se eu, a dificuldade que eu tinha principalmente de transporte, hoje eu já não tenho mais. É, é, cursos próximos, que antes a gente não tinha. Pra gente sair daqui pra ir pra Salvador, era a maior dificuldade, pra você ir pra outra parte de Salvador, então, hoje ficou, teve mais, é, é... como você se deslocar. Como você ir buscar mais informações fora que antes você ficava privado dessas situações, né. E aí terminou que me, me, me... ajudando a me qualificar melhor. Eu falo, eu falo o seguinte: eu me acho uma pessoa, vou tentar, to mudando até o foco da...

Patricia – Tranquilo.

João – Mudando até o foco da pergunta. Mas, pela dificuldade que nós tivemos aqui, eu acho que eu sou uma pessoa vitoriosa. Eu sempre busquei, e tento passar isso pra minha

família, ir buscar mais informações, ir buscar mais, é, é... qualificação, porque apesar... Eu até volto pra questão da dificuldade que tinha. Tinha dificuldade, mas, eu saía daqui, como eu falei, chegava uma da manhã, uma e meia da manhã e, quatro e meia, cinco horas, estava lá na Feira de São Joaquim, onde era o colégio, pra ir buscar essa, essa qualificação. Apesar se, como antigamente não tinha esse transporte, ia ser pior, eu não ia conseguir isso, né? (pausa) Eu, hoje eu, eu tenho outro concurso, que eu não falei, mas, eu tenho outro concurso também.

Patricia – Sim.

João – Sou socorrista. Faço outra atividade. É... passei em outro concurso, mas, não quis assumir... mas tudo isso porque eu fui em busca, nim busca de informação, eu fui em busca de qualificação, fui... muitas vezes eu tava fazendo uma coisa e daqui a pouco eu ia procurar um curso para me aperfeiçoar. Eu fiz um curso de técnico de enfermagem, passei nim um curso, num concurso de técnico de enfermagem, mas, pra mim não era viável. E não assumi, entendeu? Mas, é... No mais, acho que foi isso. A melhoria daqui, teve mais estrutura, né, de você melhorar sua vida, dá mais conforto, é esse avanço que teve aqui... Não tinha água, não tinha luz, não tinha telefone. Hoje nós temos tudo isso, tem internet, tem tudo. É...

Patricia - Você acha que seus filhos estão tendo condições de ter uma vida mais confortável que você, então?

João - É. Com certeza. No geral, eles têm muito mais conforto que eu tive. Não que eu não tive, assim, meus pais, apesar do, do... deles, foi muito difícil, mas, eles me deram o que pôde me dar de bom.

Patricia – Com certeza.

João – O que pôde me dar, eles me deram de bom. Porque eu tenho amigos aqui que passou muito mais dificuldade que eu. Minha mãe sempre foi uma batalhadora, sempre teve esse comércio aí, que, que hoje era pra ser um Bom Preço da vida, mas, nunca saiu disso aí, que é um pequeno comércio. E meu pai também batalhando, construindo, também me ajudando a construir minha casa... Hoje tá construindo a casa de minha irmã, não pode fazer mais porque está adoentado... Mas, é... deu conforto e hoje eu tento dar também pros meus filhos. O que eu não tinha antes, que ele não pôde dar, hoje eu posso dar pros meus filhos, né. É... uma escola melhor, apesar, que eu tive que tirar uma, a mais velha, do colégio particular, que ela estava no colégio particular, mas, eu tive que dar hoje pro meu filho menor e eu fiquei em uma vertente de dar o estudo melhor a ela ou dar a condição de saúde, né. Que eu tive que pagar um plano de saúde pra eles. To pagando um plano de saúde pra minha família. Aí eu tive que tirar ela do colégio particular e optei pra dar um plano de saúde pra família ter mais uma... qualidade de vida melhor, né, porque a deficiência que nós temos na saúde é grande. Então, hoje eu tenho o menino que estuda no colégio particular, que é bom, relativamente, e a minha filha estuda num colégio público. Ela tem 16 anos e optei...

Interrupção. O filho subiu para andar superior da casa e abriu a janela

Patricia – Quería voltar um pouquinho no que você falou, você trabalha em Camaçari, né, aí você falou também das questões de transporte, como é que você vai pro trabalho?

João – Eu vou, vou pro trabalho de moto. Eu tenho meu carro, mas deixo aqui e me desloco com a moto que eu tenho.

Patricia – Quanto tempo normalmente demora pra chegar no trabalho?

João – Ah, 20 minutos.

Patricia – Moto é rapidinho, né.

João – É rápido.

Patricia – Você trabalha de turno?

João – Eu dô plantão, dô plantão. Minha escala é 24 por 72.

Patricia – Por isso dá pra você compatibilizar com outras atividades...

João – Com outras atividades... Entendeu? Aí nesse, nesse período aí eu faço meus treinamentos pra reforço de direção...

Patricia – E o tempo que sobra aí pra lazer, é pequeno, é grande...

João – É... a gente dá um jeito né? A gente dá um jeito. Como eu falei, muitas das vezes não precisa o lazer tá... é por isso que eu dô valor à família, porque tem vezes que eu fico longe da família, muito longe da família, e aí o tempo que eu to em casa, eu tano com minha família é o lazer pra mim, é muito importante, entendeu? É... tem vezes que você tá trabalhando e se cansa, né? Então é isso que eu quero dizer. Tem vezes que eu to aqui, ai a gente fica conversando, vendo o tempo passar... Pra mim é o lazer.

Patricia – Pra você o lazer é descansar?

João – É descansar! Tem vezes que agente vai em umas praias diferente, mas, não tem... o lazer pra mim é isso. É sair pra pescar, pegar pinauna, pegar peixe, é ficar aqui batendo papo...

Patricia – Voltando. Se tivesse que definir lazer, o que é lazer? Você falou das atividades...

João – Como falei antes, lazer é tá de bem com a vida. Assim, recebendo esse ar fresco, tá tranquilo, pra mim é lazer aqui. Você tá de bem com a vida, isso é o lazer. Cê tá num lugar que se sinte bem, isso é lazer. Você estar com uma pessoa que tenha um bom papo, tá conversando, que faça você dar risada, isso é lazer. Não é isso que a gente procura quando vai pra algum lugar? Ficar distraído, ficar... né isso?

Entrevista 4

Data: 29/02/2016 Duração da entrevista: 28 min.

Local: Casa da entrevistada

Entrevistado: Márcia dos Anjos, 34 anos

Observações iniciais:

Quando liguei para Márcia para marcarmos a entrevista, ela estranhou. Recordei-lhe que havia respondido a um questionário de pesquisa, em 2014, quando contou havia pouco tempo que se mudara para Pitangueiras e da obra que fazia na casa. Então, lembrou-se, mas, disse seria difícil atender-me. Marcamos para uma segunda feira, o único dia em que tinha uma tarde livre.

Recebeu-me em sua casa. Estava trabalhando. Ela era a professora e a mesa abarrotada de avaliações demonstrava que realizava correções dessas atividades. Disse que não gostava de trazer trabalho para casa, mas, às vezes não tinha como não fazê-lo. Enquanto arrumava a mesa para que pudéssemos iniciar a entrevista, notou que tinha um gabarito sem o nome do aluno. Ficou apreensiva. Como iria fazer para identificá-lo? Pensou em olhar as listas de frequência, mas, estavam na escola. Teria que ver depois.

Estava preocupada com o tempo, pois, após atender-me teria que corrigir os gabaritos, passar as notas, fazer planejamento e pegar a filha. Depois, ia preparar o almoço para o dia seguinte, além de cuidar do jantar dos filhos e do marido.

No decorrer da entrevista, conta que sua rotina é mais ou menos essa. O tempo é insuficiente para tudo o que precisa fazer. Assim, não lhe sobram momentos para as coisas que lhe dão prazer.

Para ela, trabalho “[...] remete à ideia de um esforço físico ou mental”, se sente assim em relação à sua prática, ao mesmo tempo, supera as consequências desse esforço pela satisfação que tem quando vê que seu aluno aprende. Afinal, “ama” o que faz. Ser professora é um sonho que persegue desde quando estava na 5ª série. Mas, realizá-lo não foi fácil.

Conta que seus pais, um mestre de obras e uma dona de casa, foram contrários a essa escolha. Preferiam que ela optasse por algo que lhe trouxesse maior retorno financeiro. Isso era possível porque, como conta com certo orgulho, teve uma nota altíssima no ENEM. Com isso, garantiu uma bolsa integral de estudos numa faculdade particular em diferentes cursos, mesmo assim, escolheu a licenciatura em História.

Lazer para ela é algo raro. Com a jornada de trabalho que tem e uma filha que ainda não completou um ano, seu dia a dia é carregado de obrigações, o que avança pelos finais de semana. Assim, “não pensar em trabalho [...] descansar [...] Esquecer que trabalho existe, por um tempo [...]” é algo que está em “segundo plano”. Aliás, a sua vida em geral, está em “segundo, terceiro plano”. No entanto, acha que “[...] essa fase que eu to da minha vida acho que qualquer profissional, ele passa por essa fase. O negócio é saber administrar [...]”. Então, para que as coisas melhorem, além da filha crescer, cabe a ela encontrar uma estratégia de minimizar seu desgaste físico e mental.

Ainda que atenta ao tempo, Márcia construiu suas respostas de modo largo, procurando esclarecer seus argumentos e avaliações. Foi simpática e sorridente.

Transcrição da entrevista

Patricia Chame Dias – Vamos começar com você falando um pouquinho de você. Qual é sua idade?

Márcia dos Anjos – Eu tenho 34.

Patricia – Você é casada?

Márcia – Casada.

Patricia – Tem dois filhos, né?

Márcia – É, um menino e uma menina.

Patricia – O menino está com quantos anos?

Márcia – Onze e a menina já fez nove meses.

Patricia – Qual sua profissão, Márcia?

Márcia – Sou professora.

Patricia – Você trabalha, ainda está trabalhando na rede pública...

Márcia – Não, to não. Agora estou na rede privada. Que eu era prestadora de serviços pro Reda, aí acabou o contrato e eu trabalho na rede particular.

Patricia – Você ensina que série?

Márcia – Do sexto ao ensino médio.

Patricia – Em uma escola só, mais...

Márcia – Duas.

Patricia – E onde ficam essas escolas?

Márcia – Fica uma aqui em Vida Nova e outra em Abrantes.

Patricia – Agora está mais perto, né? Antes...

Márcia – Graças a Deus! Antes era na Ribeira...

Patricia – E como é que você se desloca pro seu trabalho?

Márcia – Eu vou de ônibus... Às vezes eu pego um moto táxi, às vezes eu vou de carro... Depende. Agora mais perto, é mais fácil pra mim.

Patricia – E você dá quantas horas de aula?

Márcia – Eu to com 40... 42 horas semanais.

Patricia – Você gosta do que faz?

Márcia – Amo! (risos)

Patricia – Fala um pouquinho disso, qual é a sensação de ser professora. Você disse que ama. Por que você ama essa profissão?

Márcia – Desde de, de... da quinta série que eu decidi que ia ser professora. Eu amava ver a professora lá na frente, ensinando, explicando as coisas. Eu me interessava, eu me interessava muito mais ainda pela área de humanas, ciências humanas. Por isso, que eu fiz licenciatura em História, porque eu poderia atuar em diversas... Eu poderia dar aula de Geografia, de História, de Filosofia... Então, eu gosto muito da área de humanas. E... eu gosto de ensinar, o ato de tá ali é... mediando o conhecimento, né... Eu amo fazer isso, eu amo o processo em si. (pausa) Amo mesmo. Estar na sala de aula, estar lidando com várias fases da formação é, é, é... do jovem, do adolescente... Que eu trabalhei com jovens de 12

a 60 anos, por exemplo, na escola pública, a noite, com o EJA²⁰. Então, são públicos diferentes. Cada um tá numa fase é, é de, de entendimento. Alguns já [termo inaudível] outras já começando agora, tentem ter entendimento só que tem preguiça de pensar, né? Então, eu amo ter esses desafios que a educação ela, ela nos coloca todos os dias, todos os dias é um desafio pra nós como educadores. É um desafio todos os dias! A gente tem que estar sempre aprendendo, tá buscando cada vez mais conhecimento porque... conhecimento nunca é demais. Eu costumo dizer pros meus alunos que a única coisa que a gente leva dessa vida é o conhecimento.

Patricia – Você diz que desde a escola percebeu que queria ser professora, né? Aí você entrou na faculdade, mas, sempre trabalhou com a educação?

Márcia – Não. Eu trabalhei durante... cinco anos como auxiliar contábil, e... enquanto eu fazia faculdade.

Patricia – Sim.

Márcia – Aí, depois, quando eu entrei na faculdade, eu tava trabalhando lá ainda. Aí eu saí, trabalhei como supervisora de operações, numa empresa de telecomunicações, trabalhei como... assistente financeira...

Patricia – Isso enquanto fazia faculdade?

Márcia – Enquanto fazia faculdade. Mas, aí de assistente financeiro, eu larguei tudo e fui só dar aula. Quando eu comecei dar aula, é... eu tava fazendo faculdade ainda...

Patricia – Sim.

Márcia – Aí, eu comecei dar aula e aí eu não parei mais. Eu saí do meu trabalho, trabalhei só dando aula. Eu era estagiária pelo Estado e pela prefeitura... pra poder custear meu curso. Isso. Pra custear, assim, as despesas que eu tinha, porque, na realidade, eu fui uma aluna bolsista.

Patricia – Fez o curso onde?

Márcia – Na FTC. Porque na época eu fiz 95%, 95 pontos, na época, na redação, no Enem, e fiz 75 na prova objetiva. Então, fiquei acima da média nacional, eu podia escolher qual... outros cursos fisioterapia, engenharia, medicina veterinária, eu tinha pontuação pra isso. Mas, eu preferi escolher licenciatura.

Patricia – Que era o que você sonhava?

Márcia – Que era o que eu sonhava! (pausa) Tanto que as pessoas da minha família fala, falavam “cê é louca! Você vai fazer licenciatura, vai ser professora! Você pode ser uma veterinária.” Eu digo: “gente, não guento ver ninguém sofrendo. Eu não tenho... eu vou fazer uma coisa, começar um coisa que não vou terminar! Não tem nada a ver com o que eu quero”. Aí eu fiz licenciatura, e eu sou muito feliz. Apesar do, do não reconhecimento da sociedade, não é só do governo, não, que eu vejo essa falta de reconhecimento da sociedade também.

Patricia – Sim...

Márcia – Preconceito com o professor. Então, mesmo assim, mesmo com toda dificuldade, eu faria tudo de novo.

Patricia – Você falou da sua família, né, que questionou a sua escolha. Qual a formação de seus pais, em que medida eles contribuíram pra sua escolha profissional ou não contribuíram?

Márcia – Não contribuíram. Primeiro que meus pais tiveram uma formação abaixo do nível fundamental II e... Mas, eles, eles viam é... eu acho que eles viam, de uma certa forma,

²⁰ Educação de Jovens e Adultos.

como quase todo mundo vê, a profissão professor como não sendo uma coisa muito boa pra você fazer. A visão deles, né, então eles achavam que se eu fosse fazer medicina, eu seria mais bem sucedida. De fato.

Patricia – Financeiramente?

Márcia – Financeiramente. Mas, a minha satisfação... pessoal. E o, o, será que eu ia fazer tão bem feito como eu faço dar aula? Entendeu? Porque quando você faz uma coisa com amor, você faz bem feito.

Patricia – Sim.

Márcia – E o dinheiro é consequência. E quando você faz uma coisa por dinheiro, você faz sem amor. Você faz só pelo dinheiro. E talvez aquilo que você esteja fazendo com tanta dedicação, quanto se você faria se amasse o que você faz. Então, eles se opuseram por essa questão financeira.

Patricia – E eles faziam o que, você disse que eles não tinham nível médio, né? Fundamental

Márcia – É fundamental, isso. Meu pai era mestre de obras e minha mãe era dona de casa.

Patricia – Então, pra você estudar não deve ter sido muito fácil.

Márcia - Não. Não mesmo, que eu tinha que trabalhar, durante o dia, e estudei... Sempre estudei à noite, em escola pública, até...o ensino médio, eu fiz escola pública. Fui pra faculdade particular é... direto! Saí do ensino médio e fui direto. Num fiz cursinho, não fiz nada.

Patricia – Foi por seu conhecimento mesmo.

Márcia – Isso. E porque eu fiz a prova, por essa pontuação na prova eu ganhei a bolsa. Integral. Na faculdade particular. Aí eu fui fazer.

Patricia – E esse sentimento que você fala em relação ao seu trabalho. Mas, pra você o que é trabalho?

Márcia – Bom... trabalho... É tudo que te leve a fazer, a ter – não sei se o termo correto é ter ou fazer – um, um, um... um esforço físico. Trabalho! Me remete à ideia de um esforço físico ou mental. Né? Pra mim trabalho se, se, se... sinônimo de trabalho pra mim é isso.

Patricia – Esforço físico...

Márcia – Ou mental. Trabalho. A palavra trabalho pra mim remete a esforço físico ou mental.

Patricia – E você se sente assim? Quando você trabalha?

Márcia – Eu me sinto... Eu me sinto satisfeita. Porque isso requer de mim um esforço físico, mental, mas, eu me sinto satisfeita. Mesmo estando cansada, saber que... missão cumprida, meu aluno conseguiu aprender. Aquilo pra mim é satisfatório, então isso se sobrepõe ao meu desgaste físico e mental.

Patricia – E além do trabalho, como é sua vida normalmente?

Márcia – Hoje a minha rotina... Meu Deus! (pausa) É... trabalho, aí chego, pego minha filha, fico com ela o resto do dia, aí vou fazer o almoço do dia seguinte, pra deixar pro meu outro filho, que também estuda, a tarde toda, pra o meu marido jantar e chego vou cuidar da casa, como uma dona de casa... comum (pausa)

Finais de semana. Eu não costumo trazer trabalho pra casa. Porque eu penso final de semana é meu e da minha família. Então, tudo que eu puder resolver na escola, eu resolvo. Agora, quando não tem jeito... aí eu trago, né? É... durante finais de semana eu procuro... não consigo, não tenho conseguido descansar, porque eu tenho uma bebezinha, então, descansar, não existe. Acaba que chega segunda feira e eu estou super, hiper, mega cansada! Mas, o meu dia a dia, é... é essa jornada dupla. Dona de casa e... profissional.

Patricia – No fim de semana, que você procura descansar e não consegue, o que você normalmente faz pra sair da rotina, tem alguma coisa...

Márcia – Às vezes, saio pra jantar com a família, todo mundo... A gente vai pra casa de praia, alguma coisa assim. Mas, isso quando tem um feriado prolongado, que quando não tem, fica um pouco complicado a gente fazer isso.

Patricia – Então, você diria que hoje em dia tá difícil pra você fugir da rotina?

Márcia – Muito!

Patricia – Por causa da neném?

Márcia – Por causa da neném, principalmente. Porque ela requer... Ela mudou completamente a rotina de vida. Minha, do meu esposo e do meu filho. Ela mudou completamente porque, hoje, a nossa dedicação, a nossa prioridade, é ela. O menino, ele já tá maiorzinho, ele é mais independente. Ele já é independente, ele estuda aqui próximo, ele vai pra escola sozinho, vai com um coleguinha...

Interrupção para atender telefone.

Patricia – Eu queria voltar um pouquinho a uma coisa que você falou da dificuldade que você tem hoje pra descansar no fim de semana. Você fala que chega na 2ª feira super cansada...

Márcia – Muito cansada.

Patricia – Como é que fica o lazer na sua vida?

Márcia – Em segundo plano (fala mais baixo). Eu fiquei, minha vida ficou em segundo, terceiro plano porque... eu sempre.... priorizo mais a minha família. Então as pessoas falam isso pra mim: “você tem que pensar mais em você, se você não tiver bem, como é que vai conseguir fazer tanta coisa”. Aí, eu digo: “mas gente, eu tenho essas coisas pra fazer, se eu deixasse de fazer, como é que eu vou, como é que eu vou... Vai acumular! Então vai ser pior pra mim”.

Por exemplo, chega final de semana tem a diarista, que vem fazer o trabalho, eu tenho que ficar acompanhando, né? Tem mercado pra ir, tem reunião de escola, no final de semana tem reunião de escola do meu filho, no sábado. No domingo, fazer mercado, porque não pude no sábado porque fui pra reunião. Minha filha tava... tá nascendo o dente, tava meio febril, toda molinha. Aí, tem muita coisa. Então, não consigo... pará pra descansar. Quando eu vou dormir, já é dez horas da noite, dez, onze. No final de semana, to super cansada, quando dá quatro e meia to acordando, porque ela acorda pra tomar mamadeira... aí quer ficar brincando. Aí quando ela dormir de novo, eu já to pensando, já tenho que fazer outras coisas. Então, eu acabo quase que não descansando.

Patricia – E como é que você se sente em relação a isso? Dessa impossibilidade, que você conta, de ter um tempo pra você?

Márcia – (pausa) Eu vejo... como uma consequência daquilo que eu busquei, né? Eu quis ter um filho, eu sabia dessa, desse trabalho que, que dá de criar filho, e essa fase que eu to da minha vida acho que qualquer profissional, ele passa por essa fase. O negócio é saber administrar que eu ainda não consegui encontrar um meio de administrar isso, sem que me cause tanto desgaste físico. Entendeu? Ainda não consegui encontrar um meio pra, pra, pra amenizar esse... conseguir organizar é, esses meus horários pra que eu possa ter um tempo mais de lazer. Porque eu só consigo ter lazer se a gente pegar o carro aqui... e sair pra longe, levar uma babá, pra poder ficar com ela... Porque caso contrário, não consigo descansar.

Patricia – Pra você ter lazer, precisa sair de casa?

Márcia – É. Que se eu ficar aqui tem alguma coisa pra fazer toda hora.

Patricia – O que é lazer pra você?

Márcia – Lazer é não pensar em trabalho, é descansar, sabe? Esquecer que trabalho existe, por um tempo, e descansar sem ter que fazer esforço, sem ter que ficar pensando em nada, só naquele momento conversar, né? Ler um livro! Nossa! Já tem um... sem ser da minha área...

Patricia – Profissional?

Márcia – Já tem um... quase dois anos que eu não consigo parar pra ler um livro. Eu gosto de romance... Eu não consigo parar pra ler um livro! Porque eu começo a ler o livro, eu não consigo ler duas linhas porque, quando ela vai dormir, eu puf! apago. E os outros momentos, eu to cuidando dela e to fazendo as coisas. Durante a gravidez, também, eu tive uma gravidez de risco, então eu também não tinha cabeça pra ficar lendo. Eu fiquei com a pressão alta o tempo todo. Fiquei com arritmia cardíaca. Eu acho que por conta dessa jornada minha, porque quando eu engravidei, eu trabalhava 60 horas.

Patricia – Meio impossível, né?

Márcia – É... Sessenta horas! Então, eu fiquei com, eu tive uma crise de stress muito grande e eu fiquei com arritmia cardíaca durante a gravidez inteira. Aí, chegou o momento de parar. Aí eu parei geral, de tudo. Só que... parei assim, as atividades, fiquei quase que minha gravidez toda afastada do trabalho.. Só que eu não considero como um lazer que eu tava doente. Então era só em hospital, em casa, todo aquele cuidado médico, aí eu não...

Patricia – Você só não estava trabalhando na escola, né?

Márcia – É... mas, eu tinha que ir pra... Eu tinha uma rotina semanal com cardiologista, um monte de médico acompanhando, obstetra, cardiologista, me acompanhando semanalmente, por conta da gravidez que tinha risco de morte. E aí eu também não tive num, num... lazer nenhum durante esse período, da gravidez.

Patricia – Você fala da sua rotina... quando eu estive aqui você comentou que era bastante puxado, você tava trabalhando muito, tava fazendo obra. Agora você comenta que isso mudou, ainda teve o acréscimo da neném, mudou, mas, não quer dizer que tenha melhorado...

Márcia – Não...

Patricia – Ficou diferente...

Márcia – Ficou diferente.

Patricia – A rotina que você tem em casa, as obrigações que você tem em casa, seu marido colabora com você?

Márcia – Colabora, né. Mas... é aquele tipo de coisa, ele faz quando ele tá... com vontade, né? Ele é mais de ficar com menina assim, com a menina, do que me ajudar nas tarefas de casa.

Patricia – Ele faz o que, Márcia?

Márcia – Ele trabalha numa empresa química.

Patricia – Ele continua trabalhando como químico?

Márcia – Continua.

Patricia – E tem muito tempo que ele tá nessa empresa?

Márcia – Não. Tem... quase três anos.

Patricia – Onde é a empresa?

Márcia – É a Vedacti, lá no Porto Seco.

Patrícia – E como é que ele vai pra o trabalho? Como você, ele vai de ônibus também?

Márcia – Vai, vai de ônibus, vai com o ônibus da empresa.

Patrícia – Ele fala da rotina dele de trabalho, essas coisas? Vocês têm tempo de conversar sobre isso?

Márcia – Dificilmente ele fala sobre trabalho. Ele fala sobre trabalho dele não sobre as coisas profissionais, mas, sobre alguma coisa que acontece, uma conversa com um colega, ou... algum desentendimento com um colega... Assim, mas sobre o trabalho dele, não.

Patrícia – Ele também gosta do trabalho como você gosta do que faz?

Márcia – Gosta. E como gosta.

Patrícia – Então, nesse ponto vocês tem sorte...

Márcia – É, graças a Deus!

Patrícia – Quando eu cheguei aqui, você comentou por alto, e agora também na sua fala dá pra perceber a questão do tempo. Que o tempo é insuficiente pras coisas que você precisa fazer, né? Me fala um pouco mais sobre isso, a questão do tempo na sua vida.

Márcia – Tempo? Acho que o dia deveria ter... Se tivesse 30 horas, dia, seria insuficiente (risos) Mesmo porque acho que meu, meu, meu físico não suportaria isso. Acho que o tempo passa muito rápido, o tempo passa muito rápido, e a gente não consegue fazer... Por exemplo, você estabelece... Eu, por exemplo, no dia anterior eu faço o meu, o meu... como é que chama, meu Deus? A minha organização do dia seguinte mentalmente. Não, amanhã vou fazer isso, isso, isso... Minha agenda mental. Vou fazer isso e, às vezes, não dá tempo. Que eu planejo uma coisa, chega acontece os imprevistos e eu acabo não concluindo, fica pro outro dia. Aí acumula: o que eu teria que fazer no outro dia, mais o que sobrou do dia anterior. Então, a questão de tempo hoje... é o que eu não tenho... tempo pra nada! Quer dizer, as coisas... que eu já tenho, já ocupa todo o meu tempo, entendeu? Se eu coloco alguma coisa extra, algo vai ficar sem fazer.

Patrícia – Na época em que a gente conversou, você tinha vindo morar aqui tinha pouco tempo, se não me engano, fazia oito meses. O fato de você ter vindo morar aqui você acha que interferiu nessa coisa do uso do tempo?

Márcia – Muito! Porque eu morava aqui e trabalhava na Ribeira! Isso até agora, dezembro agora. Eu me desliguei de lá mês passado. Tanto que eu to no aviso, mas eu já to trabalhando em outro lugar. Quando eu saí de lá, no outro dia eu já, já, graças a Deus, eu consegui outro, outro trabalho. Então, eu passava em média quatro horas só no trânsito. Quatro, quatro horas e meia só no trânsito. Aí eu já ganhei do meu dia quatro horas e meia. Esse horário eu tá em casa, era muito difícil. Era quase impossível você me encontrar esse horário em casa. Nem lembro, acho que quando você veio aqui foi no finalzinho do dia...

Patrícia – Foi. Foi num fim de tarde.

Márcia – E foi num dia que eu cheguei mais cedo. Eu chegava aqui em torno de nove e meia, dez horas da noite.

Patrícia – Como é que você avalia hoje morar aqui?

Márcia – Hoje eu já acho melhor. Tem a questão do trabalho ser próximo, mais próximo da minha casa, a qualidade de vida aqui, onde eu moro...

Patrícia – É melhor do que onde você antes morava?

Márcia – É melhor, com certeza, sem dúvida. Eu gosto daqui por conta disso. Eu acho o custo de vida muito alto... Mas, a qualidade de vida também é melhor.

Patrícia – O que você está chamando de qualidade de vida?

Márcia – Assim... o acesso às... Assim, por exemplo, eu não tenho aqui, no meu bairro, risco de deslizamento de terra. Aqui quando chove, é um caos, alaga tudo!

Patrícia – Alaga mesmo...

Márcia – Mas, é diferente de você morar num bairro periférico. Que tem aquele aglomerado... de pessoas, aquela zoadada, aquela... sabe?

Márcia – Como onde você morava?

Patrícia – Onde eu morava... Mesmo sendo o local onde eu morava, o melhor local do bairro...

Patrícia – Qual era o bairro mesmo, Castelo Branco?

Márcia – É, Castelo Branco. Mesmo sendo considerado o melhor local do bairro, onde tinha as melhores casas, tudo. Mas, quando chegava os finais de semana... Era aquele inferno! Então, se eu já não conseguia descansar, piorava mais ainda a minha situação. Então, aqui eu consigo ter paz e isso pra mim, paz, ela, ela engrandece muito minha qualidade de vida. Você ter sossego. No momento em que eu tiver parada aqui, eu quero sossego. Quero paz, quero tranquilidade. E lá não conseguia, entendeu?

Interrupção para atender o telefone.

Patrícia – Retomando, você estava falando que aqui você sente paz, que é melhor do que onde antes morava.

Márcia – Do que lá, é.

Patrícia – Você falou também que...

Márcia – O que me incomoda é o custo de vida, que é muito alto.

Patrícia - Você falou também que gosta muito do que faz, que ama o que faz.

Márcia – Amo, é...

Patrícia – Queria que você falasse um pouco... você falou de sua vida hoje, quais são seus sonhos? Em relação à sua profissão, em relação à sua família...

Márcia – Olha, em relação à minha profissão, quero fazer mestrado, quero fazer doutorado. A partir desse ano que vem já vou focar nisso, porque eu não vou mais ter filhos, já encerrei, né? Meu papel de... não papel de mãe, mas, de ter filhos...

Patrícia – Sei.

Márcia – Então, acho que agora vai dar pra eu começar. Entendeu? Enquanto eu ainda to jovem porque quanto mais agente vai envelhecendo, mais vai dando preguiça... de, de pensar e ir em busca de certas coisas. Então, agora eu quero focar... Esse ano que vem eu quero começar a fazer o mestrado. Se eu não conseguir fazer aqui, eu quero fazer no exterior, entendeu? Mas, eu quero focar nisso. Mestrado..., primeiro. E depois, o doutorado, se Deus permitir.

Patrícia – E por que você quer fazer um mestrado e um doutorado?

Márcia – Pela qualificação. E buscar... melhor remuneração no mercado de trabalho. Por exemplo, eu, eu vou fazer docência agora no segundo semestre, vou começar um curso de docência do ensino superior.

Patrícia – Sim.

Márcia – E aí eu quero fazer um mestrado pra pleitear uma vaga numa faculdade, pra dar aula em faculdade. Continuar dando aula, fazendo o que eu amo! Só que em um, posso qualificar assim, num nível maior. Entendeu? Melhor. Onde eu possa ser melhor remunerada. Mais por conta disso. E também por conta de conhecimento, porque eu gosto de pesquisa, eu gosto de pesquisar! Entendeu? Então eu acho isso vai me levar, né, a

buscar, a pesquisar mais, a fugir, né, é, é um pouco... porque o que eu busco, o que eu pesquiso, tá relacionado ao nível de ensino que eu vou passar pros meus alunos, eu quero com um nível de ensino pra mim.

Patricia – Certo.

Márcia – Entende? O meu nível é, é, é... educacional. E não pro nível... Quer dizer, conseqüentemente, eu vou repassar isso, né? Mas eu tenho que buscar pra mim primeiro. Pra eu passar, depois que tiver esse conhecimento. Então eu busco é... relacionado ao financeiro e ao crescimento cultural, aprender mais.

Entrevista 5

Data: 01/03/2016 Duração da entrevista: 24 min.

Local: lugar de trabalho da entrevistada

Entrevistado: Ana Lima, 39 anos

Observações iniciais:

Quando liguei para Ana, ela não lembrava que de nosso contato anterior - foi uma das pessoas a quem apliquei ao questionário. Depois disse que seria difícil receber-me por conta de seus horários apertados. Contou que tinha aberto sua escola e que estava muito ocupada. Pediu um tempo para pensar em alguma possibilidade e fiquei de retornar a ligação. Enfim, marcamos uma data, porém, no dia combinado quando entrei em contato para confirmar o horário, fala que havia esquecido e não sabia onde iríamos poder conversar. Após alguns segundos de silêncio ao telefone, confirmou que poderia me atenderia no seu local de trabalho.

Ana é muito simpática. Sorridente, antes mesmo de iniciar a entrevista, diz que a escola está indo bem, apesar de estar no começo. Mostra-me como a filha cresceu (eu já a havia conhecido antes) e procura ver onde poderíamos ficar mais tranquilas para a conversa. Acabamos por ficar na secretaria.

Quando lhe peço para preencher o termo de autorização, solicita que eu lhe informe que tipo de perguntas será feita e se tenho um roteiro. Como minha resposta foi afirmativa, pede para lê-lo e, feito isso, assina o termo. Iniciamos, então, a entrevista.

Ela está muito feliz com seu trabalho e com o fato de ter conseguido abrir a escola. Agora, diferente de antes quando era técnica em enfermagem, pode fazer seus horários, planejar as férias e, sobretudo, ficar ao lado da filha. Este foi o motivador central de optar por essa atividade. Para ela, no presente, trabalho é prazer. Está encantada com a possibilidade de lidar com crianças cotidianamente.

Sua vida é corrida. Além da escola, exerce as atividades de dona de casa e faz faculdade. Para poder cursá-la, teve que fazer um curso à distancia. Não tem tempo para frequentar as aulas e dedica-se aos estudos à noite – após a filha dormir – e nos fins de semana. Mas, não reclama. Ao contrário. Está realizando seu sonho.

Lazer para ela é estar com a família. Seu relaxamento está em reunir-se com seus parentes, ficar com as “pernas pra cima” e ver a filha brincar.

Transcrição da entrevista

Patricia Chame Dias – Ana, você tem quantos anos?

Ana Lima – Estou com 39.

Patricia – Casada, solteira...

Ana – Casada.

Patricia – Um filha?

Ana – Uma filhinha de três anos.

Patricia – Quando a gente conversou há um tempo atrás, você falou que tava querendo abrir esse negócio...

Ana – Isso.

Patricia – Essa escola...

Ana – A gente tava no projeto da escola, eu e minha mãe, é... E tivemos o apoio da família, também, né. E hoje, graças a Deus, há um ano atrás, né, abrimos a escola, com poucos alunos e, graças a Deus, hoje, tivemos um bom retorno, satisfação dos pais. E isso, graças a Deus, foi bem gratificante.

Patricia – Você tem formação superior, né?

Ana – Não. Estava estudando, administração. Tive que trancar, o curso, na época, por causa de minha filha, que eu estava grávida e aí... passei a começar... Aí fiz também... Sou também técnica de enfermagem e... larguei a profissão de enfermagem e...

Sua filha chega com a avó e vem falar com ela. Mostra o que comprou para o lanche. Ela pede para que a menina vá brincar no parquinho.

Ana - E aí (risos) sim...

Patricia – Você falou que teve que largar...

Ana – É, a enfermagem. E aí foi quando eu conheci... Tínhamos uma franquía, que minha mãe, terminou o curso eu tomei a administração. Na época fazíamos juntas, só que ela terminou e eu não... Porque veio Mariana. Na época, também eu trabalhava, já, como técnica de enfermagem. Aí a gente abriu uma franquía, terminou o contrato da franquía e tivemos a ideia da escola. E aí eu decidi começar pedagogia.

Patricia – Sim...

Ana – E hoje eu faço pedagogia na Maurício de Nassau... Então, abrimos a escola. Temos também uma diretora pedagógica que nos apoiou na época, e é ela que toma conta, hoje, da parte pedagógica. Minha mãe administra a parte financeira, e eu dou esse suporte é... auxílio, as turmas, né. Dou um suporte na parte da secretaria e atendimento aos pais.

Patricia – E o que significa pra você, no caso você saiu da área que você atuava, era área de enfermagem, pra entrar na área de educação. O que isso significou pra você?

Ana – Ah, muita coisa. É... é... eu tenho mais prazer no que eu faço. Não que eu não tinha antes, mas, o reconhecimento do seu trabalho é diferente. Na área de enfermagem, no meu caso...

Patricia – Como assim?

Ana - (baixa o tom de voz) como é que eu posso explicar... A valorização do trabalho. Acho que a palavra é essa.

Patricia – Sim.

Ana – Eu, eu, eu me sentia dessa forma. Não sei se todos sentem. Mas, eu tinha prazer no que eu fazia.

Patricia – Você se sentia desvalorizada? Já que você falou da diferença de valorização.

Ana – É... é também a questão emotiva, a questão de querer fazer mais e não poder. Que tem umas, umas... como posso falar... a palavra correta... É... (pausa) Eu sinto falta, do que eu fazia!

Patricia – Sim.

Ana – Tanto é que eu larguei mesmo! Larguei mesmo o que eu fazia. E a questão da minha filha, né? A questão de dar uma boa educação pra ela, o fato de dar uma boa educação pra ela. O fato de abrir uma escola foi também pensando nela. Que eu tive uma experiência não muito boa em outra escola, e aí eu não queria que minha filha passasse por aquilo.

Patricia – Certo...

Ana – Então, eu ficava muito preocupada. E ela tá estudando na escola... tá perto de mim, né? O prazer que a gente tem com criança... Depois que eu fui mãe, eu tive essa outra visão.

Patricia – Pensar sempre no filho, né?

Ana – Um hum. E aí adequei ao que eu gostava, porque eu sempre gostei de criança. E, enfim, foi isso.

Patricia – Mas, sim, você mudou de área, o que pelo que entendi teve uma motivação...

Ana – É a minha filha...

Patricia – Pessoal...

Ana – É pessoal

Patricia - Foi mais pela Mariana?

Ana – É, é... e gostar de educação porque, depois da Tutores, que trabalhávamos já com crianças, eu, eu... eu... é, como é? É aflorou, né, esse lado pra... pra educação.

Patricia – Que você desconhecia?

Ana – Que eu desconhecia.

Patricia – O que é trabalho pra você?

Ana – (pausa) Eu gosto muito do que eu faço. Hoje. Acho que quando você gosta do que faz, independente do (faz um gesto com os dedos indicando dinheiro). Eu sei que dinheiro a gente necessita, né. Hoje mesmo a gente investiu, eu investi o que eu tinha, minha mãe investiu o que ela tinha na escola, e hoje a gente tem prazer no que faz. A gente chega aqui todo dia como se fosse o primeiro dia. E acho que isso pra mim, é importante.

Patricia – Então, hoje pra você trabalho é lazer... prazer?

Ana – Prazer. Lazer ainda não. Que eu me dedico de domingo a domingo. À escola. Mas, no futuro, com certeza, eu vou ter um lazer e pensando sempre na minha filha. Em dar uma boa condição pra ela, uma boa faculdade, enfim. (em tom baixo) E quando fazia enfermagem, eu não tinha essa condição, não (faz um gesto com os dedos indicando dinheiro). (risos) Então, é isso.

Patricia – Então, juntou... prazer com a parte financeira.

Ana – É.

Patricia - Aí, você falou que trabalha de domingo a domingo. Então quando você sai da escola, como está sendo sua vida fora da escola?

Ana – Olha, em casa, eu procuro esquecer um pouco. Viver família. Viver casa, viver marido, filho... Mas, a gente sempre tá pensando em algo pra melhorar, porque ainda estamos no início ainda. Esse, esse é o segundo ano. Tem muita coisa ainda que a gente quer ajustar, ajeitar. Melhorar ali. “Não, ali, vamos...né?” Então, a gente precisaNegócio você tem que tá sempre melhorando. Qualquer aspecto. É funcionário, é... estrutura...planejando... Eu tenho muitas reuniões com minha mãe. Final de semana, até sentada na varanda a gente faz uma reunião (risos).

Patricia – Em casa?

Ana – Em casa... Então, é isso. Eu curto muito família, final de semana. Não sou muito de ir pra festa. Esse ambiente familiar, eu curto bastante. E ali que é meu lazer.

Patricia – É porque antes você, quando você morava aqui, você disse que seu lazer era muito em casa, você sinalizou a piscina, a área que você tinha...

Ana – Adoro, adoro.

Patricia – E como é que tá isso hoje? Que você perdeu esse espaço...

Ana – Mas, o lazer é em casa mesmo. O lazer, pensei que cê tava falando de viajar, essas coisas...

Patricia – É o que é lazer pra você.

Ana – É em casa. Ficar com a família. Sempre gostei de ficar com a família. Ir pra casa da minha mãe, sentar na varanda, conversar... É... bater papo, ver a filha brincando ali, brincando na piscina da casa dela. Pra mim, lazer é isso. É a hora que eu relaxo mesmo. Eu viajo, de vez em quando, eu viajo. Mas, o que eu gosto é da família, do ambiente familiar, é o que eu gosto.

Patricia – Você falou que pra você trabalho é prazer

Ana – É também...

Patricia – E lazer é estar com a família, é isso mesmo?

Ana – É (risos).

Patricia – E como é que fica pra você, trabalhar com sua mãe? Há uma confusão nesses vínculos?

Ana – Não, nós nos entendemos em tudo. Sabemos dividir as coisas, né? É... Meu marido me apoia, né, que sabe da, da questão da minha filha, que ela é tá presente, né, em tudo que a gente faz. Minha mãe, meu irmão, apesar de tá longe, quando a gente tá aqui, a gente procura dividir as coisas. Mas, a gente se entende muito, até porque eu tive apoio da família pra gente ter o que tem hoje. Todo mundo ajudou aqui, um pouquinho. Então... enfim, foi isso.

Patricia – Voltando um pouco pra, pra questão de fora do trabalho, vou retomar como você falou, você trabalha de domingo a domingo...

Ana – Isso.

Patricia – E disse que quando era auxiliar de enfermagem também trabalhava muito, a sua vida social, seu lazer, de alguma maneira mudou quando você resolveu abrir seu negócio?

Ana – Sim. Mudou porque eu que faço o meu horário. Eu tenho o horário da escola, o ano letivo, e aí eu consigo planejar. Eu... a questão da... o trabalho como técnico de enfermagem, eu trabalhava de noite, eram plantões. Não tinha um horário, é... Eu trabalhava dia de Natal, trabalhava no Ano Novo, trabalhava... quando se dedica, né?

Patricia – Sim.

Ana – E quando é saúde, a gente não pensa na... hoje é feriado, hoje é domingo, hoje... Não. A gente tá ali pra cuidar. Independente disso. Quantos Natais eu passei trabalhando? Quantas viradas de ano? E com maior prazer, também, na época (pausa). E hoje não, a gente... eu tenho esse horário livre, né? Terminou o ano letivo, aí a gente descansa, então, é tudo planejado. Posso planejar agora uma viagem grande. Eu posso. Antes eu não podia (risos).

Patricia – Interessante que a maioria das pessoas que tem seu próprio negócio, diz que é justamente o contrário.

Ana – É, mas, no caso... É porque é assim. A escola tem 200 dias letivos, né. Então, assim, tem um período que tem o recesso São João, tem o recesso de carnaval, tem o recesso é... natalino, né. Então assim. E tem o retorno às aulas. Esse período de recesso a gente... Esse ano eu não tive como viajar, porque eu estava estruturando a escola. Eu fiz reforma, como você pode ver.

Patricia – Um hum.

Ana – E aí eu... Agora não! Ano que vem, não. Eu acho que já to planejando uma viagem maior... E as coisa tão melhorando... (faz um gesto com os dedos indicando dinheiro) (risos). E é isso.

Patricia – E agora vamos falar um pouquinho..., antes a gente falou do bairro também, né? O fato de estar aqui...

Ana – Eu gosto muito daqui. Aqui tudo é perto, como eu falei da outra vez.

Patricia – Sim.

Ana – É... tanto é que eu saí daqui, estou morando aqui atrás.

Patricia – Pertinho.

Ana – Porque eu não quis sair desse lugar. É... eu gosto da, da, das pessoas, da vizinhança, eu gosto de ter o mercado... Porque eu sou muito caseira, né, tem um ambiente familiar. Eu gosto de tá em casa, botá a perna pra cima e ficar ali no sábado de tarde..., receber a família... Então, assim, o bairro ele, ele... Cê vê, eu saí pela rua e é “bom dia”, “bom dia”, “bom dia”. É, é aquele ambiente familiar. Eu gosto por isso. É diferente como quando você tá... Deixa eu pensar aqui... É que eu não gostei quando eu fui visitar. Patamares, né. Você não vê, pessoas na porta de casa, como eu vejo aqui. Aqui eu vejo. Família na porta de casa, assim. Eu tenho, eu tenho, eu tenho como sair e voltar. Apesar de eu saber que tem regiões aqui preocupantes, né?

Patricia – Certo.

Ana – Você tem que ter um cuidado pra chegar em casa. Mas, eu gosto daqui. Eu gosto. Eu não pretendo sair daqui tão cedo. Já to pensando em comprar até uma casa aqui (risos).

Patricia – Vai ficar por aqui mesmo...

Ana – (risos) Por aqui mesmo.

Patricia – Sua rotina em casa, como é?

Ana – Eu acordo sete da manhã. Minto, eu acordo seis da manhã. Sete da manhã eu to na escola. Aí o marido traz a filha. E aí eu fico aqui até as dezoito, que eu que entrego as crianças. Mesmo eu tendo funcionária pra isso, eu tenho que tá de olho. Nesse horário, minha mãe também fica... a gente sempre se ajuda aqui. E aí chego em casa, faço o jantar, arrumo a casa, marido, filho, arrumo as coisinhas de Mariana pro outro dia, e aí vou estudar. Quando pego meu computador, aí Mariana dorme, e eu vou estudar.

Patricia – E que horas você tá fazendo faculdade?

Ana – É isso. Tive que trancar a presencial, que a escola necessitou mais de mim. Estou transferindo pra à distancia. Porque a presencial, eu não tive como continuar... da forma como eu estava. E à distância ficou melhor porque eu já fiz à distância e sei como é. Fiz administração à distância.

Patricia – Sim.

Ana – E isso dedica mais da gente, dedica. Mas, você tem como é, é, é definir seu horário. Então, eu tenho aquele horário de domingo pra estudar, eu tenho aquele horário no sábado pra estudar e as noites. É bom. Dá até soninho depois... Que se descansa bem estudando, lendo. E aí, das nove às dez e meia, meia noite, mais ou menos, no máximo, eu to estudando.

Patricia – Está muito puxado pra você, né?

Ana – Não, porque eu gosto quando começo a ler. Eu gosto. Eu ali vou, começo a fazer trabalho ali mesmo... E meu marido também é advogado e ele tá sempre... trabalhando em casa, vendo alguma coisa. Então, a gente, “oh bem, cê vai pra lá, eu vou pra cá”. Ele pega o dele e eu pego o meu (risos). Temos nossos momentos normais, né, de casal, graças a Deus, tá mais tranquilo. Na época que era curso técnico, ele também era policial (fala bem baixinho), ele não gosta que fale disso, e aí ele, ele trocava plantão e eu também, às vezes quase a gente quase não se via, que ele tinha o plantão dele, eu tinha o meu. Tinha semana que a gente ficava um longe do outro, agora não.

Patricia – Quando ele tinha outra profissão, ele já tinha nível superior?

Ana – Tava terminando. Aí foi quando ele largou essa profissão, para ser advogado... Ele tava estudando, né.

Patricia – Então, no caso de vocês dois, o nível superior, você em curso e ele concluído, fez com que tivessem uma alteração significativa na rotina..

Ana – Claro, claro.

Patricia – E afora isso, você falou que quando chega fim de semana, é com a família, conversando de trabalho ou não, mas...

Ana – É, mas, é uma conversa tranquila, não é aquela coisa que você tem que sentar, num escritório. É aquela coisa, você sentá num sofazinho, colocar perninha pra cima, assim, “mamãe...” (risos)

Patricia – Você ainda está na fase de encantamento...

Ana – É.

Patricia – Que bom.

Ana – Eu to encantada. To com muito prazer. Muito! E vendo as pequeninhas entrando, com aquele sorriso, puxando sua mochilinha... Ah! Gente é uma maravilha!

Patricia – É gostoso, né?

Ana – Tem uma luz cada criança, né? A inocência. Isso é gostoso demais. Tem minha filha que tá crescendo, eu aproveito os pequenos (risos).

Patricia – Mas ela ainda é bem pequeninha...

Ana – Tá crescendo, já tá com três anos!

Patricia – Você sente falta de alguma coisa em relação ao lazer, por conta do ritmo que a sua vida vem ganhando, embora você diga que tá bom, que você sente prazer...

Ana – Ao lazer... senti falta de... eu queria ver mais meu pai, que mora distante. Minha mãe é separada, então é uma coisa que eu sinto falta, de poder tá mais... perto dele. Mas, esse ano eu consegui ir, em Paulo Afonso. É... graças a Deus, colocaram um avião pra lá, né?

Posso pegar um voo, e aí, e aí eu tive condições de ir. Que antes, era difícil. Daqui pra Paulo Afonso é doze horas. Então, esse lazer, essa coisa que eu gosto, da família. Ficar perto do meu pai, dificultou um pouco. Mas, ele entendeu, né? E qual o pai que não quer o bem de um filho? E ele me apoia aqui, graças a Deus, esse whatsapp também é também uma maravilha, ajuda muito a gente (risos).

Patricia – Toda hora tá se comunicando, com um custo...

Ana – “Oh, papai aqui!” Então, é isso. Mas o que eu sinto falta hoje, é tá mais perto dele, né. Por ele tá distante, são separados, e eu não poder tá mais perto, de viajar sempre. Mas, por enquanto...

Patricia – Em termos profissionais, o que você espera? Qual é seu sonho?

Ana – Bom, um deles eu já realizei, né, a escola está em andamento, o retorno tá sendo gradativo, é... O prazer de tá trabalhando, já conquistei, e agora é... eu terminar minha faculdade. Porque como você sabe, não terminei a administração e eu tenho que terminar meu curso superior. Essa é uma meta minha. E me especializar, psicopedagogia... enfim. Na época, eu vou decidir. Educação infantil, eu quero estar sempre me especializando na área de educação. Eu acho que eu me apaixonei (risos).

Patricia – É paixão com certeza.

Ana – A gente tem que ter um direcionamento. E eu, eu sempre elogio minha mãe porque ela é uma guerreira. E ela disse “não minha filha, pense positivo! Não fale que você não vai conseguir. Fale que você vai conseguir. Cê consegue”. É um sonho dela, e hoje ela tá realizando. Ela queria se formar, na época em que ela era, quando ela queria ir pra faculdade, o pai dela olhava pra ela e dizia “pra quê?”. Ela queria fazer magistério, “pra quê? Você vai voltar com o diploma nos braços?”. Então, assim, muita ignorância, então, ela não fez faculdade, ela foi estudar pra sair de casa, aí passou num concurso, e aí foi quando casou, teve a mim e meu irmão. Então, assim, ela sempre lutou, né (pausa). E eu tenho ela como exemplo de vida pra mim.

Interrupção. Ana foi atender a um pai que chegara na escola.

Patricia – E ela tava fazendo faculdade junto contigo, né?

Ana – É. Administração. E ela, e ela se formou e eu não (risos). Porque eu arrumei Mariana (risos).

Patricia – É, mais ou menos a mesma história...

Ana – Que eu casei, e tava com dificuldade de engravidar. E aí já tinham três anos que eu não conseguia engravidar, enquanto isso, tava estudando. Só que aí, eu perdi um bebê. E aí foi quando veio Mariana. Então, eu fiz de tudo pra segurar minha filha. E larguei mesmo! Larguei, tranquei a faculdade e acabei não retornando, né? Porque era tudo pra minha filha, pensava nela o tempo todo. Cuidava dela, eu lia, eu procurava fazer tudo por ela. Ainda procuro. Mas, assim, aquele cuidado extremo por ter perdido uma criança. Um bebê de dois meses. Perdi. Uma sensação...

Patricia – É uma sensação de perda...

Ana – É horrível, horrível. Não desejo a ninguém. Então, assim, é... foi por isso que eu não, não me... terminei meu curso.

Interrupção. Ana precisou atender o telefone.

Patricia – Você já falou pra mim, mas a gente não gravou, né, você falou de sua mãe, que sempre lhe deu apoio. E seu pai?

Ana – É, na verdade eu tive uma... discussão com meu pai quando era mais jovem. Que eles se separaram e eu fiquei pro lado de minha mãe, e aí, pai, né, ficou sentido. Ele era

meu exemplo, tinha muito carinho por ele... Dessa discussão, eu acabei vindo com minha mãe pra Salvador, ele ficou lá.

Patricia – Você morava em Paulo Afonso?

Ana – É, morava lá. Aí e foi... (pausa)

Patricia – A vida seguiu

Ana – A vida seguiu e tudo se resolveu, só que eu precisava de mais ajuda dele. Foi quando ele se dispôs a me ajudar. Eu pedi. Meu pai... Ele, ele tinha condições de me ajudar, foi quando eu pedi. E ele, ele me ajudou, então, essa escola, eu também devo muito a ele. Por ter ajudado a gente. Que sempre pelo fato de ter minha mãe perto, ele sempre foi reticente em me ajudar, achando que ia pra ela. E aí, graças a Deus, ele entendeu. Precisou vir aqui, eu mostrar o projeto que a gente tinha feito. E graças a Deus, deu certo.

Patricia – Então, a escola acabou simbolizando também a união de vocês.

Ana – É. Muito...